

CADERNOS DE PESQUISA DA FFLCH, N. 1

# DESTAQUES DA PRIMEIRA ETAPA DO 28º SIICUSP (2020)



ORGANIZAÇÃO  
ALFREDO PEREIRA DE QUEIROZ FILHO



**fflch**

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CADERNOS DE PESQUISA DA FFLCH, N. 1

# **DESTAQUES DA PRIMEIRA ETAPA DO 28º SIICUSP (2020)**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Reitor:** Carlos Gilberto Carlotti Junior

**Vice-Reitora:** Maria Arminda do Nascimento Arruda



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**Diretor:** Paulo Martins

**Vice-Diretora:** Ana Paula Torres Megiani

COMISSÃO DE PESQUISA (Gestão 2021-2022)

**Presidente:** Alfredo Pereira de Queiroz Filho (DG)

**Vice-Presidente:** Marcelo Módolo (DLCV)

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária

05508-080 – São Paulo – SP – Brasil

Tel. (11) 3091-0458

e-mail: editoraffch@usp.br

DOI 10.11606/978857506426-9

CADERNOS DE PESQUISA DA FFLCH, N. 1

# DESTAQUES DA PRIMEIRA ETAPA DO 28º SIICUSP (2020)

ORGANIZAÇÃO  
ALFREDO PEREIRA DE QUEIROZ FILHO



**fflch**

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2022

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo  
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

D476      Destaques da primeira etapa do 28º SIICUSP (2020) [recurso eletrônico]  
/ Organização: Alfredo Pereira de Queiroz Filho. -- São Paulo : FFLCH/  
USP, 2022.  
1.707 Kb; PDF. -- (Cadernos de pesquisa da FFLCH ; n. 1)

ISBN 978-85-7506-426-9  
DOI 10.11606/978857506426-9

1. Pesquisa científica. 2. Iniciação científica. 3. Congressos. 4. Licenciatura em língua alemã. 5. Mulheres - História. 6. Fome - Idade média. I. Beauvoir, Simone de (1908-1986). II. Simônides (ca. 556-467 a.C.). III. Queiroz Filho, Alfredo Pereira de. IV. Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade de São Paulo - SIICUSP. V. Série.

CDD 001.4



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

*Coordenação Editorial e Capa*  
M<sup>a</sup>. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

*Projeto Gráfico e Diagramação*  
Selma Consoli – MTb n. 28.839

## Sumário

Apresentação .....	6
<i>Alfredo Pereira de Queiroz Filho</i>	
Licenciatura em língua alemã: processos de conscientização no/do planejamento de aulas .....	8
<i>Ana Clara Neves Silveira</i>	
A passagem de Simone de Beauvoir pelo Brasil .....	32
<i>Beatriz Chaves Dias</i>	
<i>Higía</i> : A representação da saúde em Simônides e Píndaro .....	59
<i>Gabriel Apostólico Carra</i>	
“ <i>Em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas...</i> ” .....	82
<i>Mariana Rodrigues de Vita</i>	
Fome e Abastecimento em Portugal no Final da Idade Média (1270-1496) .....	95
<i>Rudyard Rezende Vera</i>	

## Apresentação

Este Caderno de Pesquisa contém trabalhos de Iniciação Científica que foram contemplados com menção honrosa pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

As pesquisas foram apresentadas no 28º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo (SIICUSP), em 2020, tiveram seu mérito reconhecido por especialistas, mas não foram indicadas para participar da fase internacional do referido evento, em decorrência de um problema técnico involuntário.

A referida distinção e a presente publicação foram decisões unânimes da Comissão de Pesquisa (13/06/2021) e da Congregação da FFLCH (16/06/2021). Podem ser consideradas como uma justa reparação, uma forma alternativa de reconhecimento do valor das pesquisas.

Ana Clara Neves Silveira Letras, do Departamento de Letras Modernas, analisou a “Licenciatura em língua alemã: processos de conscientização no/do planejamento de aulas”. Buscou contribuir para aprimorar a formação inicial de professores/as na Universidade de São Paulo (USP) e oferecer uma qualificação mais completa, de forma a viabilizar sua autonomia (antes, durante e após) na vivência em sala de aula (Praxis).

Beatriz Chaves Dias, do Departamento de Filosofia, pesquisou “A passagem de Simone de Beauvoir pelo Brasil”. Buscou reconstruir os passos de Beauvoir no Brasil, em 1960, através de seus diários, correspondências, fotografias e materiais históricos.

Gabriel Apostólico Carra, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, desenvolveu a pesquisa intitulada “Higía: a representação da saúde em Simônides e Píndaro”. Analisou e comentou a representação da saúde, *hygieia* (ὕγεια), em composições mélicas dos poetas Simônides de Ceos e Píndaro da Beócia, ambos do período tardo-arcaico grego (séculos VI e V a.C.).

Mariana Rodrigues de Vita, também do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, elaborou o trabalho “Em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas...” Analisou escritos de mulheres e escritos sobre mulheres na América Portuguesa, sob a perspectiva historiográfica, no contexto colonial.

Rudyard Rezende Vera, do Departamento de História, avaliou a “Fome e abastecimento em Portugal no final da Idade Média (1270-1496)”. As menções à fome e à carestia nas fontes portuguesas da Baixa Idade Média permitiu relacionar as guerras com os fenômenos de abastecimento. Assim, a carestia não deveria ser interpretada como resultado exclusivo da má qualidade do solo e da improdutividade agrícola portuguesa na Baixa Idade Média. Os cronistas parecem afirmar que a carestia, nos séculos XIV e XV, têm sua origem mais associada à ação humana e política.

Boa leitura!

*Alfredo Pereira de Queiroz Filho*  
Comissão de Pesquisa – FFLCH/USP

# Licenciatura em língua alemã: processos de conscientização no/do planejamento de aulas

*Ana Clara Neves Silveira*

**RESUMO:** Esta pesquisa de Iniciação Científica (*IC*) teve como objetivo refletir sobre a formação inicial de professores na Universidade de São Paulo (USP) a partir da análise de planejamentos de aula, a fim de responder como se dão os processos de conscientização do planejamento de aula pelos futuros professores de Alemão como Língua Estrangeira (DaF) durante a sua formação inicial, nosso corpus consistiu nos planejamentos de aula de alemão (e suas versões) desenvolvidos por estudantes de Licenciatura em Alemão da USP na disciplina “Atividades de Estágio: Alemão”, ministrada pela Prof. Dra. Dörthe Uphoff no segundo semestre de 2019. Os planejamentos seguiram o modelo de planejamento proposto no “Módulo 6: Diretrizes curriculares e planejamento de aula” (DLL 6) desenvolvido pelo Goethe-Institut e foram analisados a partir dos aspectos: objetivos de aprendizagem (*Lernziele*), fases de aula (*Unterrichtsphasen*) e administração do tempo (*Zeitmanagement*). Os resultados encontrados ressaltam o planejamento como algo complexo que envolve uma grande variedade de aspectos, principalmente no que diz respeito à definição e classificação dos objetivos de ensino e à consciência dos novos-professores sobre o tema. Concluímos que há muita utilidade no uso desse modelo como ferramenta de apoio no processo de conscientização do planejar, mas que este também apresenta limitações, como o foco na horizontalidade (atividades, materiais, mídias etc.) e não da verticalidade da aula, ou seja, nas fases de aula e seus ritmos, por exemplo. Constatamos um aprofundamento da consciência sobre as funções da fase inicial da aula e da importância desta para um bom andamento da aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Licenciatura em língua alemã; atividades de estágio; planejamento de aula.

## INTRODUÇÃO

Esse relatório final de Iniciação Científica (IC) apresenta o trabalho de pesquisa realizado entre abril e outubro de 2020, os seis meses finais da pesquisa, que teve como objetivo principal: contribuir para aprimorar a formação inicial de professores/as na Universidade de São Paulo (USP), e oferecer a eles/as uma qualificação mais completa que viabilize sua autonomia antes, durante e após a vivência em sala de aula (Praxis). Para alcançar esse objetivo geral, elaboramos cinco objetivos específicos, os quais reproduzimos a seguir, sendo os três primeiros já contemplados no relatório parcial de pesquisa e os dois últimos – d) e e) – neste relatório final:

- a) identificar e estudar a bibliografia existente sobre o planejamento de aula de Alemão como Língua Estrangeira (ALE);
- b) recolher o *corpus* composto de duas versões de dois planejamentos consecutivos de aula de alemão para duas turmas de língua alemã dos Centros de Estudo de Línguas (CEL) da Rede Pública, que foram elaborados pelos/as estudantes da disciplina de “Atividades de Estágio: Alemão” durante o segundo semestre de 2019;
- c) organizar o *corpus* recolhido, de modo a otimizar a análise desse;
- d) analisar o *corpus*, buscando identificar como se dão os processos de conscientização no e do planejamento de aulas na formação inicial de professores/as de alemão na USP; e
- e) interpretar os resultados da pesquisa com o objetivo de otimizar as estratégias de ensino-aprendizagem da disciplina de “Atividades de Estágio: Alemão” em sua próxima edição no segundo semestre de 2021.

Tendo os dois últimos objetivos em vistas, descrevemos abaixo as atividades realizadas em cada um dos meses – de abril a outubro, respectivamente:

- a) **Abril:** durante a segunda metade do mês de abril finalizamos a elaboração escrita dos resultados da pesquisa bibliográfica realizada ainda durante a primeira metade da pesquisa, mas que não estiveram presentes no relatório parcial;

- b) **Maio:** realizamos a sistematização da presença do tema planejamento nas disciplinas da Licenciatura em Letras – a qual utilizamos para a formulação do artigo elaborado (ver mês de julho); e, a partir das leituras realizadas durante a primeira metade da pesquisa, realizamos também a escolha de critérios para analisar os planejamentos e suas versões;
- c) **Junho:** fizemos uma análise teste de parte do corpus para validar os critérios estabelecidos durante o mês de maio;
- d) **Julho:** planejamos, escrevemos e submetemos um artigo, em língua alemã, sobre os resultados alcançados na primeira metade da pesquisa para a Revista Projekt da Associação Brasileira de Professores de Alemão (ABraPA), o qual foi aceito e será publicado na edição de novembro de 2020<sup>1</sup> (tradução nossa, ver seção 3); além disso, como o artigo foi uma oportunidade e proposta surgidas após o planejamento inicial para realização da pesquisa, usamos esse período também para reorganizar o cronograma para os meses que se seguiram;
- e) **Agosto:** a partir dos critérios desenvolvidos, analisamos o corpus considerando tanto seus aspectos quantitativos quanto qualitativos, e interpretamos os resultados alcançados;
- f) **Setembro:** inscrevemos a pesquisa no 28º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP (SIICUSP); finalizamos a análise qualitativa do corpus; e iniciamos a estruturação e elaboração do relatório final de pesquisa;

---

<sup>1</sup> A produção do artigo fez a vez da apresentação oral da pesquisa prevista para o 11º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão (11. *Brasilianischer Deutschlehrerkongress*) que aconteceria no Colégio Visconde de Porto Seguro – Unidade Morumbi nos dias 29, 30 e 31 de julho de 2020, que foi cancelado devido à Pandemia do COVID-19. O tema geral do congresso era “O professor em foco: construindo a carreira do professor” (tradução nossa para *Auf die Lehrkraft kommt es an – Design der Deutschlehrerkarriere*). Nossa pesquisa se enquadraria na seção A1, intitulada “Ensinar e aprender a Língua: formação inicial de professores de alemão/ alemão em contexto universitário” (tradução nossa para *Sprache lehren und lernen: Deutschlehrerausbildung/ Deutsch im Hochschulkontext*).

- g) **Outubro:** finalizamos e entregamos o relatório final da pesquisa; e preparamos a apresentação oral e online da pesquisa no SIICUSP, prevista para acontecer na FFLCH entre os dias 9 e 13 de novembro.

Nas seções a seguir apresentaremos, nessa sequência, a metodologia utilizada durante a segunda parte da pesquisa para a análise do *corpus*, os resultados alcançados, e nossa análise final e conclusões.

## METODOLOGIA

Antes de iniciarmos com a descrição da metodologia propriamente, retomamos brevemente ao leitor/a o nosso *corpus* (ver Relatório Parcial, pp. 7-8). Este foi composto de duas versões de dois planejamentos realizados por treze estudantes. Foram analisados o total de vinte e seis planejamentos (ver Anexo I).

Os planejamentos foram elaborados a partir do modelo de planejamento proposto no sexto módulo do “Aprender e ensinar alemão” (DLL)<sup>2</sup>, “Diretrizes curriculares e planejamento da aula” (*Curriculare Vorgaben und Unterrichtsplanung*)<sup>3</sup>, o qual apresenta sete aspectos a serem elaborados durante o planejamento de aula (ENDE et al., 2013, p. 125; ver Anexo B):

- a) Tempo/Duração (*Zeit*);
- b) Objetivos específicos de aprendizagem (*Teillernziel*);
- c) Atividades para a aprendizagem (*Lernaktivität*);
- d) Formas sociais de trabalho (*Sozial- und Arbeitsformen*);
- e) Materiais didáticos (*Lernmaterial*);
- f) Mídias (*Medien/Hilfsmittel*);
- g) Atividades do/a Professor/a (*Lehraktivität*).

<sup>2</sup> Tradução do alemão *Deutsch Lehren Lernen* (DLL).

<sup>3</sup> Que intitulamos apenas de DLL 6 no decorrer do relatório.

Selecionamos dois desses aspectos como critérios para nossa análise, com base nos elementos que consideramos serem mais significativos para se observar os processos de conscientização no/do planejamento de aulas pelos/as estudantes: formulação dos objetivos de aprendizagem (*Lernziel*); e as fases de aula (*Unterrichtsphasen*), pois, além de serem temas elementares do planejamento de aula, ambos foram aspectos mais discutidos na disciplina de “Atividades de Estágio: Alemão”. Adicionamos as fases de aula também por serem um aspecto não previsto no modelo proposto pelo DLL 6, e que mesmo assim aparecerem em aproximadamente 50% dos planejamentos de nosso *corpus*. O terceiro critério selecionado foi a administração do tempo (*Zeitmanagement*), algo trazido pelos/as próprios estudantes durante a disciplina, e avaliada como algo difícil após a aula de alemão ministrada no CEL. Abaixo é possível observar os critérios:

**Tabela 1 – Critérios para avaliação dos dados**

	<b>Critérios</b>	<b>Descrição</b>
1.	<b>Objetivo de aprendizagem (<i>Lernziel</i>):</b>	Competências/Saberes ( <i>Kompetenzen</i> ): Saber ( <i>Wissen</i> ); Saber fazer ( <i>Fertigkeiten</i> ); Saber ser ( <i>Haltungen</i> ); Saber aprender ( <i>Strategien</i> ).
2.	<b>Fases da aula (<i>Unterrichtsphasen</i> / <i>Rhythmisierung des Unterrichts</i>):</b>	Introdução ( <i>Present / Einstieg / Präsentieren / Motivation</i> ); Assimilação ( <i>Practice / Erarbeitung / Üben</i> ); Uso ( <i>Produce / Anwendung / Produzieren / Sicherung</i> ).
3.	<b>Tempo (<i>Zeit</i>):</b>	Management

O primeiro dos critérios escolhidos refere-se ao(s) objetivo(s) de aprendizagem, que diz respeito ao quê, a qual objetivo se quer alcançar. Segundo os autores do *DLL 6* (ENDE et al., 2013), essa é a primeira pergunta a ser pensada, já que, consciente ou inconscientemente, se tem algum objetivo com sua aula, quer-se chegar em algum lugar, ou ao menos espera-se algo. Os objetivos de aprendizagem podem se referir à quatro tipos de competências ou saberes (*Kompetenzen*), sobre os quais falaremos no final desta seção.

O segundo critério escolhido foram as fases da aula: Introdução (*Present/ Einstieg*); Assimilação (*Practical/ Erarbeitung*); Uso (*Produce/ Anwendung*)<sup>4</sup>. Após estipular o(s) objetivo(s) de aprendizagem, conhecer as fases que organizam uma aula e pensar que tipo de atividades estão previstas e são possíveis dentro de cada fase, é essencial no microplanejamento. Ela é importante para captar e manter a atenção dos alunos/as e nos permite analisar se a função da atividade proposta corresponde às fases da aula.

Depois de objetivo(s) e fases delineados, temos o tempo, ou melhor, sua administração. O tempo é um dos fatores que muitas vezes dita o sucesso ou insucesso de uma aula e pensar um período de tempo específico e sensato para cada fase, atividades e suas etapas, não é assim tão simples. É muito comum que o tempo e o planejamento não coincidam, que não dê tempo de concretizar tudo que fora planejado. Quando cada atividade é desmembrada e cada etapa demarcada, é possível então se ter mais ciência da complexidade e exigências – de tempo, mas também outras – que cada ideia ganha no papel, o que é essencial para o processo de conscientização do professor/a em formação.

Após a seleção dos critérios, elaboramos uma tabela com os dados dos planejamentos de cada estudante, na qual elencamos o que eles/as elaboraram referente a cada critério. Depois disso, comparamos as versões 1 (V1) e 2 (V2), observando, principalmente, o que foi alterado entre elas. Após a coleta dos dados de cada versão e do planejamento elaborados pelos/as estudantes, apontamos algumas observações e recorrências observadas durante o processo. A partir destas, elaboramos perguntas e categorias que pudessem nos auxiliar nas análises quantitativa e qualitativa dos dados. Na tabela abaixo podemos observar os critérios selecionados e as perguntas que guiaram nossa análise:

---

<sup>4</sup> Essa é a sequência que geralmente se pensa a aula, mas ela pode variar, falaremos disso mais adiante, no planejamento do *corpus*. (ENDE, 2013, pp. 103-107).

**Tabela 2 – Critérios e perguntas que guiaram a análise**

	Critérios	Descrição
1.	<b>Objetivo de aprendizagem (Lernziel):</b>	Quantos <i>Lernziele</i> tinham na V1 e passaram a ter na V2? Quantos <i>Lernziele</i> foram retirados da V1? Quantos <i>Lernziele</i> foram incluídos na V2? Quantos <i>Lernziele</i> foram desmembrados em mais de um na V2? Tiveram <i>Lernziele</i> que foram juntados em um único <i>Lernziel</i> na V2?
2.	<b>Fases da aula (Unterrichtsphasen):</b>	Não foram sinalizadas (com cores, por exemplo) ou nomeadas; Foram sinalizadas (com cores, por exemplo) e nomeadas; Foram apenas sinalizadas (com cores, por exemplo), mas não nomeadas; Seguiram a ordem P-P-P.
3.	<b>Administração do tempo (Zeitmanagement):</b>	Não houve alteração alguma; Quantos <i>Lernziele</i> tiveram seu tempo alterado na V2?

Para finalizar a análise quantitativa, calculamos estatisticamente os dados que coletamos e realizamos, o qual discutiremos na seção 3 (ver Anexo C).

Observamos que a análise do *corpus* não nos levou a porcentagens discrepantes, sendo assim, decidimos focar em outros aspectos ressaltados pela estatística encontrada: analisar mais de perto um dos quatro grupos de estudantes<sup>5</sup>. O critério para selecionarmos qual grupo escolheríamos foi observar nas estatísticas encontradas, qual dos grupos e seus integrantes haviam realizado mais alterações nos planejamentos de uma versão para a outra. Foi assim que chegamos ao Grupo 3, composto pelos/as estudantes A2, A6, A8 e A13 (ver Anexo A).

Depois de selecionado o grupo, elaboramos novas perguntas a partir das anteriores, para destrincharmos mais ainda o material do Grupo 3:

<sup>5</sup> Durante a elaboração do P1, os/as estudantes trabalharam em grupos: dois grupos em cada período (matutino e noturno).

**Tabela 3 – Critérios e perguntas que guiaram a análise do Grupo 3**

	<b>Critérios</b>	<b>Descrição</b>
1.	<b>Objetivo de aprendizagem (Lernziel):</b>	Quantos estudantes alteraram o número total de <i>Lernziele</i> da V1 para a V2? Qual foi o número total de <i>Lernziele</i> alterados da V1 para a V2? 1 a 2 <i>Lernziele</i> foram alterados da V1 para a V2; 3 a 4 <i>Lernziele</i> foram alterados da V1 para a V2; 5 ou mais <i>Lernziele</i> foram alterados da V1 para a V2.
2.	<b>Fases da aula (Unterrichtsphasen):</b>	Quantos estudantes não sinalizaram nem nomearam as <i>Unterrichtsphasen</i> da V1 para a V2? Quantos estudantes sinalizaram e nomearam as <i>Unterrichtsphasen</i> da V1 para a V2? Quantos estudantes apenas sinalizaram, mas não nomearam as <i>Unterrichtsphasen</i> da V1 para a V2? Dos que sinalizaram e/ou nomearam, quantos seguiram o modelo P-P-P?
3.	<b>Administração do tempo (Zeitmanagement):</b>	Quantos estudantes mudaram a estimativa de tempo na V2? Mudaram o tempo apenas em 1 ou 2 <i>Lernziele</i> ; Mudaram o tempo em 3 ou 4 <i>Lernziele</i> ;

Após observar as respostas alcançadas ao analisar as versões de cada um nos planejamto 1 (P1) e 2 (P2), focamos no que os integrantes do grupo desenvolveram individualmente a partir da V1 do P1 realizada em conjunto. Ao revisitarmos o material do grupo, percebemos que a maior parte das alterações aconteceu no começo do planejamto de aula, por isso, nos detivemos nos objetivos de aprendizagem, analisando os objetivos formulados por eles/as e identificando a qual(is) tipo(s) de objetivo(s) eles se referiam:

- a) Saber (*Wissen*): relacionado ao saber declarativo, conhecer algo;
- b) Saber fazer (*Fertigkeiten / Tun*): relacionado ao conseguir fazer algo;
- c) Saber ser (*Haltung / Meinung*): relacionado à atitude e postura do aluno/a; e/ou
- d) Saber aprender (*Strategien*): relacionado às estratégias de como aprender, de desenvolver a autonomia dos alunos/as.

Essa foi a última etapa que percorremos durante a segunda parte pesquisa. Nas próximas seções serão apresentados os resultados encontrados e a análise realizada do *corpus*.

## RESULTADOS

Os resultados descritos a seguir durante a segunda metade da pesquisa serão apresentados em três partes: artigo, modelo e *corpus*.

### Artigo

O primeiro resultado alcançado foi a elaboração, submissão e aprovação de um artigo sobre a pesquisa de IC na Revista *Projekt* da Associação Brasileira de Professores de Alemão (ABraPA). Intitulado “Planejamento das aulas na USP: experiências e possibilidades” (*Unterrichtsplanung als Ausbildungsgegenstand an der USP: Erfahrungen und Möglichkeiten*), o artigo foi elaborado em alemão e em co-autoria, por mim e minha orientadora Dörthe Uphoff. Nele analisamos os espaços disponíveis no currículo de Letras Alemão-Português, nos quais o planejamento de aula é discutido.

O desenvolvimento do artigo nos possibilitou não só estruturar melhor os resultados da pesquisa pensando na divulgação do que foi pesquisado e desenvolvido nesse primeiro momento, como também ampliar e amadurecer a análise de como o planejamento de aula é trabalhado nas disciplinas da Licenciatura em Letras. Durante nossa investigação, elaboramos um quadro que pode auxiliar a visualizar este panorama:

No que diz respeito ao planejamento, podemos observar três grandes momentos e ênfases na Licenciatura em Letras decorrentes de cada uma das disciplinas: MELP I e II possibilita o macroplanejamento, um planejamento de uma sequência de aulas criadas a partir de uma temática, conteúdo específicos, com foco no que será ensinado; MELA II possibilita – a depender da modalidade de estágio – uma mistura do planejamento mais amplo com um planejamento mais minucioso das aulas e atividades; e a disciplina “Atividades de Estágio: Alemão”, enfatiza

o microplanejamento, pensando em como responder às perguntas-guia<sup>6</sup> (confira também relatório parcial, pp. 9-11) do modo mais detalhado e claro possível, com o foco em como aplicar o que se quer e/ou precisa aplicar.

**Tabela 4 – Presença do planejamento na licenciatura em Letras USP**

Disciplinas	Língua em foco	Quantas horas são planejadas?	Público-alvo	As horas planejadas
MELP <sup>6</sup>	Português (Língua Materna)	10h	Escola Pública: Ensino Fundamental II (1º Semestre); e Ensino Médio (2º Semestre)	às vezes, mas raramente
MELA <sup>7</sup>	Alemão (Língua Estrangeira)	30h	Minicurso na FEUSP; Clube Plurilíngue na EAFEUSP; e/ou em outras instituições.	Sim
Atividades de Estágio: Alemão	Alemão (Língua Estrangeira)	Uma aula de 100 min.	Centro de Estudo de Línguas da Rede Pública (CEL)	Sim

A produção do artigo também foi marcada pelo diálogo entre nós e os professores José Simões, responsável pela Licenciatura em Letras na

<sup>6</sup> Perguntas-guia a partir de Meyer (2007, pp. 51-52), Bimmel (et al., 2017, p. 39-40) a partir dos elementos presentes no modelo do DLL 6 (ENDE et al., 2013, p. 125, ver Anexo B):

1. Quanto tempo será reservado para cada atividade? (*Zeit*);
2. Objetivo de aprendizagem (*Lernziel*): o que os alunos/as devem aprender?;
3. Atividades para a aprendizagem (*Lernaktivität*): o que os alunos/as devem fazer para alcançar o objetivo de aprendizagem?;
4. Formas sociais de trabalho (*Sozialformen*): como os alunos/as trabalharão?;
5. Materiais (*Material*): com quais materiais as atividades serão realizadas?;
6. Mídias (*Medien/Hilfsmittel*): como e com quais suportes os materiais serão apresentados?;
7. Atividades do Professor/a (*Lehraktivität*): o que o professor/a deve fazer para alcançar o objetivo de aprendizagem?.

<sup>7</sup> Sigla para a disciplina “Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa” (MELP).

<sup>8</sup> Sigla para a disciplina “Metodologia do Ensino de Língua Alemã” (MELA).

própria Letras, em conjunto com a professora Dörthe Uphoff, e Milan Puh, docente responsável pelas disciplinas de MELA ministradas na FESUP. Após escrevermos o artigo, o enviamos a eles para que estivessem cientes sobre o que analisamos, para dizerem se também veem da mesma forma, observam os mesmos fenômenos, e para que sugerissem e comentassem suas impressões. Ambos nos retornaram e foi uma troca bastante rica.

Uma sugestão que nos foi dada após a leitura, foi uma possível tradução do artigo para o português, a fim de compartilhar as descobertas e reflexões com a própria Universidade, o que realizaremos após o término da pesquisa e da publicação do artigo em novembro.

## Modelo

Os resultados descritos a seguir foram alcançados a partir da análise do *corpus*, que ressaltou o planejamento como algo complexo que envolve uma grande variedade de aspectos, principalmente no que diz respeito à definição e classificação dos objetivos de ensino e à consciência dos novos-professores/as sobre o tema. Dito isso, o primeiro resultado que destacamos diz respeito ao modelo utilizado pelos/as estudantes para elaborar os planejamentos que analisamos (ver Anexo B). Enfatizamos que, apesar de levar o nome “modelo”, este foi pensado – e utilizado na disciplina “Atividades de Estágio: Alemão” – como instrumento, ou seja, como uma ferramenta para auxiliar os professores/as durante o planejar sua aula, e não como uma receita pronta a ser copiada e seguida “cegamente”, sem reflexão e olhar crítico. Pois, assim como Aßbeck apresenta:

[A imitação de um modelo] parece ser a estratégia mais bem sucedida para os novatos [...]. No entanto, este entendimento de ensino colide muitas vezes com a prática (imprevisível), na qual as aulas geralmente correm de forma diferente do planejado anteriormente e, mesmo com o melhor planejamento, acontecimentos surpreendentes aparecem “do nada” [...]. Uma nova e espontânea combinação das “receitas comprovadas” muitas vezes não garante o sucesso se os processos de aprendizagem e interação subjacentes não tiverem sido refletidos de forma aprofundada e as decisões metodológicas não forem tomadas

com base nesta compreensão mais complexa do ensino. [...] As decisões de ensino devem, portanto, ser baseadas em conhecimentos teóricos. (2016, p. 115, tradução nossa)<sup>9</sup>

E este é um instrumento que possibilita exatamente isso, a participação do professor/a para criar e planejar sua aula que oferece, para aqueles/as que estão no começo da carreira, um meio de como começar a planejar suas aulas, pensando em aspectos fundamentais delas.

Este modelo é um instrumento que ajuda a desenvolver um microplanejamento, ou seja, a forma mais detalhada e minuciosa de planejamento de uma aula, que possibilita pensar sobre o que lemos, discutimos e aprendemos, “que consequências concretas [esses conhecimentos adquiridos durante a Licenciatura] têm para o planejamento da aula” (HERZIG, 2005, p. 27)<sup>10</sup>, de que forma o que quero fazer nessa aula se articula com, por exemplo, o método e tipo de exercício que propus e fiz em sala de aula, qual o objetivo de cada atividade; quais materiais serão usados; o que farão os alunos/as e o professor/a; que mídias serão necessárias; quanto tempo reservar para cada atividade etc. Por isso concluímos que há muita utilidade no uso desse modelo como ferramenta de apoio no processo de conscientização do planejar.

Outro aspecto que se destacou durante a análise do *corpus* em relação ao modelo, foi a entrada da sinalização das fases de aula com cores e legendas de indicação. Isso nos levou a refletir sobre o modelo estar mais voltado para a horizontalidade do planejamento de aula, para

---

<sup>9</sup> Tradução nossa do original em alemão: “[Die Imitation eines Modells] [...] scheint für Novizen/Novizinnen die erfolgreichere Strategie zu sein [...]. Allerdings kollidiert dieses Verständnis von Unterricht nur allzu oft mit der (unberechenbaren) Praxis, in der Unterrichtsstunden meist anders verlaufen als vorher geplant und auch bei bester Planung überraschende Entwicklungen ‘quasi aus dem Nichts’ [...] auftauchen. Eine spontane Neukombination der ‘bewährten Rezepte’ führt dann häufig nicht zum Erfolg, wenn die zugrunde liegenden Lernprozesse, Interaktionsprozesse etc. nicht eingehend reflektiert wurden und die methodischen Entscheidungen dann nicht auf der Basis dieses komplexeren Verständnisses von Unterricht erfolgen.” e “Unterrichtliche Entscheidungen sollten daher auf theoretischem Wissen beruhen”.

<sup>10</sup> Tradução nossa do original em alemão: “welche Konsequenzen das alles für die konkrete Unterrichtsplanung hat”.

o desmembrar das etapas e materiais que uma atividade contém, e não tanto para seu eixo vertical, ou seja, em como as atividades se conectam, à quais momentos pertencem e de que modo a atividade proposta e destrinchada (horizontalmente) corrobora para o objetivo proposto.

## Corpus

Como já apresentado na seção 2, o *corpus* foi analisado a partir dos três critérios: formulação dos objetivos de aprendizagem; as fases de aula; e a administração do tempo, e apesar de sua curta extensão e dos números pouco robustos em função da pequena quantidade de planejamentos analisados, chegamos a alguns resultados significativos (ver Anexo C). Um deles foi observarmos três perfis de estudantes, os/as que:

- a) não mudaram nada ou quase nada de uma versão para a outra;
- b) mudaram nem muito nem pouco de uma versão para a outra;
- c) mudaram muito de uma versão para a outra.

Essas alterações – ou falta delas – podem ser por diversos motivos, como por exemplo, porque o planejamento já estava bom; o/a estudante fez o mínimo necessário; teve novas ideias para a segunda versão do planejamento, estando a primeira boa ou ruim. Uma hipótese é de que os/as estudantes que mais alteraram algo entre uma versão e outra dos planejamentos, foram os que mais refletiram sobre a prática em sala e o planejamento elaborado.

Observamos também uma correlação entre os objetivos de aprendizagem e a administração do tempo: a maioria das alterações de tempo esteve relacionada às alterações realizadas nos objetivos, na reformulação, retirada e/ou inclusão e vice-versa. E sobre as fases de aula, retomamos a observação de que, apesar de não ser algo indicado ou previsto no instrumento utilizado, aproximadamente 50% dos/as estudantes sentiram a necessidade de sinalizar o desdobramento vertical das fases na segunda versão do planejamento.

## ANÁLISE

Como já explicado na seção 2, depois de nos debruçarmos sobre os dados, decidimos focar em analisar os/as integrantes do Grupo 3, a versão que fizeram em conjunto e os desdobramentos desta para cada um/a. Devido ao espaço que temos, não será possível abordar tudo, então destacaremos a seguir algumas de nossas análises do Grupo, mas um panorama geral pode ser observado no Anexo D.

Em relação à administração do tempo, as alterações de tempo realizadas no Grupo estiveram ligadas às alterações realizadas nos objetivos de aprendizagem. Sobre estes, observamos que 50% dos integrantes do grupo alteraram de 1 a 2 objetivos da V1 para a V2 e a outra metade alteraram 5 ou mais objetivos. As alterações realizadas aconteceram em sua maioria no início do planejamento, que corresponde ao início da aula. Essa fase introdutória (*Einstieg*) é definida por Mattes (2011) como:

todas as medidas que o professor aproveita para ligar a aula anterior com a aula presente, e preparar os alunos para o novo conteúdo que será trabalhado. Tem a função de uma dobradiça, a qual conecta o passado com o atual. (2011, p. 100, tradução nossa).<sup>11</sup>

e pode ter diferentes funções: ligação (*Anbindung*, p 100)<sup>12</sup>, que corresponde à contextualização do novo em função do que já é conhecido,

---

<sup>11</sup> Tradução nossa do original em alemão: “Der Einstieg [...] umfasst alle Maßnahmen, die der Lehrer ergreift, um die Stunde an den vergangenen Unterricht anzubinden und die Schüler auf die neu zu erarbeitenden Inhalte einzustimmen. Er hat die Funktion eines Scharniers, welches das Vergangene mit dem Aktuellen verbindet.”.

<sup>12</sup> Paráfrase nossa do original em alemão:

1. Anbindung: “Der Mensch lernt nie gänzlich neu, er lernt immer dazu. Also muss das neue in das bereits Vorhandene eingebettet werden.” (p. 100);
2. Integration: “Jeder Einstieg muss darauf abzielen, möglichst alle Schüler von Beginn an in den Unterricht zu integrieren.” (p. 100);
3. Neugierde: “[...] Aufmerksamkeit erzeugt, Neugierde weckt [...] Arbeitsdisziplin [...] eine Erwartungshaltung aufzubauen.” (pp. 100-101);
4. Zieltransparenz: “‘Wer das Ziel nicht kennt, kann den Weg nicht finden’ [...] Zielklarheit herzustellen gehört zur Grundfunktion eines gutes Stundeneinstiegs.” (p. 101);

mais especificamente de interligar conteúdos didáticos já trabalhados em aulas anteriores com o conteúdo que será trabalhado na aula que se inicia; integração (*Integration*, p. 100), entre os alunos/as e entre eles/as e o professor/a; curiosidade (*Neugierde*, p. 101), relacionada a gerar atenção, despertar interesse e curiosidade, construir expectativa(s); de transparência em relação ao objetivo que se quer alcançar com a aula (*Zieltransparenz*, p. 101); e a função de apresentar uma visão geral do programa da aula, ou seja, das atividades que serão realizadas durante a aula (*Programmübersicht*, p. 101).

Dito isso, levantamos a hipótese de que o integrante A13, o qual realizou poucas alterações de uma versão para a outra em seu P1, pode não ter sentido problemas na fase inicial da aula ministrada, principalmente relacionados à integração dele com os alunos/as e eles/as entre si, e por isso também não modificou a formulação de seus objetivos de aprendizagem da V1 para a V2 no P2. Pensando ainda nessas funções, analisamos a quais funções da Introdução os objetivos se relacionam e elaboramos a tabela abaixo, na qual trouxemos alguns exemplos coletados das formulações dos/as integrantes – e sua tradução:

**Tabela 5 – Funções da Introdução e exemplos de formulações de objetivos de aprendizagem**

Funções da Introdução	Objetivos de aprendizagem	Tradução nossa
Ligação ( <i>Anbindung</i> )	<p>“Lernenden können sich an der Inhalt der letzten Stunden erinnern” (A8)</p> <p>“Lernende können das Thema ‘Sprachen lernen’ und die Konjunktion ‘denn’ wiederholen” (A8)</p>	<p>“Alunos/as podem se lembrar do conteúdo da última aula” (A8)</p> <p>“Alunos/as podem revisar o tema ‘Aprender línguas’ e a conjunção ‘denn’” (A8)</p>

---

5. Programmübersicht: “Ein kurzer Überblick über die Abfolge des Unterrichts sollte zu den grundlegenden Bestandteilen jeder Unterrichtsstunde gehören. Die Vorgabe einer Struktur wirkt auf das Gehirn wie ein Kompass, der uns hilft, durch den Wald zur Lichtung zu finden.” (p. 101).

	“Lernenden sprechen, um Vorwissen über das Thema “Schule” zu aktivieren” (A8)	“Alunos/as falam para ativar seus conhecimentos prévios sobre o tema ‘Escola’” (A8)
<b>Integração (Integration)</b>	<p>“Das Eis brechen” (A13)</p> <p>“Die Lernenden stellen sich vor und hören die Vorstellung der L, um die L besser kennenzulernen” (A2)</p> <p>“Lernenden sind in der Lage, in einer einfachen Diskussion über ein abstraktes Thema teilzunehmen” (A2)</p>	<p>“Quebrar o gelo” (A13)</p> <p>“Os alunos/as se apresentam e ouvem a apresentação do professor/a, para conhecê-lo/a melhor” (A2)</p> <p>“Alunos/as são capazes de participar de uma discussão fácil sobre um tema abstrato” (A2)</p>
<b>Curiosidade (Neugierde)</b>	<p>“SuS können über das Thema “Sprachen” nachdenken” (A2)</p> <p>“Lernenden denken zusammen aus, um etwas unbekannt zu entdecken” (A2)</p>	<p>“Alunos/as podem pensar sobre o tema ‘Línguas’” (A2)</p> <p>“Alunos/as pensam juntos para descobrir algo” (A2)</p>
<b>Transparência dos objetivos (Zieltransparenz)</b>	“Lernenden sind in der Lage, die Unterrichtssequenz und ihre <i>Objektive zu erkennen</i> ” (A2, grifo nosso)	“Alunos/as são capazes de <i>conhecer a sequência da aula e seus objetivos</i> ” (A2, grifo nosso)
<b>Visão geral do programa (Programm- übersicht)</b>	<p>“Lernenden sind in der Lage, <i>die Unterrichtssequenz und ihre Objektive zu erkennen</i>” (A2, grifo nosso)</p> <p>“Lernenden können wissen, wie die Stunde geschehen wird” (A8)</p>	<p>“Alunos/as são capazes de <i>conhecer a sequência da aula e seus objetivos</i>” (A2, grifo nosso)</p> <p>“Alunos/as podem saber como a aula irá acontecer” (A8)</p>

O aumento de alterações na fase inicial da aula aponta para um aprofundamento da consciência sobre suas funções e da importância dessa fase para um bom andamento da aula. Se o foco do grupo recaiu nas funções da Introdução da aula, é possível que ao ministrarem a aula no CEL, que esse tenha sido que eles/as sentiram falta e passaram a compreender melhor e materializar isso nos planejamentos.

Observamos também, que as alterações realizadas pelos integrantes do grupo relacionam-se com os tipos de objetivos de aprendizagem, que nas primeiras versões, principalmente no P1, se revelaram ser objetivos voltados mais ao saber declarativo e saber fazer, e nas segundas versões de

ambos planejamentos, de saber fazer e saber ser. Ainda estamos apurando a análise desses dados, e pretendemos elaborar um novo artigo sobre os resultados encontrados após a etapa final da pesquisa.

## CONCLUSÃO

O caminho realizado neste relatório buscou apresentar os resultados finais da pesquisa de IC realizada entre outubro de 2019 e 2020. Primeiro passamos por uma visão geral sobre o que foi realizado na segunda metade da pesquisa; depois pela descrição da metodologia utilizada para analisar o *corpus*; os resultados alcançados no que diz respeito ao artigo elaborado, ao modelo de planejamento utilizado e ao *corpus*; e, por fim, apresentamos a análise realizada sobre o Grupo 3. Para concluir, gostaríamos de expor algumas últimas reflexões sobre as interpretações obtidas e que próximos passos vislumbramos.

Nosso último objetivo (ver seção 1 deste relatório) era propor estratégia(s) de maior integração entre as disciplinas de “Atividades de Estágio: Alemão” e MELA I e II, assim como otimizar as estratégias de ensino-aprendizagem da primeira disciplina em sua próxima edição, no segundo semestre de 2021. Por meio do artigo elaborado, fomentamos o diálogo entre os docentes da FEUSP e da Letras, o que pode ter um efeito de sinergia no futuro. Além disso, convidaremos os docentes para assistir a apresentação da pesquisa no SIICUSP, para que possam conhecer o trabalho realizado e os resultados alcançados.

Pensamos ainda que antes de propor estratégias de integração, foi, e é preciso, primeiro pensar em estratégias de como poderíamos auxiliar os/as estudantes de Licenciatura em Letras-Alemão, a partir do que desenvolvemos durante a pesquisa, no processo de tornar-se cada vez mais consciente sobre sua prática docente, alicerçado ao planejamento de aulas e sua elaboração, nesse sentido, destacamos dois elementos.

O primeiro deles se relaciona com a utilidade de se trabalhar com o modelo desenvolvido pelos autores/as do DLL 6 como ferramenta que possibilita desmembrar e destrinchar o planejamento que está em mente e, assim como ressalta Mayer (ver Relatório Parcial, pp. 9-10), a importância da “aula planejada” (*geplanter Stundenverlauf*) no que diz respeito à fixação escrita do planejamento de uma aula, pen-

sando nela não só teoricamente, mas principalmente na sua aplicação prática (MEYER, 2007, p. 35), o que se relaciona diretamente com o *tornar consciente*, com a reflexão mais estruturada sobre o planejamento de aula. Como apresenta Aßbeck, é preciso que as decisões tomadas sejam

cuidadosamente analisadas num contexto crítico e complexo de conceitos pedagógicos e didáticos, de planejamento de lições concretas e de fatores que favorecem ou impedem a implementação do planejamento. O que é decisivo não é a experiência prática em si, mas se, como e até que ponto ela é refletida com base no conhecimento teórico. (2016, p. 115)<sup>13</sup>

Essa reflexão sobre os acontecimentos didáticos diminui o hiato entre teoria e prática, que muitas vezes perpassa o discurso educacional, e como o autor enfatiza: “deve ser iniciada cedo, para que não seja posteriormente substituída por uma coleção de ‘receitas prontas’, sob pressão de tempo e ação (por exemplo, no [Estágio])” (2016, p. 116, aspas no original)<sup>14</sup>.

Outro aspecto que vislumbramos ser possível no auxiliar nesse processo de conscientização no e do planejamento de aula pelos/as estudantes, é a relevância de momentos guiados e/ou supervisionados por docentes que têm a reflexão crítica como foco. Esse trabalho com a reflexão com o intuito de ampliar as perspectivas dos novos professores/as e possibilitar a articulação entre a teoria aprendida na universidade e a prática realizada por meio dos estágios e da própria experiência profissional e também como aluno/a. São momentos de troca e assistência

<sup>13</sup> Tradução nossa do original em alemão: “[...] wenn die Entscheidungen kritisch reflektiert und komplexen Zusammenhänge von pädagogischen und didaktischen Konzepten, von konkreter Unterrichtsplanung und von Faktoren, die die Umsetzung der Planung begünstigen oder be- bzw. verhindern, sorgfältig analysiert werden. Entscheidend sind also nicht Praxiserfahrungen an sich, sondern ob, wie und in welchem Ausmaß sie vor dem Hintergrund des Theoriewissens reflektiert werden.”

<sup>14</sup> Tradução nossa do original em alemão: “[...] früh angebahnt werden muss, damit sie nicht später unter Zeit- und Handlungsdruck (z.B. im [Estágio]) dann doch wieder durch eine Ansammlung ‘bewährter Rezepte’ verdrängt wird.”

entre docente e estudantes são essenciais para contribuir no processo de *tornar-se consciente*, para dar feedbacks, criar uma distância entre o que foi experienciado e a ponderação sobre o planejado e seus desdobramentos.

Não se deve esquecer que experiências mal supervisionadas também podem ter consequências perigosas no espaço pedagógico-didático, pois é claro que os alunos recebem feedback sobre suas ações em sala de aula – ou seja, através das reações dos alunos. Este feedback deve ser emocionalmente aceitável e cognitivamente manejável [...]. *Através da análise científica do que está acontecendo, é alcançada uma distância crítica das próprias ações (e assim o aspecto emocional de uma experiência negativa também é processado mais facilmente) e através do reconhecimento e reflexão das causalidades (antes despercebidas), constrói-se a confiança para lidar melhor com a próxima experiência de ensino.* (AßBECK, 2016, p. 117, tradução e grifo nosso)<sup>15</sup>

A reflexão foi o cerne desta pesquisa e, como procuramos mostrar, é essencial para a formação dos professores/as em formação e seus processos de tornar-se consciente sobre os fenômenos que vivenciaram e vivenciam como alunos/as, que estudam academicamente, e sobre o que experienciam na sala de aula, seja como professores/as, seja como estagiários/as. Tanto o uso de ferramentas que corroborem nesse processo, quanto momentos de reflexão e análise do que se planejou sob a orientação e supervisão de um/a docente, nos ajudam a construir estratégias efetivas para alcançar nossos objetivos de: contribuir para aprimorar a formação inicial de professores/as na USP; oferecer a eles/as uma qualificação mais completa que viabilize sua autonomia antes, durante e após

---

<sup>15</sup> Tradução nossa do original em alemão: “Dabei sollte nicht vergessen werden, dass schlecht betreute Experimente auch im pädagogische-didaktischen Raum gefährliche Folgen haben können, denn natürlich erhalten die Studierenden ein Feedback auf ihre Handlungen im Klassenzimmer – nämlich durch die Reaktionen der Lernenden. Dieses Feedback muss emotional akzeptabel und kognitiv bewältigbar sein [...]. Durch wissenschaftliche Analyse des Geschehens wird eine kritische Distanz zum eigenen Handeln erreicht (und so auch der emotionale Aspekt einer negativer Erfahrung leichter verarbeitet) und durch das Erkennen und Reflektieren von (vorher nicht wahrgenommen) Kausalitäten wird Vertrauen in eine bessere Bewältigung des nächsten Lehrversuchs aufgebaut.”.

a vivência em sala de aula (Praxis); e para propor e otimizar estratégia(s) que integrem mais as disciplinas de “Atividades de Estágio: Alemão” (Letras) e MELA I e II, (FEUSP)”.

## BIBLIOGRAFIA

ABBECK, J. Das Theorie-Praxis-Problem in der Lehrerbildung – das ewige Dilemma? In: KLIPPEL, Friederike (Org.). *Teaching languages. Sprachen lehren*. Münster: Waxmann, 2016, 113-122.

BIMMEL, Peter; KAST, Bernd; NEUER Gerd. *Deutschunterricht planen NEU*. Kassel, München: Ernst Klett Sprachen Verlag, 2017.

ENDE, Karin; GROTJAHN, Rüdiger; KLEPPIN, Karin; MOHR, Imke. DLL (Deutsch Lehren Lernen): 6. *Curriculare Vorgaben und Unterrichtsplanung*. München: Klett und Langenscheidt, 2013.

HERZIG, Katharina. *Deutschunterricht planen*. DaF-Brücke, n. 7, pp. 26-28, 2003.

MATTES, Wolfgang. *Methoden für den Unterricht*. Paderborn: Schöningh, 2011.

MEYER, Hilbert. *Leitfaden Unterrichtsvorbereitung*. Berlin: Cornelsen Verlag, 2007.

## ANEXOS

## ANEXO A – DADOS DO CORPUS

PARTICIPANTES <sup>16</sup>	PLANEJAMENTOS			
	1		2	
	Versão 1 grupo	Versão 2 grupo (matutino) individual (noturno)	Versão 1 individual	Versão 2 individual
A1	X	X (grupo, matutino)	X	X
A4	X	X (grupo, matutino)	X	X
A7	X	X (grupo, matutino)	X	X
A5	X	X (grupo, matutino)	X	X
A9	X	X (grupo, matutino)	X	X
A10	X	X (grupo, matutino)	X	X
A2	X	X (individual, noturno)	X	X
A6	X	X (individual, noturno)	X	X
A8	X	X (individual, noturno)	X	X
A13	X	X (individual, noturno)	X	X
A3	X	X (individual, noturno)	X	X
A11	X	X (individual, noturno)	X	–
A12	X	X (individual, noturno)	X	X
<p><b>Grupo 1 (matutino): A1, A4 e A7</b>  <b>Grupo 2 (matutino): A5, A9 e A10</b>  <b>Grupo 3 (noturno): A2, A6, A8 e A13</b>  <b>Grupo 4 (noturno): A3, A11 e A12</b></p>				

<sup>16</sup> A nomenclatura dos participantes está indicada pela letra A de Aluno/a. A ordem numérica de 1 a 13 obedece a ordem alfabética dos nomes dos participantes da pesquisa, que foram omitidos/as.

## ANEXO B – INSTRUMENTO DE PLANEJAMENTO BASEADO NO MODELO PROPOSTO EM DLL 6

### UNTERRICHTSPLANUNG

Klasse/Kurs: \_\_\_\_\_

Sprachniveau: \_\_\_\_\_

Globales Lernziel: \_\_\_\_\_

Zeit	Lernziel	Lernaktivität	Sozial- und Arbeitsform	Lernmaterial	Medien/Hilfsmittel	Lehraktivität

Maßnahme/n zur Evaluation:

## ANEXO C – Estatística do corpus analisado

CRITÉRIOS		P1 (trabalhado em grupo e individualmente)		P2 (trabalhado em grupo e individualmente)	
1. Objetivo de aprendizagem ( <i>Lernziel</i> )	1.1 Qtos estudantes alteraram número total de <i>Lernziele</i> da V1 para a V2?	G2, A2, A6, A8, A13, A3, A12	7 de 11 grupos / estudantes ~ 63,63%	A4, A7, A5, A6, A8, A3	6 de 11 estudantes ~ 54,54%
	1.2. Qual foi o número total de <i>Lernziele</i> alterados da V1 para a V2? Escolha abaixo:				
	1.2.a) 1 a 2 <i>Lernziele</i> foram alterados da V1 para a V2	G2, A8, A13, A3, A12	5 de 11 grupos / estudantes ~ 45,45%	A6, A3	2 de 11 estudantes ~ 18,18%
	1.2.b) 3 a 4 <i>Lernziele</i> foram alterados da V1 para a V2	-	-	A5	1 de 11 estudantes ~ 9,09%
	1.2.c) 5 ou mais <i>Lernziele</i> foram alterados da V1 para a V2	A2, A6	2 de 11 estudantes ~ 18,18%	A4, A7, A8	3 de 11 estudantes ~ 27,27%
2. Fases ( <i>Unterrichtsphasen</i> )	2.1. Quantos estudantes não sinalizaram nem nomearam as <i>Unterrichtsphasen</i> da V1 para a V2?	G1, G2, A6, A13, A3, A12	6 de 11 grupos / estudantes ~ 54,54%	A7, A5, A6, A3, A12	5 de 11 estudantes ~ 45,45%
	2.2. Quantos estudantes sinalizaram as <i>Unterrichtsphasen</i> da V1 para a V2?	A2, A8	2 de 11 estudantes ~ 18,18%	A1, A2, A8, A13	4 de 11 estudantes ~ 36,36%
	2.3. Quantos estudantes apenas sinalizaram, MAS NÃO mudaram as <i>Unterrichtsphasen</i> da V1 para a V2?	-	-	A4, A10	2 de 11 estudantes ~ 18,18%
	2.4. Dos que sinalizaram e/ou nomearam, quantos seguiram o modelo P-P-P?	A2, A8	2 de 11 estudantes ~ 18,18%	A1, A2, A8, A13	4 de 11 estudantes ~ 36,36%
3. Tempo ( <i>Zeitmanagement</i> )	3.1. Quantos estudantes mudaram a estimativa de tempo na V2?	G2, A2, A6, A8, A3, A12	6 de 11 grupos / estudantes ~ 54,54%	A4, A7, A5, A6, A8, A3	6 de 11 grupos estudantes ~ 54,54%
	3.1.a) Mudaram o tempo apenas em 1 ou 2 <i>Lernziele</i>	A6	1 de 11 estudantes ~ 9,09%	A4, A3	2 de 11 estudantes ~ 18,18%
	3.1.b) Mudaram o tempo em 3 ou 4 <i>Lernziele</i>	A2, A3, A12	3 de 11 estudantes ~ 27,27%	A7, A4, A6	3 de 11 estudantes ~ 27,27%
	3.1.c) Mudaram o tempo em 5 ou mais <i>Lernziele</i>	G2, A8	2 de 11 grupos / estudantes ~ 18,18%	A8	1 de 11 estudantes ~ 9,09%
Total de estudantes para cálculo: 11 estudantes					

## ANEXO D – ANEXO D - PANORAMA GERAL SOBRE O RESULTADOS DOS INTEGRANTES DO GRUPO 3

KRITERIEN		P1					P2							
		V1		V2			V1	V2	V1	V2	V1	V2	V1	V2
		Grupo 3	A2	A6	A8	A13	A2		A6		A8		A13	
1. Objetivo de aprendizagem (Lernziel)	Quantos Lernziele tinham na V1 e passaram a ter na V2?	19	22	20	20	18	17	17	15	16	20	24	8	8
	Quantos Lernziele foram retirados da V1?	-	-	2	-	1	-	-	-	-	3	-	-	-
	Quantos Lernziele/ foram incluídos na V2?	-	4	3	1	-	-	-	1	-	7	-	-	-
	Quantos Lernziele foram desmembrados em mais de um na V2?	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Quantos Lernziele que foram juntados em um único Lernziel na V2?	-	sim, 1	não	-	não								
2. Fases (Unterrichtsphasen)	Não foram sinalizadas (com cores, por exemplo) ou nomeadas	correto	-	correto	-	correto	-	-	correto	correto	correto	-	correto	-
	Foram sinalizadas (com cores, por exemplo) e nomeadas	-	correto	-	correto	-	correto	correto	-	-	-	correto	-	correto
	Foram apenas sinalizadas (com cores, por exemplo), mas não nomeadas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Seguiram a ordem P-P-P	-	sim	-	sim	-	sim	sim	-	-	-	sim	-	sim
3. Tempo (Zeitmanagement)	Não houve alteração alguma	-	-	-	-	correto	correto	correto	-	-	-	-	correto	correto
	Quantos Lernziele tiveram seu tempo alterado na v2	-	3	2	5	-	-	-	4	-	10	-	-	-

# A passagem de Simone de Beauvoir pelo Brasil

*Beatriz Chaves Dias*

*Para meus amados pai e mãe bem como para meus queridos amigos.*

**RESUMO:** Após a política viagem a Cuba, realizada após a Revolução Cubana, os pensadores Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre realizaram sua histórica passagem pelo Brasil, localidade em que permaneceram por cerca de três meses. No país, conheceram diversas favelas e fazendas, encontraram com sindicalistas, camponeses, estudantes e professores universitários; conheceram o candomblé. Visitaram as cidades de Recife, Olinda, Salvador, Ilhéus, Feira de Santana, Rio de Janeiro, Petrópolis, Niterói, São Paulo, Santos, Araraquara, Belo Horizonte, Ouro Preto, Brasília, Fortaleza e a região da Floresta Amazônica. Porém, apesar de já ser uma filósofa mundialmente conhecida, principalmente pela publicação de *O Segundo Sexo* (1949), as conferências e entrevistas concedidas por Beauvoir ficaram em segundo plano e poucos registros nos restaram sobre estas. Através de seus diários, correspondências, fotografias, materiais históricos e etc, busca-se reconstruir os passos de Beauvoir pelo nosso país.

Por uma questão organizacional, o texto estará separado em partes que buscam seguir seu itinerário pelo Brasil, contando com, além desta breve introdução, uma parte para cada região do país visitada pelos filósofos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simone de Beauvoir; Existencialismo; Jean-Paul Sartre, Brasil.

## NORDESTE

No dia 12 de agosto de 1960<sup>1</sup>, Simone de Beauvoir, junto de Jean-Paul Sartre, desembarca no Brasil, mais especificamente na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, a convite de alguns intelectuais considerados de esquerda, liderados pelo escritor Jorge Amado. Beauvoir e Sartre haviam conhecido o escritor e se tornado amigos do escritor brasileiro durante o exílio de Amado e de sua esposa, Zélia Gattai, em Paris, no período do governo Vargas, entre 1948-50. Os brasileiros encabeçaram a organização de um manifesto em defesa do poeta chileno Pablo Neruda<sup>2</sup>, que vinha sofrendo uma perseguição política em seu país. Ainda em 1960 eles haviam passado cerca de um mês em Cuba, onde tiveram o que se tornariam os históricos encontros com Che Guevara e Fidel Castro e conheceram um pouco da então recente Revolução Cubana. Seu plano inicial era passar cerca de três a quatro semanas no Brasil e depois seguir por outras regiões da América do Sul, em especial Argentina e Chile, o planejamento inicial acabou sendo cancelado devido a decisão de estender, a passagem pelo Brasil: que durou cerca de dois meses e meio, e se tornaria a viagem mais longa e mais politicamente ativa realizada por eles. Tanto em Sartre quanto em Beauvoir, havia o intenso desejo de divulgar as questões argelinas e conhecer um país subdesenvolvido e que, especialmente, acreditavam que viria a seguir os passos de Cuba em uma espécie de esteira das revoluções. Afinal, como Beauvoir mesmo menciona em sua biografia:

“Nossa visita a Havana nos dera novas razões para ir para ao Brasil. O futuro da ilha jogava-se em grande parte na América Latina, onde se

<sup>1</sup> ROMANO, Luís A. C. *A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. P. 95. Algumas fontes apontam o dia 11 de agosto como sendo a data de chegada dos filósofos ao Brasil.

<sup>2</sup> Pablo Neruda, 1904-1973. Foi um importante poeta chileno, desempenhou o papel de cônsul em outros países da América e Europa, também foi senador, eleito pelo partido comunista, durante o seu mandato, em 1948, o presidente Gabriel González Videla proibiu o comunismo no país, emitindo um mandato de prisão contra Neruda, sendo esse fato o que engajou o abaixo assinado entre os intelectuais a fim de salvá-lo, foi premiado com o Nobel de Literatura em 1971.

delineavam correntes castristas: Sartre propunha-se a falar de Cuba aos brasileiros. Tínhamos visto uma revolução triunfante. Para compreender o Terceiro Mundo, era-nos necessário conhecer um país subdesenvolvido, semicolonizado, onde as forças revolucionárias estavam ainda, talvez por longo tempo, acorrentadas” (BEAUVOIR, 2018, p. 495).

Ao aterrissarem em Recife, capital do estado de Pernambuco, Sartre fora recepcionado com saudações em nome de sua defesa à revolução cubana e como um grande intelectual, principalmente pelos jovens foi recebido como um herói; enquanto que Beauvoir foi recebida com manchetes como “Sartre vem ao Brasil e trás sua esposa junto”: em terras brasileiras ela será lembrada como o outro, o segundo de Sartre. Tendo em vista essa recepção e levando em consideração a diferença quanto a quantidade de material sobre a passagem de Sartre em comparação com a de Beauvoir pelo Brasil, sendo assim busco, reunir as informações sobre a passagem da filósofa pelo nosso país.

Em Recife, desembarcou com a tarefa de acompanhar Sartre durante a realização de conferências acadêmicas em um congresso de críticos literários na UFPE. Apesar de Beauvoir ser uma literária de imensa importância, especialmente por seus romances *A Convidada* e *Os Mandarins*, pelo qual foi premiada com o prêmio Goncourt em 1954, o mais cobiçado da literatura francesa, a pensadora, ao que consta, não foi convidada para ministrar uma conferência no mencionado congresso. Ainda na cidade, conhecem diversos intelectuais e, em especial para ela, destaca-se o pintor Di Cavalcanti. Passa, assim, também a admirar suas obras, bem como as do escritor Gilberto Freyre. Beauvoir irá se referir algumas vezes a *Casa Grande e Senzala*, significativo trabalho no qual Freyre traça uma análise sobre a importância da cultura dos espaços típicos do engenho na formação social brasileira<sup>3</sup>, Beauvoir compara as

---

<sup>3</sup> A conversa com Freyre se exprime nos diários de Beauvoir como sendo interessante pois teria tido como assunto principal os costumes nordestinos do período colonialista; ao visitar a fazenda da Família Mesquita, dona do jornal *O Estado de S. Paulo* observa que os costumes conservados por estes são muitos similares, mesmo que Júlio Mesquita apresente-se como contrário ao racismo e coloque-se na posição de entender que “é culpa nossa – não conseguirmos elevar o negro ao nosso nível intelectual e moral. Assim, forçosamente ele per-

descrições que encontra na obra com as fazendas que conhece nos mais diferentes estados do Brasil. Ela se manteve, durante toda viagem, aberta a conhecer os costumes tupiniquins brasileiros, com destaque para as comidas e bebidas, através de grande incentivo de Amado.

Beauvoir inicia, ainda em seus primeiros dias em solo nacional a análise de que as moças nordestinas casam-se entre os treze-quinze anos, diagnóstico proveniente da análise da obra de Freire, esse é o primeiro passo da sua investigação sobre a situação da mulher brasileira. Constatada, então, que parece não haver, ao menos no nordeste, a faixa etária correspondente à adolescência: ou se é criança, ou mulher feita. Algumas dessas mulheres nordestinas, porém, usufruíam de certa liberdade, situação que surge como inesperada para Beauvoir, especialmente quanto aquelas que escaparam de situações como um casamento precoce: a filósofa conheceu, por exemplo, mulheres que eram professoras, viajavam, uma delas comandava um hotel de luxo na capital pernambucana e era, inclusive, responsável por levar os franceses para passear pela cidade.

Encontra-se também uma reportagem de um jornal da época onde narra-se que Beauvoir respondeu às diversas e constantes perguntas que a ela eram realizadas com serenidade e com a clássica clareza que lhe era comum, além é claro do bom senso dos franceses, o que contradiz outras manchetes que buscaram desqualificar Beauvoir a nomeando de arrogante, antipática e etc.

Por ter recentemente viajado a Portugal,<sup>4</sup> a filósofa traça comentários comparativos a arquitetura das cidades de Recife e de Olinda com a tradicional portuguesa. Era de conhecimento de Beauvoir o fato da Holanda<sup>5</sup> ter, no passado, governado aquela região do Brasil por quase

---

manece na posição ais baixa da escala social". P. 527, não era capaz de manter os empregados das colheitas por um período mais longínquo, o que impossibilitava que seus filhos tivessem acesso ao ensino de maneira contínua.

<sup>4</sup> A irmã mais nova de Beauvoir, Henriette-Hélène de Beauvoir havia se mudado para Portugal ainda na década de 1940, sabe-se de ao menos duas viagens que Beauvoir fez para visitar a irmã, uma ainda nos anos 1940 e outra nos anos 1950.

<sup>5</sup> A invasão Holandesa foi um dos episódios da história do Brasil considerados como mais importantes do século XVII, tendo durado entre 1630-1654.

vinte e cinco anos, demonstrando assim certo domínio sobre a história brasileira até mesmo em suas pequenas nuances. Fica muito claro um intenso encantamento da pensadora com a beleza das praias pernambucanas e de suas jangadas nos mares das mesmas, a filósofa buscou ainda aprender sobre a forma de vida dos pescadores e dos contadores de histórias regionais, figuras que carregam muita importância cultural na localidade. Beauvoir também testemunha, com certa estranheza, que na cidade de Recife, capital do estado, só de fato existem comércios, igrejas, uma vida mais ativa como se espera de uma cidade grande nas ruas do centro, ao se afastar minimamente já se exhibe decadência e desolação, em suas palavras: “Em Recife, há um mendigo sob cada palmeira.” (BEAUVOIR, 2017, p. 458). Um comentário similar foi feito por outro francês em sua viagem aos trópicos cerca de dez anos antes, Albert Camus em seu diário de viagem, sobre vários aspectos da vida brasileira e as cidades do interior do país: seus comentários são muito próximos ao de Beauvoir quanto ao contraste entre a ostentação de luxo dos palácios e dos prédios modernos com as favelas, muitas vezes perto do luxo, sem água ou luz, onde se encontram miseráveis negros e brancos, a riqueza e a miséria se misturavam.

Ainda em Pernambuco, inicia uma análise sobre a miséria e a relação com os períodos de estiagem no nordeste brasileiro. Os anos de 1959 e 1960 haviam sido anos particularmente chuvosos e portanto a situação dos camponeses nordestinos estaria um pouco menos precária, ao mesmo tempo que, em suas palavras, pensava: “São vinte milhões que agonizam cronicamente num árido polígono do tamanho da França” (BEAUVOIR, 2017, p. 458). Chegou a conhecer certa favela que existia em um ponto da orla da praia de Recife e lhe foi explicado por Amado a questão das ligas camponesas e a tentativa de realização da reforma agrária por um deputado socialista da região chamado Julião. Conclui que as desigualdades sociais pareciam, ao seu olhar, revoltar fortemente os amigos que fez na cidade.

Após alguns dias, o grupo desloca-se para Salvador, capital do estado da Bahia e “cidade de Amado”, como Beauvoir reconhece, eles se hospedam na casa de Jorge e Zélia, local que nos dias de hoje é um museu. Este grupo é formado principalmente por pessoas que falavam francês e que, em suas palavras, se sentiam bem na companhia uns

dos outros; o hotel em que se hospedam fica na cidade alta, que lhes é apresentada por Amado e Zélia. Ao chegarem à UFBA (Universidade Federal da Bahia), uma placa em frente à Universidade chama a atenção da filósofa, os dizeres são: “Filosofia em Greve”, aparentemente os estudantes e o reitor não estavam se entendendo, a filósofa, porém, afirma que eles não conseguiram encontrar as pautas reivindicadas e se inteirar mais da situação daquela parte do movimento estudantil. Visita também a cidade baixa, onde Amado a leva ao bairro das mulheres da vida, ao porto e ao mercado onde compram, em nome da “sobrevivência de uma cultura antiga e matizada de várias culturas” (BEAUVOIR, 2017, p. 500). Colares, pulseiras de grãos, cerâmicas, vestidos baianos tradicionais, instrumentos musicais e diversos artigos de cerimônias religiosas.

Em 1960, a fome rondava a Bahia, bem como todo o Brasil, como posteriormente conclui, sobretudo em bairros periféricos, situação que causou certo embate entre os intelectuais brasileiros que ajudaram a organizar a viagem, todos se chocavam com o fato dos Amados os levarem até lá, afinal não era esse o tipo de turismo ao qual se esperava expor os ilustres convidados. Foi explicado à Beauvoir que a maioria desses bairros periféricos, nos quais os habitantes viviam em completo abandono, sem acesso à higiene e etc surgiram através de invasões em períodos de seca. A partir destes passeios, buscou estabelecer uma ligação entre a realidade que estava presenciando com a do passado, mais especificamente com o período escravagista, ao trazer a estatística de que 70% da população baiana é negra e também que se trata de um estado onde a escravidão, devido plantio da cana de açúcar, se fez ainda mais elevada do que em muitos outros; por isso Beauvoir compreende o porquê de ali os ritos africanos serem tão presentes, a Bahia seria um pedaço da África fora do continente africano. Ela havia lido, ainda na França, um importante livro sobre as religiões africanas no Brasil chamado *As Religiões Africanas do Brasil*, de Roger Bastide, e por isso compreende bem o candomblé, seus ritos e as entidades africanas.

Na metrópole negra, (BEAUVOIR, 2018, p. 523) as festas religiosas são quase quotidianas, diferentemente do que havia observado em Recife, em que lhe explicaram serem mais reservadas para dias simbólicos. Tanto Beauvoir quanto Sartre se interessam por todas as manifestações religiosas que lhes foram apresentadas e visitaram por

duas vezes o terreiro de candomblé Ilê Axé Opó Afonjá<sup>6</sup> onde passavam o dia inteiro, se alimentando do que era produzido pelos membros do terreiro e participando das cerimônias; foram recebidos pela mãe de santo Mãe Senhora, e, na consulta aos búzios, declarou-se que Beauvoir era de Oxum, Mãe Senhora se tornou uma figura pela qual tanto ela quanto Sartre passam a nutrir grande fascinação, carinho e respeito. Zélia Gattai mencionou<sup>7</sup> em alguns momentos que eles perguntaram a ela de Mãe Senhora em todas as vezes que vieram a se encontrar posteriormente, a tinham carinhosamente como uma verdadeira rainha africana. Beauvoir, em seu diário, faz um longa transcrição de uma cerimônia do candomblé que participou, da qual destaco o seguinte trecho:

O candomblé, se não transforma os seres humanos em deuses, ao menos, através da cumplicidade de espíritos imaginários, restitui a humanidade a homens rebaixados à categoria de rebanho. O catolicismo lança os pobres de joelhos diante de Deus e de seus sacerdotes. Pelo candomblé, ao contrário, eles experimentam essa soberania que todo homem deveria poder reivindicar... O momento supremo de sua vida individual – quando, de vendedora de bolos ou de lavadora de pratos, ela se transforma em Ogum ou em Iemanjá – é também aquele em que a filha de santo integra-se mais estreitamente em sua comunidade. Poucas sociedades oferecem a seus membros oportunidades semelhantes: realizar sua ligação com todos, não na banalidade cotidiana, mas através daquilo que se experimenta de mais íntimo e mais precioso. (BEAUVOIR, 2017, p. 504).

Pouco depois, já no final do mês de agosto, o antropólogo e fotógrafo francês Pierre Verger une-se ao grupo durante estas visitas ao célebre terreiro, sua participação é importante para as impressões de Beauvoir sobre a Bahia por ele já residir no local há anos e ser um grande estudioso

<sup>6</sup> O terreiro fundado em 1910, na Rua Direta de São Gonçalo do Retiro, 557, no bairro do Cabula, em Salvador, na Bahia, no Brasil. Encontra-se até a presente data em funcionamento, foi tombado em 28 de julho de 2000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>7</sup> Zélia Gattai faz referência a relação de Beauvoir e de Sartre com Mãe Senhora em seu livro sobre a casa do rio vermelho e em uma entrevista disponível no acervo da fundação Jorge Amado.

da diáspora africana, seus fluxos culturais, econômicos e sobre as religiões africanas bem como as derivadas. Além disso, Jorge Amado sistematicamente os dava aulas sobre história e economia, bem como levou-os para conhecer cidades como Ilhéus, onde se passam alguns de seus mais importantes romances, também foram levados a Feira de Santana, fazendo com que, em alguns momentos, Beauvoir brinque chamando-o de professor. Essas viagens fizeram-na conhecer fisicamente o Brasil em seus mais diversos aspectos, enquanto que coube aos amigos explicar a situação política nacional e suas nuances, afinal, 1960 era ano eleitoral<sup>8</sup> e o período de campanha ocorria junto à viagem. O candidato da esquerda, apoiado pelo Partido Comunista e pelos seus amigos, Marechal Lott, era um militar de alto escalão, o que fez Beauvoir naturalmente compará-lo ao presidente francês em exercício naquele ano, Charles de Gaulle, porém era solícito à Revolução Cubana e à causa Argelina, o que dividia as opiniões do grupo de amigos que os acompanhava.

Apesar de não ler fluentemente em português, o conhecimento do espanhol permitiu com que Beauvoir acompanhasse, pelos jornais e sem a interferência dos Amados, todo o processo eleitoral brasileiro e suas principais discussões. A situação política do país, porém, se mostrava muito difícil de compreender considerando, entre outros fatores, a construção da nova capital e a divisão do Estado do Rio de Janeiro – e consequente criação do Estado da Guanabara, acontecimentos consideradas como complexos, isso porque, o presidente Kubitschek, assim como parte da esquerda, apoiava o Marechal Lott, ao mesmo tempo em que ele era extremamente criticado pelos seus amigos de esquerda por ter promovido o imperialismo americano no país.

## SUDESTE

Ao deixar a Bahia, rumo ao Rio de Janeiro, no dia 23 de Agosto (ROMANO, 2002, p. 137), Beauvoir sabia que estava mudando de

---

<sup>8</sup> Os candidatos eram: Ademar de Barros (PSP), Jânio Quadros (PTN) era o candidato da direita e Marechal Henrique Lott (PSD) um nacionalista apoiado pela esquerda. Jânio Quadros foi o eleito porém renunciou ao posto de presidente com poucos meses de mandato.

universo. Ela considera a localidade de uma beleza muito simples, chega a afirmar em mais de um momento, que a cidade do Rio de Janeiro é feia e bela ao mesmo tempo, porém admira a integração da cidade com a natureza, para ela trata-se de uma paisagem urbana e selvagem. No Rio, aproveita certa liberdade graças ao foco midiático estar centralizado em Sartre: visitou, sozinha ou na companhia de Zélia Gattai, edifícios modernos – como o MAM e o Conjunto habitacional Affonso Reidy (popularmente apelidado de habitacional pedregulho) – construídos por jovens arquitetos brasileiros. Para ela, no sudeste tupiniquim pouco se encontrava da arquitetura portuguesa, o município se apresentava como sendo algo muito diferentemente das localidades nordestinas visitadas.

Dos três milhões de habitantes da até recentemente capital do país, Rio de Janeiro, cerca de 700 mil viviam em favelas<sup>9</sup>, em sua maioria formada por imigrantes provenientes de outros estados da nação buscando fugir da fome e encontrar melhores oportunidades, como acesso à educação e a empregos considerados mais modernos, como os de operários. As favelas surgem e crescem de forma acelerada, nelas não existe eletricidade, esgoto ou água. Beauvoir é levada a uma favela em Copacabana, a Pavão-Pavãozinho, a qual ela menciona como uma aglomeração de quatro mil almas, constata também que sua maioria dos habitantes como sendo indiscutivelmente negra.

O que em sua visão diferenciava esta comunidade das outras era a presença de uma religiosa francesa chamada de Irmã Renée, filha de um cônsul francês que havia se mudado para o Rio para ajudar os miseráveis. Muito culta e dona de extrema inteligência, organizou na comunidade uma escola e uma entidade que lutava em prol dos direitos dos favelados. Além disso, a religiosa frequentemente arrecadava e distribuía alimentos entre os mais necessitados, se tornando, ao longo de sua vida, uma grande

---

<sup>9</sup> “De 1950 a 1960, a cidade do Rio de Janeiro assistiu a um crescimento de 99% da população de favelas, num salto de 169.305 habitantes (em 58 comunidades) para 337.412 (em 147 comunidades), enquanto a população da capital aumentou 39% (2.245.208 em 1960).”

Fonte: <<https://oglobo.globo.com/rio/favelas-foram-removidas-para-conjuntos-sem-qualquer-infraestrutura-2772762>>

defensora dos moradores de favelas, desempenhando um trabalho similar ao de uma administradora da comunidade de Pavão-Pavãozinho.

“Os brasileiros não gostam de mostrar suas favelas. Entretanto, Teresa Carneiro, que havíamos conhecido em Paris nos fez visitar uma. Era uma aglomeração de quatro mil almas, na maioria negros, espalhados em um morro de mais de cem metros de altitude, em Copacabana. Miséria, sujeira, doenças, a favela assemelhava-se a todas as outras”

“Imã Renée surpreendeu-nos por sua inteligência, sua cultura e seu bom senso materialista: ‘Vamos falar de Deus com essas pessoas quando elas tiverem água... Primeiro os esgotos, depois a moral.’” (BEAUVOIR, 2017, p. 515).

Zélia Gattai foi sua companheira e motorista em boa parte da viagem. Gattai a levou, algumas vezes, junto dos filhos e de outros amigos não nomeados, conheceram pontos bonitos do Rio como Petrópolis e a Ilha de Paquetá, momentos nos quais melhor passou seu tempo quando afastada das discussões literárias que constantemente os cercavam. A intimidade com os Amados aumenta e as novas amizades animam Beauvoir. Em sua biografia, afirma que Zélia – que, neste período, ainda não escrevia e dedicava-se integralmente ao ofício de fotógrafa, com trabalhos muito admirados por Beauvoir – é uma das poucas mulheres que a faz rir e com quem cria laços de companheirismo, e quanto a Jorge, admira sua sensibilidade, solidariedade e por ser um autor que goza de tamanha popularidade. Tanto Beauvoir quanto Sartre consideraram a casa dos Amados um lar. Nos arquivos públicos de Beauvoir, não constam as cartas enviadas por Zélia, porém as novas organizações feitas em seu arquivo privado mantém viva a chance das correspondências estarem guardadas e de um dia serem publicadas, como ocorreu com diversas outras correspondências por ela trocadas ao longo de sua vida. O mesmo ocorre com os arquivos da Fundação Jorge Amado, entidade responsável também pelo material de Zélia Gattai e na qual estão arquivadas, fora do acesso do público, as cartas enviadas para a fotógrafa por Beauvoir. Com a morte de Jorge Amado em 2001, o mesmo impôs em testamento uma censura de 50 anos às suas correspondências e outros escritos inéditos. Zélia Gattai por sua vez não impôs tal bloqueio a suas correspondências, porém a família planeja seguir a mesma data determinada por seu pai/avô, nos fazendo crer assim que somente após 2051

possamos compreender a dimensão que a amizade dos quatro teve em suas vidas.

Sobre os seus encontros com Oscar Niemeyer, Beauvoir descreve o tom da conversa como sendo o mesmo que costumava ter com velhos amigos: falam do projeto de Brasília e Niemeyer compromete-se a organizar sua ida à nova capital, o qual não estava previsto no itinerário inicial e que causa muita excitação na imprensa da época. Ainda nos mesmos eventos, conhecem o maestro Villa-Lobos, o grupo demonstra desejo em ir a uma escola de samba, porém isso acabou não sendo possível, Beauvoir afirma a ele a vontade de conhecer a bossa nova e o músico, junto de Jorge Amado, convida Vinícius de Moraes para um dos jantares, não há qualquer menção a Tom Jobim.

Existe um choque muito grande de Beauvoir com a desigualdade social no Brasil: vida do pobre trabalhador pouco importa tendo em vista a mão de obra disponível de forma excessiva aos ricos – que a exploram o máximo possível, as vidas humanas de nada valem, a falta de solidariedade com os pobres em virtude dos constantes incêndios, desmoraamentos, enchentes e diversas outras tragédias é cruel. Menciona certa curiosidade com o hábito do brasileiro de tentar fingir que o patrão vive em pé de igualdade com o empregado, que o horizonte emancipatório é o mesmo para todos, sendo comum aos brancos, inclusive aos intelectuais afirmarem que, de alguma forma, todos no Brasil têm ou sangue de judeu ou de negro, porém a realidade acaba sendo a de um sentimento antissemita e racista extremamente forte e enraizado na sociedade brasileira. A filósofa afirma que, por exemplo, não encontrou sequer um rosto negro nos salões, universidades e auditórios que passou, no máximo menciona mulheres negras que trabalhavam na organização destes espaços, muito provavelmente na função de faxineiras. Em sua visão, a segregação no Brasil pode de fato ter como raiz a desigualdade econômica, mas as problemáticas raciais também devem ser debatidas.

Ainda na capital fluminense são intensificadas por Beauvoir e Sartre as manifestações em defesa da Argélia. Até então uma questão que haviam tomado pouco espaço na agenda de ambos, esta defesa se tornou histórica e permaneceu ainda por muitos anos na mente dos brasileiros, importantes nome da luta pela libertação argelina que visitaram o Brasil nos anos posteriores, como 1961-62, mencionam a importância do tra-

balho feito por Beauvoir e Sartre no país quanto a divulgação da causa. Sabe-se que a defesa argelina ocorreu especialmente nas conferências ministradas por eles na Faculdade Nacional ou do Brasil de Filosofia (FNF) atual UFRJ.

As manchetes dos jornais que noticiaram a conferência de Beauvoir associaram-na quase que exclusivamente a Sartre: “Beauvoir sem Sartre” ou “Sartre leva multidão para ouvir Simone de Beauvoir” e até mesmo “Simone quer a mulher no plano do homem”. Não existe um registro completo sobre a conferência na FNF, seja nos arquivos da Biblioteca Nacional da França ou nos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, universidade que absorveu os arquivos da Faculdade Nacional. Infelizmente, ao longo dos anos, alguns incêndios ocorridos nos arquivos da universidade podem ter contribuído para o desaparecimento deste material. Não se pode afirmar se este texto encontra-se dentro dos arquivos privados ou se de fato perdeu-se com o tempo. Apesar de ser um marco do feminismo no Brasil, talvez a única forma de ter acesso a este material seja com a ajuda das pessoas que estiveram presentes, via uma reconstrução das passagens, ou nos acervos privados da filósofa, aos cuidados de Sylvie Le Bon de Beauvoir, herdeira teórica e material de Beauvoir e detentora de todos os arquivos deixados pela mãe adotiva. O que foi possível reconstruirmos, majoritariamente se deu através de análise dos jornais da época:

A conferência foi ministrada em francês, porém contou com tradução simultânea, registros apontam que a professora e tradutora Maria Armanda Falabella teria sido a docente responsável pela tarefa. A filósofa iniciou a conferência na FNF com a sentença: “no mundo dos homens, as mulheres ainda são objetos”<sup>10</sup> e o auditório, predominantemente feminino, ouviu as explicações de Beauvoir sobre as mulheres na sociedade capitalista, na qual, para a filósofa, as principais atividades econômicas, políticas e sociais são desempenhadas por homens, o que permite com que retenham o poder das grandes decisões, inclusive no que concerne a vida das mulheres

---

<sup>10</sup> <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/08/a-mulher-e-um-devir-historico-rastros-de-beauvoir-no-brasil/>>

Se a mulher tem as mesmas atribuições de pensar e agir como o homem, por que continua ela relegada à condição de inferioridade? Uma fatalidade biológica, fisiológica ou psicológica a levaria a isso ou essa situação depende apenas de determinadas condições históricas?<sup>11</sup>

Alguns historiadores dizem que foi Beauvoir que optou por não conceder entrevistas sob a alegação de falta de tempo, a única menção feita por ela em seus escritos afirma que, apesar de não querer, falou quando foi convidada, mas que não queria, menciona que a temática de suas falas no geral são sobre a condição da mulher. Sabe-se também que trabalhava na revisão de alguns livros e se ocupava desta tarefa sempre que possível. No geral, sabe-se que todas as suas falas públicas no Brasil foram sobre a questão da integração da mulher em todos os planos da sociedade e a necessidade do fim dos preconceitos que as colocam em posição de inferioridade em relação aos homens, sua conferência teria envolvido passagens de *O Segundo Sexo*<sup>12</sup> e a libertação das mulheres, tema recorrente em diversos escritos.

Partem para São Paulo,<sup>13</sup> Jorge Amado sugere que façam a viagem entre as capitais no trem noturno porém Sartre e Beauvoir optam pelo avião, considerando a duração de apenas uma hora de voo. Ainda no aeroporto, são recebidos por uma multidão de estudantes e professores aos quais Beauvoir pensa serem todos jovens demais em comparação aos seus professores do tempo em que era estudante universitária. Hospedam-se em um hotel que já não existe mais no centro da cidade, mais especificamente na avenida São João. Seus comentários sobre São Paulo afirmam que esta é uma cidade desprovida de beleza, mas cheia de vida, reconhece a importância do local como um dos lugares que ajudaram o Brasil a se formar, fala da importância dos jesuítas em sua

---

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Maria Arminda Falabella, professora da faculdade nacional especialista em literatura francesa, foi uma das tradutoras das obras de Sartre no Brasil, acabou sendo a intérprete/ tradutora da conferência de Beauvoir e do debate que se seguiu.

<sup>13</sup> <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ha-50-anos-sartre-e-simone-de-beauvoir-visitavam-sao-paulo,604179/>>

fundação e dos bandeirantes, comenta que a capital paulista é a cidade mais moderna da nação principalmente pelo seu desenvolvimento urbanístico e pelo seu boom habitacional, ocorrido nas décadas anteriores, ao mesmo tempo em que lamenta a recente crise econômica enfrentada pelo país e a consequente interrupção das obras de diversos empreendimentos imobiliários e industriais (BEAUVOIR, 2017, p. 523). Conhece o bairro da Liberdade, tradicional reduto japonês, e o da Bela Vista, histórico ambiente italiano, e realiza ainda uma breve comparação entre o bairro dos Jardins e as favelas da cidade. Mostra-se empolgada com o recém-publicado *Quarto de despejo* (1960), da favelada Maria Carolina de Jesus, mas não se sabe se ela efetivamente o leu na época, pois foi traduzido para o francês somente alguns anos depois. Um de seus passeios por São Paulo foi uma breve viagem à cidade de Santos, onde descreve a região portuária e as praias da cidade, compara brevemente os ares do município com os presenciados em Copacabana, não se sabe se ela fez a viagem de trem ou de carro e não há menção de nenhum acompanhante.

Fui até Santos; era domingo, e o porto dormia. O passeio à beira-mar, com suas palmeiras, suas praias, seus quiosques, seus carrinhos de criança, fez voltar à minha memória a beleza de Copacabana. (BEAUVOIR, 2017, p. 524).

Sobre São Paulo, declara ainda que não é somente uma cidade mais desenvolvida como intelectualmente mais interessante, cria muita simpatia pelos intelectuais brasileiros que aqui a recebem, diz ser agradável conversar com os jovens sociólogos, economistas, escritores e artistas paulistanos, principalmente por sua profunda preocupação com os problemas sociais. Junto com Sartre, há o destaque de dois importantes momentos: menciona que foi a única localidade em que tiveram certa liberdade como casal e desfrutaram sozinhos de passeios pelo centro, onde mesmo que os parassem no meio da rua sempre eram breves e logo os deixavam sozinhos novamente. Em São Paulo, ocorre o lançamento do livro de Sartre sobre Cuba, e sua tarde de autógrafos com filas quilométricas é considerada, até hoje, pela livraria francesa da cidade, como o dia de maior movimento da loja. É também na cidade que visitam diversos grupos de teatro e conhecem suas adaptações teatrais dos textos de Sartre. Com os jovens artistas, narra ter tido empolgantes

discussões sobre o existencialismo francês e ter respondido questões envolvendo os textos de ambos.

As favelas estavam espalhadas por todos os cantos das grandes cidades, e em algum momento, se tornaria impossível, na visão de Beauvoir, se tornaria impossível aos paulistanos continuarem a ignorar as questões envolvendo a miséria. Em nome deste tema, os intelectuais e até mesmo a burguesia, em sua análise, deverão em um futuro próximo serem levados a tomar posições revolucionárias; junto de Sartre, participa de uma conversa com dirigentes sindicais e conclui que, no geral, o sentimento dos metalúrgicos é de privilégio quando comparado aos camponeses, também se fez visível uma falta de solidariedade quanto aos problemas da região do nordeste. Uma contradição para a filósofa é a de que todos, sejam intelectuais, estudantes ou operários, parecem saber que são explorados e que favorecem o imperialismo americano apesar de também, limitadamente, o combaterem através de manifestações, do apoio a Cuba, ao mesmo tempo em que, por outro lado apostam no sucesso do grande capital como sendo o caminho para a prosperidade brasileira.

Em São Paulo, ministrou sozinha uma palestra na Fundação Armando Alvares Penteado, da qual, infelizmente, também não há registros, provavelmente pelos mesmos problemas apresentados em relação a conferência do Rio de Janeiro. Em São Paulo, sabe-se somente que falou sobre a condição da mulher brasileira. Afirmando que no nordeste as moças têm muito menos privilégios e liberdades que as mulheres do sul do país. Tece ainda um comentário sobre a questão do divórcio no país, que só foi ser instituído oficialmente em 1977.

É destacado por ela, nesta conferência, o que viu e sentiu sobre a condição da mulher no Brasil. A conferência, mesmo que ministrada em francês e sem intérprete, também foi lotada, sabe-se que nela estavam presentes algumas mulheres que já eram ou que viriam a ser importantes intelectuais brasileiras como Lygia Fagundes Telles, com quem Beauvoir conversou sobre a vida das mulheres no país e por quem se interessou pela literatura desenvolvida e passou a trocar impressões literárias até praticamente o final de sua vida. Sobre a conferência em São Paulo, Beauvoir diz:

“Falei novamente sobre as mulheres numa sala florida e perfumada, diante de senhoras paramentadas, que pensavam o contrário do que eu dizia; mas uma jovem advogada me agradeceu em nome das mulheres que trabalham. A condição das mulheres brasileiras é difícil de definir. Varia segundo a região. No Nordeste, uma moça – mesmo que viva numa favela – não tem qualquer possibilidade de se casar se não for virgem; é rigidamente vigiada pelos que a cercam. As grandes cidades industriais do Sul são muito mais liberais. No Brasil o divórcio não existe. Mas se um homem e uma mulher, sendo um deles casado, decidem viver juntos, anunciam isso nos jornais. São considerados nos meios mais puritanos como um casal legítimo, e seus filhos têm direito ao nome e a herança do pai. Está tudo muito bem, mas o preço disso é que, ao deixar seu lar, a mãe perde todo o direito sobre os filhos. E quando um homem morre, só a primeira esposa é legatária: a companheira que partilhou sua vida sem contrato oficial não recebe um cruzeiro sequer.” (BEAUVOIR, 2017, p. 526).

Em suas memórias, Lygia Fagundes Telles relembra seus encontros com Beauvoir, em 1960, quando ainda era uma jovem autora que vinha alcançando crescente popularidade: alega conhecer Beauvoir e Sartre da mesma maneira que qualquer intelectual da época, havia tido contato com algumas de suas obras as quais não especifica.

A brasileira conta que conheceu Beauvoir e Sartre em um almoço promovido por um importante editor paulista. Ao conversarem, constatou que Beauvoir de início parecia interessada apenas em compreender melhor a condição da mulher brasileira, era, em suas palavras, uma pesquisadora de curiosidade inesgotável, com bom domínio sobre a história do Brasil, questionando-a inclusive sobre a ditadura de Vargas e a reação da juventude a este período. Beauvoir demonstrava-se particularmente interessada em como a mentalidade brasileira intervinha no processo de escrita de Lygia.

Para Lygia, não interessava tanto a Beauvoir os aspectos folclóricos brasileiros, a interessava muito mais compreender as faces mais profundas do país. Após este primeiro encontro, Beauvoir volta a procurá-la para que se encontrem, junto à escritora e jornalista Helena Silveira, ainda mais uma vez. Neste segundo encontro, conversaram sobre suas obras, sobre o existencialismo e outros tópicos caros a elas.

Beauvoir presenteou-a com uma cópia do recém traduzido *Todos os Homens são Mortais*, além de uma outra sua obra traduzida por Sérgio Milliet, figura importantíssima para a difusão da obra de Beauvoir no Brasil. Perguntou sobre o trabalho de Lygia, gostaria de conhece-lo mais, havia uma cópia de *Ciranda de Pedra* em francês canadense, Beauvoir insistiu em ler uma cópia e esta entrega seria a razão de um terceiro encontro:

“Não era mulher de querer parecer delicada, disso eu já sabia. Então tirei a cópia, enfeei o maçarote no envelope e me dirigi ao encontro marcado no hotel. Meio arrependida, que bobagem, ela pedira um livro que não ia ler nesse desconforto, é claro. Retribuição de gentileza de visitante que sobe no avião e esquece. Não era do gênero assim superficial mas parecia tão ocupada, confessou que estava terminando dois livros... Comecei a rir de mim mesma enquanto atravessava a Praça da República com o maçarote do romance na tradução do francês canadense. Envelope pesado, não? Impressionante como o pensamento pesa naquela hora da pesagem no aeroporto. E se deixasse o envelope com o seu conteúdo ali esquecido num dos bancos do jardim? Ainda assim, arrisquei, vamos apostar? Levo o livro até o hotel e pronto, melhor ainda se o casal não estiver. Imaginá-lo esquecido numa poltrona era menos deprimente do que deixá-lo ali no banco de pedra da praça.” (TELLES, 2002, p. 14).

Para a sua felicidade, não somente Beauvoir rapidamente a responde, como elogia muito seu trabalho, lamentando apenas o fato de não existir ainda uma tradução em francês parisiense.

Dez anos depois, Lygia foi a Paris visitar Beauvoir, *A Mulher Desiludida* havia acabado de ser lançado e a brasileira foi presenteadada com uma cópia. Conversaram seriamente sobre temas que naqueles tempos as perturbavam, em especial a velhice questão que tornou-se tão cara a Beauvoir, era o início do período em que a filósofa francesa passaria a dedicar-se bem como ao fim da vida propriamente dita, por mais que fosse viver ainda cerca de quinze anos.

Enquanto estão em São Paulo, chega a eles um convite para ir a Araraquara,<sup>14</sup> é pedido aos filósofos que aceitem em especial porque seria

<sup>14</sup> Beauvoir em seu diário escreve brevemente sobre a paixão do brasileiro por futebol, em Araraquara vivenciou com espanto uma quantidade gigante de

importante que ajudassem no processo de descentralização do ensino superior no Brasil, até então quase que exclusivamente presente nas grandes capitais e ausente no interior do país, não tendo sido, portanto, uma viagem necessariamente desejada ou planejada por eles. Acabam por aceitar mediante os insistentes convites de um professor ao qual Beauvoir omite o nome, é interessante ressaltar que este era um hábito comum da filósofa, existe uma tendência em seus escritos de nomear somente as pessoas que já fossem notadamente conhecidas. Tendo em vista a importância do professor Fausto Castilho na organização do evento bem como na estruturação do curso de filosofia da Universidade Estadual Paulista, UNESP estima-se que se tratava dele, pois além de ter trabalhado na organização da conferência desempenhou importante papel na organização do livro *Furação sobre Cuba*, da autoria de Sartre. Na cidade<sup>15</sup> passa muito tempo junto de Jorge Amado com quem divide uma posição semelhante sobre os jovens brasileiros: por mais que parecessem revolucionários em suas ideias, sua provável futura formação – como médicos, advogados, etc – indicava que não reivindicariam nada além de um capitalismo nacional.

Em Araraquara, Beauvoir comparece também à histórica conferência de Sartre. Não ocorreu, durante sua visita à cidade, nenhuma conferência própria da filósofa, sabe-se apenas que realizou uma conversa com alguns alunos no teatro municipal local. Dentre os acadêmicos célebres que participaram da recepção e atividades em Araraquara notam-se: Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, Roberto Schwarz, ‘Zé’ Celso, Antônio Candido, Gilda Mello e Sousa, José Arthur Giannotti e Bento Prado Jr.

---

carros, caminhões e ônibus, ambos voltando de um jogo de futebol, menciona o fanatismo do brasileiro por esse esporte. Curiosamente sabe-se pelo cruzamento das datas que se tratava do jogo Ferroviária X Santos, de Pelé, o time da casa venceu por goleada o histórico time santista, causando euforia na pequena cidade. Ref. Alexandre Fernandez Vaz em *O Quase Encontro entre dois Gênios: Pelé e Sartre em Araraquara*.

<sup>15</sup> Em Araraquara a homenagem ao filósofo francês Jean-Paul Sartre, se deu através da Lei Municipal nº 5.673, de 30/08/2001, instituindo o “Dia de Sartre no Município de Araraquara”, a ser comemorado no dia 04 de setembro.

No retorno à capital do estado, Beauvoir novamente aponta momentos em que ela e Sartre desfrutaram de certa liberdade que, no Rio, especialmente por conta das constantes importunações da imprensa, havia se mostrado inviável. De volta ao Rio, receberam o título de cidadãos honorários, o que ela confessa acreditar ser um insulto ao governo francês, que havia pressionado o governo brasileiro para que não permitisse a viagem por medo de que os intelectuais franceses falassem sobre a Argélia e mal da administração francesa, coisa que de fato fizeram.

Enquanto isso, na França, os 121 intelectuais signatários do Manifesto em defesa da libertação da Argélia, assinado à distância por Beauvoir e Sartre, passavam por um momento delicado, estavam sendo ameaçados judicialmente pelo governo com a possibilidade de uma punição de até cinco anos de prisão. Vários signatários já haviam sido acusados, as ameaças eram constantes e cresciam diariamente, pairava especialmente no ar a informação de que especificamente Sartre seria preso assim que retornasse a Paris.

A convite de Niemeyer, seguem viagem para Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, com Jorge Amado e o irmão de Jorge Zélia Gattai, com o intuito de ali conhecer suas obras, como a Igreja de São Francisco de Assis na lagoa da Pampulha. Viajam pelo interior de Minas, passam especialmente pela rota do ouro e Beauvoir narra um pouco dos seus conhecimentos sobre a obra e vida de Aleijadinho, estava animada em conhecer suas obras, e elas a impressionam demasiadamente. Lamenta não poder estender sua breve passagem pela cidade de Ouro Preto, um lugar ao qual declara o desejo de conhecer mais.

## SUL

É curioso pensar no porquê do itinerário escolhido não contemplar os estados do sul do país. Infelizmente, tanto Beauvoir quanto Sartre foram vetados de irem a Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, ao serem publicamente declarados como indesejáveis pelo conselho da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “um dos membros mais temidos do Conselho, o líder católico, professor e ex-senador Armando Câmara, decretou com sua voz tonitroante: ‘Se está rameira [Simone]

entrar nesta Universidade, eu sairei pela mesma porta para nunca mais aqui voltar<sup>16</sup>.”<sup>16</sup>

A questão que permeia a não visita dos filósofos ao sul do país permanece sendo tema de interesse dos veículos de imprensa até os dias de hoje. Como mencionado anteriormente, os filósofos causaram um intenso debate entre políticos e sociedade civil porto-alegrense sobre a possível passagem deles pelo estado. Apesar do constrangimento gerado na época, a decisão foi mantida e pouco se discutiu sobre ela ao longo dos anos posteriores, até o ato realizado por um grupo de intelectuais na 51<sup>a</sup> da Feira do Livro de Porto Alegre, com apoio da Câmara Rio-Grandense do Livro, que propôs a realização de um evento reparatório ao que chamam de triste episódio da história porto-alegrense, ou mancha histórica da intelectualidade gaúcha, homenageando Sartre na mencionada feira, esquecendo completamente da pessoa que foi a seu real alvo das ofensas em 1960, Beauvoir.

Quarenta e cinco anos depois da visita de Beauvoir e Sartre ao Brasil, este último recebeu as homenagens merecidas, além de desculpas dos intelectuais gaúchos, que, envergonhados, procuraram de alguma forma esquecer aquele veto obscuro, mesmo que tenham se deslembado de se desculpar a seu real alvo.

## **CENTRO/ DISTRITO FEDERAL**

Um dos assuntos do momento era a recém-inaugurada capital do país, Brasília. O consenso geral sobre a admirável grandiosidade da obra não impediu às críticas ao presidente J.K. e ao gasto astronômico na construção da capital: a realização do caríssimo projeto afundou o país em uma crise econômica para construir uma cidade em que ninguém queria morar. Ainda no Rio de Janeiro, Beauvoir havia tido contato com funcionários do governo que efetivamente se recusavam a se mudar para uma localidade tão distante e isolada. Sua impressão era a de ver uma maquete em tamanho real, uma construção desprovida de humanidade, que era a mais demente lucubração que o cérebro humano,

---

<sup>16</sup> <<http://observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/intelectuais-gauchos-saldam-divida-historica/>>

no caso, o de J.K. jamais concebeu (BEAUVOIR, 2017, pp. 537-38). A segregação racial em Brasília é sentida pela filósofa de maneira mais intensa do que em qualquer outro lugar até então visitado, os habitantes do município não se misturam nos mais diversos níveis; o único elogio à Brasília feito por Beauvoir é à região da praça dos três poderes e à catedral. Niemeyer havia organizado um encontro dos filósofos com o presidente Kubitschek, o qual Beauvoir descreve, em seu relato, como breve, não havendo qualquer descrição aprofundada sobre o que conversaram. Além das fotografias oficiais do governo no Palácio da Alvorada, encontra-se algumas de Beauvoir, Sartre, Jorge Amado, Zélia Gattai e Niemeyer em alguns dos monumentos de Brasília. Seu maior destaque está em narrar as especificidades dos pobres que habitam principalmente a periferia da jovem capital, hoje em dia conhecidos como cidades satélites, local que ela diz ter sido o que mais gostou de estar. Essas favelas, que foram construídas pelos nordestinos que executaram a construção da cidade, ficam extremamente distantes dos locais de trabalho, e seus moradores são tratados com extrema violência pelos motoristas dos “paus de arara”. Os custos em vidas e em dinheiro, tanto da construção quanto da criação de estradas para ligar a nova capital ao resto da nação, lhe soa como um crime contra a humanidade. Sobre o encontro com o presidente, Beauvoir diz:

Amado e Niemeyer nos levaram a Kubitschek; tivemos com ele, em seu gabinete, uma breve conversa formal. Ele considera Brasília como sua obra pessoal. Na Praça dos Três Poderes encontra-se um museu, de autoria de Niemeyer, consagrado à história da nova capital. Dir-se ia uma escultura abstrata; é simples, inesperado e belíssimo; infelizmente, de uma das paredes surge, verde e em tamanho maior que o natural, a cabeça de Juscelino; embaixo estão gravados elogios rasgados que ele inspirou. Aos domingos, as pessoas vão em peregrinação – aonde iriam? Em torno de Brasília não existe absolutamente nada... (BEAUVOIR, 2017, p. 537).

## NORTE

O intenso desejo de Beauvoir de conhecer os povos indígenas faz com que Jorge Amado encontre um jeito de levar o grupo à Ilha do

Bananal<sup>17</sup>. Os índios os encontram no aeroporto, de cara Beauvoir se sente constrangida ao perceber que os indígenas não queriam estar ali e o quão precárias eram as suas condições. Após serem presenteados com artefatos indígenas, são convidados a ir à aldeia e, para ela, aqueles índios levam uma vida tão artificial quanto à de qualquer animal de zoológico. Compreende que as únicas tribos interessantes estão inacessíveis.

... Pudermos vê-los ao longe, quase nus, penas na cabeça, arcos na mão, com os cabelos duros emoldurando os rostos pintados de vermelho e preto. ‘Querem ir até eles, ou preferem que venham a vocês?’ perguntaram-nos, quando saímos da cabine. Fomos até eles. Saudaram-nos com gritos desprovidos de convicção. Atrás deles estavam mulheres vestidas com os farrapos cotidianos, filhos nos braços e aparência abatida. Sentiamo-nos terrivelmente constrangidos com aquela palhaçada e com nosso papel de idiota. Troca de sorrisos, apertos de mão; eles nos deram – como lhes fora prescrito – armas, flechas, diademas de penas, que tivemos que colocar na cabeça... Arrancados de sua condição natural, sem serem assimilados como os das ‘reservas’ do Novo México, aqueles índios levavam uma vida tão artificial quanto a dos animais de um zoo. (BEAUVOIR, 2017, pp. 539-40).

Sente profunda tristeza ao se despedir dos Amados, teme nunca mais vê-los, mas eles precisam retornar ao Rio enquanto Beauvoir e Sartre continuam subindo em direção a Manaus, capital do estado do Amazonas, único Estado em que vão por conta própria, e o fazem seguindo uma recomendação de Bost. A cidade a encanta pelos costumes específicos, porém não tem energia elétrica e o clima se apresenta como sendo um desafio, novamente a filósofa realiza uma breve análise arquitetônica do local comparando-o com a estética portuguesa e com a baiana e recifense. Também desce o Rio Amazonas em um barco da Petrobras, o que considera como uma experiência intensa: definitivamente para ela qualquer outro rio do mundo é incomparável a este. Também menciona

---

<sup>17</sup> A região Centro e Norte do Brasil sofreram alterações territoriais, na época da viagem a mencionada a Ilha fazia parte do estado de Goiás, pertencente a região Central do país, hoje em dia faz parte do território do estado de Tocantins, pertencente a região Norte.

a exploração da borracha e da riqueza que acabou por trazer à cidade em períodos do passado. Uma das críticas que faz a Brasília é pensar que a construção de rodovias poderiam atrapalhar a zona franca de Manaus e o sistema hidroviário regional.

Durante dois meses eu amara o Brasil; ainda o amo, através das minhas recordações: mas naquele momento, de repente, senti-me inteiramente farta da seca, da fome e de toda angústia. (BEAUVOIR, 2017, p. 549).

Beauvoir adoece entre o final da viagem por Manaus e o retorno a Recife, onde é diagnosticada com tifo. Além disso, preocupava-se tanto com Sartre, que bebia muito, quanto com seu retorno a Paris – esperavam, para isso, uma carta ou ligação de Bost, sinalizando ser seguro voltarem à França. Sendo o tifo uma doença contagiosa, não seriam recebidos por nenhum hotel, mas Cristina, a mesma jovem que os guiou pela primeira passagem pela cidade, os recebeu na casa de sua família, a jovem jornalista, fazia parte de uma tradicional família pernambucana, como mencionado, é a jovem que participa do grupo que recebe os filósofos na capital Recife e acaba acompanhando-os em boa parte da viagem, muito por ter desenvolvido um romance com Sartre.

O nome de Cristina permaneceu desconhecido até meados dos anos 1980, quando, em matéria de um jornal brasileiro, revela a própria identidade e um pouco da relação que manteve com os filósofos até suas mortes. O reconhecimento da importância da figura de Cristina foi também motivado pelas pesquisas de Hazel Rowley, importante biógrafa que, em vinda ao Brasil em 2002 para o lançamento de seu mais recente trabalho – justamente uma biografia dos intelectuais franceses – busca informações sobre este personagem misterioso da vida de Beauvoir e Sartre.

Como a principal fonte que temos sobre a viagem é da própria Beauvoir, é interessante buscarmos pela forma como Cristina, que aos vinte e quatro anos foi uma das pessoas que os acompanhou em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, aparece em seu relato. Seu nome e sobrenome nunca são mencionados, há somente referências a ela como sendo a amante brasileira de Sartre. Em uma segunda oportunidade, já em *A Cerimônia do Adeus*, livro em que Beauvoir relata um pouco dos últimos anos da vida do pensador francês, em um dado momento eles relembram o que chamam de amores de Sartre e consecutivamente

Cristina, ela aparece como um de seus romances mais genuínos, um dos poucos em que Sartre manifestou o desejo de se casar, tendo os dois mantido contato por muito tempo.

O sobrinho de Cristina, o professor universitário José Tavares Correia de Lira, herdou as correspondências remanescentes entre sua tia e os filósofos – ao todo, três cartas de Sartre e duas de Beauvoir. Nelas vemos sua preocupação com a formação acadêmica de Cristina, enviam listas de livros e planos de estudos aos quais a recomendam seguir, Beauvoir chega a enviar-lhe exemplares da revista *Les Temps Modernes* e de alguns clássicos. José comenta que, para a tia, seguir estes estudos foi algo inviável, não pela falta de vontade ou sentimento similar, mas pela complexidade e extensão demasiadas das obras. De acordo com Cristina, ler a sugestão de somente uma das listas demoraria pelo menos dez anos.

Como a relação entre os três foi muito intensa, o plano nunca foi o de partir sem Cristina. Porém na época não era viável para ela deixar o Brasil para ir à França viver um relacionamento pouco convencional, pois isto representaria o fim das suas relações de parentesco devido ao tradicionalismo de sua família, e por isso Sartre cogita seriamente casar-se com ela para que as mudanças em sua vida não fossem tão traumáticas. Acredita-se que Beauvoir e Sartre planejavam retornar ao Brasil em 1963-64, o que acabou não ocorrendo, porém sabe-se que Cristina foi à França algumas vezes, chegando até mesmo a entrevistá-los nos anos 1970.

O conteúdo das correspondências remanescentes não é público, porém sabe-se que há, em pelo menos uma delas, um forte incentivo de Beauvoir para que Cristina se engaje mais politicamente e que dispute novos espaços, conselho que seguiu, tendo se tornado Deputada Federal e participado da constituinte de 1988.

Após alguns dias recebem a carta de Bost acerca do planejamento do retorno deles a França. Considerando sua delicada situação na França, planejam retornar à Europa por Barcelona, permanecendo na cidade até que pudessem voltar com segurança a Paris. Para a viagem, Beauvoir pede alta ao seu médico – concedida a contragosto – tendo apresentado alguns episódios de desmaio.

Nos últimos dias Beauvoir narra sua felicidade por reencontrar os Amados mais uma vez, mas está com saudades da França e ainda um pouco doente, é neste momento que prometem retornar. Muito se

publicizou sobre Sartre aceitar, ao menos por algum tempo, o cargo de professor na Universidade de São Paulo. Sabe-se que, apesar do apelo de diversos intelectuais brasileiros para que um convite oficial fosse feito, isto acabou por não ocorrer. O boato se espalhou muito por causa do movimento estudantil e alguns jornais da época que constantemente ventilavam a informação a fim de pressionar a universidade e o governo brasileiro para que houvesse ao menos um pedido oficial, de qualquer forma, sabe-se que esses planos são totalmente interrompidos pelo golpe militar de 1964.

Para Beauvoir, não há povo mais cordial no mundo que o brasileiro. No último volume de seus diários, a filósofa eternizou suas impressões sobre as cidades brasileiras, os costumes, as misérias e os preconceitos contra a mulher. Ela certamente nunca se esqueceu do Brasil, diversos intelectuais tupiniquins vieram a escrever para sua revista à *Les Temps Modernes*, dentre eles Antônio Calado sobre as Ligas Camponesas; Fernando Henrique Cardoso, sobre ‘Hegemonia burguesa e independência econômica’ e, em 1967, foi publicado um volume da revista totalmente dedicado ao Brasil.

No ano de 2020, completou-se sessenta anos da passagem de Beauvoir e Sartre pelo Brasil. O momento da viagem apresentou-se, como vimos, como muito oportuno, considerando-se a excitação política de caráter singular vivida no Brasil da época, resultado de, entre outras coisas, a Revolução Cubana, as eleições presidenciais e a inauguração de Brasília. O longo itinerário e as frequentes atividades movimentaram a intelectualidade brasileira durante os meses que aqui estiveram. É possível compreender os fatores aos quais podemos considerar os comentários de Beauvoir sobre as desigualdades sociais e de gênero brasileiros como limitados, mas os cuidados que ela demonstrou ao longo de sua estadia em pautar seus diagnósticos e críticas sob a obra de diversos intelectuais brasileiros e seus estudos sobre estes temas. Em uma das poucas entrevistas que concedeu em terras brasileiras, encontramos bastante honestidade quanto a sua interpretação do que seria o Brasil, quando define o mesmo:

“Pelo que observou em sua viagem, acha que o Brasil é um país que se procura, cheio de contrastes e desníveis. Onde um Sul abastado vive da miséria do Norte. Considera, portanto, que cabe à literatura revelar uma região a outra, dar consciência ao problema dos contrastes promover

a unidade. Se na França a ‘literatura popular’ não tem sentido, por ser um país socialmente estratificado, onde no século XVI a arte popular foi substituída pela arte burguesa, o mesmo não acontece no Brasil, cuja nacionalidade se acha em processo de formação.”<sup>18</sup>

## BIBLIOGRAFIA

BASTOS, J. *Fundada há 70 anos, Livraria Francesa coleciona momentos de glória e crise*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1907214-fundada-ha-70-anos-livraria-francesa-coleciona-momentos-de-gloria-e-crise.shtml/>>. Acesso em: 25.05.2020.

BEAUVOIR, S. *A cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2. ed. 2019.

BEAUVOIR, S. *A força das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 3. ed. 2018.

BEAUVOIR, S. *Cartas a Nelson Algren – Um amor transatlântico 1947-1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 5. ed. 2018.

BEAUVOIR, S. *Todos os Homens São Mortais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2. ed. 2019.

CAMUS, A. *Diário de Viagem – A visita de Camus ao Brasil*. Rio de Janeiro: Record. 2. ed. 1996.

Cadernos Pagu – UNICAMP. *Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX*, 1999.

D’AMBRÓSIO, O. *O dia que Araraquara foi existencialista*. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/159/memoria.htm/>>. Acesso em: 01.06.2020

GALDO, R & DAFLON, R. *Favelas foram removidas para conjuntos sem qualquer infraestrutura*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/favelas-foram-removidas-para-conjuntos-sem-qualquer-infraestrutura-2772762/>>. Acessado em: 09.06.2020

---

<sup>18</sup> BEAUVOIR, S. *O Estado de São Paulo*. Quatro de Setembro de 1960, p.14.

GATTAI, Z. *A Casa do Rio Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Record. 1. ed. 1999.

GIANUCA, R. *Intelectuais gaúchos saldavam dívida histórica*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/intelectuais-gauchos-saldam-divida-historica/>>. Acessado em: 10.05.2020

MONTENEGRO, F. *Prólogo, ato, epílogo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1. ed. 2019.

OLIVEIRA, D. *Feira de Santana foi Existencialista por um dia*. Disponível em: <<http://oliveiradimas.blogspot.com/2013/07/feira-de-santana-foi-existencialista.html/>>. Acesso em: 01.06.2020

O GLOBO. *Pavão-Pavãozinho, uma história que começa na década de 1930*. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/rio/pavao-pavaozinho-uma-historia-que-comeca-na-decada-de-1930-1532552>>. Acesso em: 09.06.2020.

ROMANO, L. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

ROWLEY, H. *Beauvoir, Brazil and "Christina T"*. Disponível em: <<http://hazelrowley.com/article-4/>>. Acesso em: 05.06.2020

SARTRE, J. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara*. São Paulo: Paz e Terra. 2. ed. 1987.

TELLES, L. *Durante Aquele Estranho Chá: Perdidos e Achados*. São Paulo: Companhia das Letras. 1. ed. 2002.

## **Higía: A representação da saúde em Simônides e Píndaro**

*Gabriel Apostólico Carra*

**RESUMO:** Este texto foi apresentado como relatório final para a iniciação científica “A representação da saúde em Simônides e Píndaro”, finalizada em 2020. Nele, foram apresentados os resultados de uma leitura dos fragmentos 604, 651 e 542 (Page, 1962), de Simônides, e da Pítica 3 (Snell-Maehler, 1984), de Píndaro, à luz de alguns entendimentos sobre: a) condições históricas do período em que foram gestadas as canções estudadas, conhecido como tardo-arcaico (VI e V a. C.), sobretudo no que se refere às relações dos poetas com as condições políticas – os governos dos tiranos nas pólis gregas – e de mobilidade da época; b) o uso literário mais amplo que a saúde apresenta em obras posteriores e anteriores ao corpus; e c) características composicionais da métrica. Dessa forma, pretendeu-se contribuir para a área de Estudos Clássicos sugerindo leituras para as canções estudadas a partir de um ângulo menos usual, e chamando atenção para uma categoria que, apesar de manter-se nas sombras de sua contraparte – a doença –, subjaz no coração de algumas das principais obras da Antiguidade Clássica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simônides; Píndaro; métrica grega; saúde.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou analisar e comentar a representação da saúde, *hygieia* (ὕγιεια), em composições mélicas dos poetas Simônides de Ceos e Píndaro da Beócia, ambos do período tardo-arcaico grego (séculos VI e V a.C.). Ainda que a noção de saúde seja cardinal para vidas e sociedades, é notável a pouca ênfase a ela empenhada nos Estudos Clássicos, principalmente no período pré-surgimento do chamado *Corpum Hippocraticum*. Dado este obstáculo, foi necessária a articulação de três frentes de estudo: 1) da sociedade grega arcaica e da interação da mélica com este contexto; 2) das representações da doença, antítese da saúde, visto seu lugar proeminente tanto nos textos antigos quanto no mito e, por consequência, nos Estudos Clássicos; e 3) dos *corpora* dos poetas.

Apesar de a saúde aparentar, como tema, certa marginalidade, é inverossímil concluir que sua situação na imaginação dessa cultura fosse desimportante, ou antes, que não fosse elemento central. É a partir da hipótese de que a saúde está no horizonte de muitas discussões notabilizadas como preocupações clássicas da cultura grega arcaica – a virtude, *areté*, o lugar dos homens e deuses no cosmo e a morte – que esta pesquisa se lançou na empreitada de investigar como ela foi representada nas composições que dela trataram.

A mélica não foi escolhida de modo fortuito. Por tratar-se do gênero que, como o próprio nome antecipa – mélica deriva de *mélos*, “canção” –, está mais intimamente ligado com a ocasião de *performance*, é nele que imaginamos a possibilidade de encontrar criações poéticas ligadas a este elemento tão importante para o cotidiano. Tal escolha, como veremos adiante, se terá mostrado acertada, pois há no *corpus* de Simônides e Píndaro fragmentos, e pelo menos uma canção completa, cujo tema central é a saúde.

## METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa se deu em três etapas: 1) leitura e análise de bibliografia específica sobre poesia grega arcaica, sobretudo mélica, e seus métodos de leitura, conforme descrito no relatório parcial; 2) leitura e análise de bibliografia específica sobre a incorporação literária da doença, sobre os contextos do período arcaico e como poderia ter se

dado uma incorporação literária da saúde; e 3) análise do *corpus*, cujo objetivo, a partir do confronto com as leituras e análises sobre mélica, contextos e sobre as representações literárias da doença e da saúde, foi de propor ampliar as maneiras de compreensão do *corpus*.

Ao tratar deste *corpus*, fala-se em fragmentos (fr.) de Simônides, em vista da precariedade das canções, cujas fontes são citações em escólio de Platão (filósofo, século IV a.C.), em texto do próprio Platão e de Sexto Empírico (médico, século I-II, d.C.); e em epinício, denominado *Pítica 3*, no caso de Píndaro, cuja fonte é o livro de epinícios editado em Alexandria, séculos depois de sua primeira apresentação. As edições adotadas foram as de Page (1962), para os frs. 604, 651 e 542, de Simônides, e Snell-Maehler (1984), para a *Pítica 3*, de Píndaro. No caso desta, a fim de manter o relatório sucinto, foi suprimido o texto grego completo, embora todas as análises ora realizadas tenham se pautado nele.

## RESULTADO

A pesquisa resultou, em termos objetivos, na análise de todo o *corpus*, à luz de estudos que levaram em conta o gênero mélico, o contexto da Grécia arcaica, em especial as relações dos poetas com a figura denominada “tirano” (*týrannos*), e estudos dos usos literários da peste e da doença em diversos autores arcaicos, clássicos e no imaginário mítico, com base no qual foi proposta uma forma de compreender o uso literário da saúde. Ademais, o processo de estudo bibliográfico e análise do *corpus* propiciou base teórica relevante e um início de amadurecimento acadêmico na área de Letras Clássicas, importante aspecto nesta fase de formação na qual se deu a iniciação científica.

## ANÁLISES

### Poeta e sociedade

Tendo como vetores principais as importantes lições de Giuliana Ragusa, em *Lira, mito e erotismo* (2010), sobre a mélica; de Glenn Most, em “Greek lyric poets” (1982), e Leslie Kurke, em “Archaic Greek poetry” (2007), sobre os poetas arcaicos; de Charles Segal, em “Poetry,

performance, and society in early Greek literature” (1988), e de Joseph Russo, em “The meaning of oral poetry” (1971), sobre *performance* da poesia grega arcaica e dos sentidos da poesia oral; do estudo de John Herington, em *Poetry into drama* (1985), sobre a própria simbiose entre cultura grega e canção; de Martin West, em “Greek poetry 2000-700 B. C.” (1973), e Paula Corrêa, em *Armas e varões* (1998), sobre a própria antiguidade da mélica grega e de seu lugar tradicional; das investigações históricas de Lilian Jeffery, em *Archaic Greece* (1978), sobre os grandes avanços históricos presentes no período arcaico, contrariando possíveis interpretações do adjetivo como sinônimo de primitivo; e, por fim, dos estudos sobre a tirania de Anthony Andrewes, em *The Greek tyrants* (1963), e Victor Parker, em “Τύραννος” (1998), cunhou-se, para este estudo, a designação de *reino da instabilidade* para o contexto em que as canções estudadas foram compostas.

A ideia de instabilidade surge por uma cadeia de fatores que, desde o início do período arcaico, abalam as estruturas tradicionais até então vigentes na cultura grega. São elas: as múltiplas inovações tecnológicas que surgem desde o início do período (novas técnicas de mineração, navegação, reintrodução da escrita); a disputa pela autoridade das comunidades, enfrentada pelos poetas com logógrafos e filósofos pré-socráticos; o enfraquecimento das estruturas de governos tradicionais dos períodos pré-arcaicos gregos, monarquia e aristocracias, e o surgimento daquela figura que, por meio de intensificação de instabilidades nestas realidades já debilitadas, ascenderá ao poder – o *týrannos*; a condição instável dos tiranos, que modifica o quadro de permanência dos poetas por muito tempo numa corte específica, exigindo deles uma qualidade até então inédita, ou pelo menos mais rara, a da errância, a qual os torna suscetíveis, com maior frequência, a todos os perigos das navegações na antiguidade, e impõe-lhes a constante necessidade de encontrar hospitalidade em novas cortes.

Todas elas, somadas num período de quatro séculos, e acentuadas na era de produção poética de Simônides e Píndaro, tornam possível conjecturar que um dos signos importantes daquele momento cultural, social e político foi a instabilidade.

## Uso literário da saúde

A partir do estudo da noção de mito proposta por Walter Burkert, em *Mito e mitologia* (1991); dos estudos de Daniel Blickman, em “The role of the plague in the “Iliad”” (1987), e Pantelis Michelakis, em “Naming the plague in Homer, Sophocles, and Thucydides” (2019); das elucidações sobre o imaginário da peste na Atenas clássica de Robin Mitchel-Boyask, em *Plague and Athenian imagination* (2008); e dos estudos sobre a peste na literatura de Rene Girard, em “The plague in literature and myth” (1974); e analisando como todos estes elementos operavam em textos antigos – *Iliada*, de Homero (meados do século VIII a.C.); *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides (século V a.C.); *Édipo Rei* e *Filoctetes*, tragédias de Sófocles (século V a.C.) –, verificou-se uma associação da peste com momentos de rupturas do curso compreendido como natural ou normativo da vida, o que a levaria a sua interrupção, a qual, por sua vez, está intimamente associada com decisões políticas de líderes das comunidades. Suas consequências são sentidas por todos, causando instabilidades que, se não devidamente remediadas, condenam a sociedade à destruição, à dissolução total. A conclusão da incursão por estas diversas modalidades de representação da doença pela poesia e prosa gregas do período arcaico e clássico é de que ela é, em termos metafóricos, indicativa de processos de dissolução social por meio da destituição de indivíduos e grupos de suas qualidades mais específicas, fazendo-os enfrentar antecipadamente a realidade que aguarda todos os humanos: a morte.

Tal conclusão nos instigou, portanto, a perguntarmos sobre quais metáforas estariam sendo mobilizadas quando, nas poucas vezes em que ocorre no *corpus* a nós legado, a saúde (*hygieia*) é tema, para além de um nível pragmático e mais direto que envolve esta noção. O método para isso foi de pensar a relação entre as metáforas da doença e da saúde de forma dialética, em que uma apontaria os sentidos opostos da outra.

O sentido da doença, conforme investigamos, se volta para uma diluição das especificidades que sustentam sociedades e indivíduos. As consequências, a *anomia*, como na Atenas de Tucídides, ou o anonimato, como o Filoctetes da peça homônima de Sófocles. A direção oposta, então, é a vida. O processo aponta para uma manutenção das especificidades ora tensionadas: a função social exercida por cada indivíduo na

*pólis*, a distância imaginada entre humano e divino, o reconhecimento por grandes feitos – em suma, a preservação da lógica da “cultura da vergonha”<sup>1</sup>. As consequências, por fim, são a continuidade e a própria existência de uma tessitura social coerente e possível, da qual deriva a *pólis*, percebida desde a antiguidade como vital para a existência humana<sup>2</sup>.

A hipótese sustentada, portanto, é de que um poeta grego do período arcaico, ao mobilizar os tópicos da doença e da saúde em suas canções, está tomando, do repertório de experiências míticas e culturais, noções que apontam para a solvência e manutenção do sistema da *pólis*.

### Fragmento de Simônides

O fr. 651 aparece em escólio (*skhólion*) à passagem do diálogo *Górgias* (451e), de Platão, no qual o escoliasta – anônimo antigo comentador – afirma que uns atribuem sua autoria a Simônides, outros a Epicarmo. Contudo, há também um debate se a canção pertenceria ao grupo denominado *skólia*, “canções de beber ou convívias”. A autoria incerta é de menos importância do que o fato de a canção também constar entre as *skólia*, o que a associa diretamente ao contexto do simpósio, instituição social na qual os convivas, homens aristocratas, firmavam seus laços de união. Ademais, se esta canção passou a integrar as *skólia* posteriormente, podemos imaginar que gozou de grande popularidade. Ei-la:

ὕγιαίνειν μὲν ἄριστον ἀνδρὶ θνητῷ,  
 δεύτερον δὲ φῦαν καλὸν γενέσθαι,  
 τὸ δὲ τρίτον πλουτεῖν ἀδόλως,  
 τέταρτον δὲ ἡβᾶν μετὰ τῶν φίλων.

Estar saudável é o melhor para o homem mortal,  
 Na sequência, ter nascido com belo porte<sup>3</sup>,

<sup>1</sup> Ver Dodds (1951) para estudo a respeito.

<sup>2</sup> Ver de Platão os diálogos *República* e *Protágoras*.

<sup>3</sup> Aqui, seguindo a interpretação de Campbell (1991, p. 501), podemos pensar na natureza em seu sentido físico, corporal. Portanto, é um ter nascido belo

Em terceiro lugar, ser rico sem desonestidades,  
E, em quarto, ser jovem junto aos amigos.<sup>4</sup>

A estrutura dos versos segue uma ordenação hierárquica entre quatro elementos possivelmente presentes na vida de um homem: estar saudável, ter nascido belo fisicamente, ser abastado e ser jovem. Interessa notar que as três qualidades, com as quais **a saúde está sendo comparada**, figuram entre aquelas valorizadas nos círculos aristocráticos gregos. Logo, é possível argumentar que o que está sendo destrinchado nestes versos são os elementos necessários para que o homem mortal seja **ὄλβιος** (*ólbios*), conceito este que remete a uma felicidade subjetiva e objetiva – moral, psíquica e material. A grande diferença dos versos em questão está justamente na hierarquização destes elementos, sendo a preferência atribuída a ser saudável.

É pertinente notar também que as noções movidas estão em sua forma verbal infinitiva, o que as difere de construções participais que poderiam ser utilizadas, atribuindo-lhes um caráter dinâmico (Rijksbaron, 2019, p. 588) e, portanto, mais incerto. Assim, a condição efêmera do homem mortal está marcada na própria morfossintaxe da canção. O fato de serem verbos infinitivos no presente contribui para esta dimensão, pois dá às ações um caráter durativo, processual. A *olbía* do homem mortal, portanto, é breve como sua mortalidade. A única exceção é o infinitivo *genésthai*, que está no modo verbal aoristo, marcando uma ação encerrada: caso o homem não tenha nascido belo, não há o que fazer, sua felicidade não será total.

Um último importante ponto textual a ser notado é que a saúde (*higíaiínein*) é a única das ações privada de um complemento. *Kalòn genésthai* (v. 2) apresenta um acusativo de relação, *phúan* (v. 2); *plouteîn* (v. 3), um advérbio, *adólos* (v. 3); e *hebân* (v. 4), uma locução adverbial, *metà tôn philon* (v. 4). A sugestão que fica é de que, dentre todas as características elencadas como necessárias para a precária e passageira

---

não em sua dimensão geral, físico-moral, mas principalmente em sua dimensão corporal.

<sup>4</sup> Tradução nossa.

felicidade humana, a saúde é a única sem um critério de condição: além de ter nascido, é preciso ser belo; além de ser rico, é preciso que seja sem dolo; e, além de ser jovem, é preciso estar na companhia de sua *hetairía*.

À diferença dessa saúde não especificamente qualificada ou condicionada do fr. 651, é a do 604, cuja fonte é Sexto Empírico, no *Contra os eticistas* (xi 49):

Οὐδὲ καλᾶς σοφίας ἐστὶν χάρις  
εἰ μὴ τις ἔχει σεμνὸν ὑγίαιον.

Nem mesmo há deleite nas belas sabedorias,  
Se o homem não tem a sagrada saúde.

Aqui a saúde, em sua forma nominal acusativa, objeto do verbo *ékhei* (tem) (v. 2), aparece adjetivada por *semnàn* (v. 2), geralmente atribuído a entidades divinas, como Deméter, Hécate, Atena e Apolo, mas também para o que tem natureza divina. Desta forma, a qualificação que cabe à saúde, portanto, parece distanciá-la daquilo que é mortal. Por breve que seja, cabe aos homens tê-la para fruir de seus benefícios.

Do ponto de vista textual, encontramos dois versos que formam uma frase de estrutura condicional. No primeiro verso, consta a oração principal, construída a partir de uma estrutura existencial do verbo *estín* (há, v. 1). Não há nem mesmo *kháris* (v. 1) – cujo sentido aqui é objetivo e, portanto, podemos pensar em graça, beleza, ou, propriamente, uma fruição, o qual traduzimos por deleite – nas belas sabedorias (*kalàs sophías*, v. 1), as quais David Campbell, em *Greek lyric III* (1991, p. 478), entende que podem ser referências às artes poéticas, já que *sophía*, como *sophós*, é termo muito usado para a habilidade do poeta ou o poeta habilidoso na era arcaica. A prótase, por sua vez, determina em que situação isso acontece: se o sujeito não ter a sagrada saúde. Quanto ao modo verbal, ambos apresentam a forma indicativa, o que culmina numa condicional neutra (Rijksbaron, 2019, p. 551).

Logo, o ponto a ser observado no fragmento é a impossibilidade de encontrar até mesmo nessas belas e sábias canções algum tipo de deleite, caso o interlocutor não trouxer consigo a saúde, este atributo divino dos quais os homens compartilham por um curto período de tempo.

A leitura conjunta dos dois fragmentos nos faz perceber, destarte, que a *persona* institui a saúde como qualidade ponto de partida para a vida feliz e mesmo para a fruição das canções, as quais são elemento básico e imprescindível da vida do homem grego do período arcaico. Contudo, as conotações fisiológica e ética da saúde parecem insuficientes, sozinhas, para explicar a prioridade atribuída à noção nestas canções. Como pensar a questão, então? Neste ponto, o contexto e metáfora anteriormente traçados no estudo são úteis.

Vivendo no período que definimos como o reino da instabilidade – política e social, tanto para sua audiência, aristocratas e tiranos, quanto para o próprio poeta –, não seria improvável conjecturar que, ao compor suas canções, o poeta da época sentisse necessidade de invocar a tradicional metáfora da doença às avessas, a saúde, como antídoto para a situação. Imaginarmos a saúde nesta perspectiva parece revelar uma faceta de sentidos não óbvia, mas importante: é apenas partilhando, brevemente que seja, desse elemento divino – a estabilidade, premissa máxima dos deuses *athánatoi*, imortais, cujas vicissitudes da vida nunca serão mais do que irrelevantes incômodos ante a sempiternidade – que a raça humana é capaz de alcançar a felicidade. É condição mínima, e por isso a primeira dentre as qualidades. Prescindida, as outras, mesmo a música cantada pelo poeta, perdem a razão de ser.

Deste modo, podemos entender também o fr. 542, o mais famoso e estudado do poeta, cuja disputa interpretativa já consta em sua própria fonte, o diálogo *Protágoras*, de Platão. O *hygiès anér* (v. 36), o homem são, o que conhece a *onēsípolin díkan* (v. 35), a justiça proveitosa para a cidade, no qual a *persona* de Simônides não irá procurar falhas (οὐδέ μὴ μιν ἐγὼ / μωμήσομαι, vv. 36-37), mas, pelo contrário, ama e elogia (φιλέω καὶ ἐπαίωημι, v. 27), é este homem cuja saúde é fisiológica e ética, conforme as leituras correntes há anos (BOWRA, 1936, p. 350), mas também uma condição de sua vida, que, a partir dele, emana para toda a comunidade. O *hygiès anér* é, então, alguém que vive a estabilidade e a produz em seu meio, um antídoto para a tamanha instabilidade vivida no século dos tiranos.

### Pítica 3, de Píndaro

Com a oportunidade de analisar uma canção em estado não-fragmentário, e considerando que Píndaro é um poeta cujas próprias imagens criam os sentidos de sua linguagem (NISETICH, 1980, p. 55; Segal, 1985, p. 223), nossa análise se dará a partir delas, à luz da ocasião de *performance* e das prévias discussões sobre o contexto tardo-arcaico e a metáfora da saúde.

A canção, dividida em 5 grupos de triádicos (estrofe, antístrofe e epodo), inicia com a *persona* expondo um desejo seu – no entanto irrealizável, como diz a construção *éthelon ke* (v. 1) – de que Quíron, centauro famoso por sua sabedoria em múltiplas artes e pelo papel de formador, cujos discípulos mais famosos são Aquiles, Apolo e Asclépio, fosse vivo (*zôein*, v. 3) e reinasse (*árkhein*, v. 4) no Pélion. Contudo, esse “centauro selvagem que tem mente amistosa aos homens” (Φῆρ’ ἀγρότερον, νοῦν ἔχοντ’ ἀνδρῶν φίλον, vv. 4-5), nascido de Crono – portanto, de linhagem anterior à instauração da ordem olímpica de Zeus – se foi há muito, está morto (τὸν ἀποιχόμενον, v. 3). A irreversibilidade da morte é reforçada pela condicional que a *persona* conecta ao seu desejo: “se é certo que exoremos este voto comum” (εἰ χρεῶν τοῦθ’ ἀμετέρας ἀπὸ γλώσσας κοινὸν εὐξασθαι ἔπος, v. 2).

É sob este auspício que a *persona*, ainda na primeira estrofe, fará a transição da narração para a da vida e morte de seu pupilo, Asclépio, o qual é introduzido justamente por ter sido criado (*trépsen*, v. 5) pelo centauro que o tornou “gentil artesão de alvíos restauradores dos membros, herói contra todo tipo de doença” (τέκτονα νοδυνίας ἄμερον γυιαρκέος Ἀσκληπίων, ἦρωα παντοδαπᾶν ἀλκτῆρα νούσων, vv 6-7). Da primeira antístrofe até o final do segundo epodo, a *persona* narra o mito do nascimento de Asclépio, partindo de como sua mãe, Coronis, após ter se enlaçado com Apolo, o desrespeitou se enlaçando com estrangeiro vindo da Arcádia (ξένου [...] / ἀπ’ Ἀρκαδίας, vv. 25-26).

Da narração vale ressaltar alguns elementos que vão se acumulando com o tom e temática desenhados no início da canção. O primeiro, no início da antístrofe 1, é da ligação feita entre vida e morte: Asclépio nasce em situação *sui generis*, das brasas da pira que queima sua mãe, a partir da morte dela. O segundo, no epodo 1, é o desenvolvimento

da explicação para a fúria de Apolo com Coronis: ela não esperou, grávida do deus, a “mesa nupcial, nem o grito jubiloso dos ressoantes himeneus” (τράπεζαν νυμφίαν / οὐδὲ παμφώνων ἰαχὰν ὕμεναίων, vv. 16-17), ou seja, a instituição do casamento (*gámos*). A essa transgressão das condutas sociais, a *persona* ainda diz que ela preferiu se “tomar de desejo por aquilo que está longe” (ἀλλά τοι / ἦρατο τῶν ἀπεόντων, vv. 19-20), mal de que muitos outros sofreram, e profere uma sentença sobre esta atitude: “há, entre os humanos, a raça mais vã, aquela que, desonrando os costumes de sua terra, busca o que está longe, caçando vanidades em esperanças infrutíferas” (ἔστι δὲ φῶλον ἐν ἀνθρώποισι ματαιότατον, / ὅστις αἰσχύνων ἐπιχώρια παπταίνει τὰ πόρσω, / μεταμώνια θηρεύων ἀκράντοις ἐλίσιν, vv. 21-23).

Dessa forma, ao tema da irreversibilidade da morte, a *persona* introduz, de forma paratática, o do desagrado divino para com o rompimento dos costumes, das instituições sociais, o qual se dá por meio de buscar o que está longe, o que é estrangeiro – simbolizado pelo enlace de Coronis com o estrangeiro da Arcádia –, e caçando o que é vão (*metamónia*, v. 23). Em vista desta grande cegueira de Coronis (μεγάλαν ἀνάταν, v. 24), Apolo – o deus de quem, antiteticamente à condição mortal de cegueira, nada escapa oculto (οὐδ’ ἔλαθε σκοπόν, v. 27), o que não toca em mentiras (ψευδέων δ’ οὐχ ἄπτεται, v. 29), e aquele a quem ninguém, deus ou mortal, é capaz de trapacear, seja com atos ou palavras (κλέπτει τέ νιν / οὐ θεὸς οὐ βροτὸς ἔργοις οὔτε βουλαῖς, vv. 29-30) –, esse deus lança sua punição. Esta é retomada pela *persona* circularmente na segunda antístrofe: Apolo envia sua irmã, Ártemis, em fúria para castigá-la e, como consequência, muitos outros de sua comunidade sofreram seu fim e foram arruinados (καὶ γειτόνων / πολλοὶ ἐπαῦρον ἀμᾶ δ’ ἔφθαρεν, vv. 35-36). Não atentar às ordens sociais, portanto, é marcado como um crime pelo qual toda a comunidade paga.

Por fim, no epodo 2, a narrativa retorna, novamente de forma circular, a dois estágios anteriores da canção: ao começo do relato sobre Coronis, desenvolvendo a cena do nascimento de Asclépio com alta plasticidade, ao gosto de um narrador épico-homérico, colocando em discurso direto a fala de compadecimento de Apolo: “não mais suportarei n’alma meu filho padecer, com profundas dores, da miserabilíssima morte da mãe (οὐκέτι / τλάσομαι ψυχᾷ γένος ἀμὸν ὀλέσσαι / οἰκτροτάτω

θανάτω ματρὸς βαρεία σὺν πάθα., vv. 40-42). E, ao final do epodo, retorna ao início do poema, recuperando a função paidéutica, formadora, de Quíron, que ensinou a Asclépio a arte de curar “as mui sofridas doenças dos homens” (διδάξει / πολυπήμονας ἀνθρώποισιν ἰᾶσθαι νόσους., vv. 45-46).

Na terceira estrofe, a persona narra o sucesso de Asclépio como mestre das curas, a partir do fluxo de doentes que vinham até ele, da diversidade de males curados e de algumas técnicas das quais se valia o herói. Destas, a persona cita que os curava com incisões (*tomáís*, v. 53), envolvendo seus membros feridos com *phármaka*, fármacos (γυΐσις περάπτων / πάντοθεν φάρμακα, vv. 52-53), fazendo-os beber poções (*pinontas*, v. 52), e, na primeira posição dentre todas, cuidando deles com suaves canções-encantos (*malakáís epaoidáís*, v. 51). Algumas traduções<sup>5</sup> dão o termo *epaoidáís* como “encantos”, o que é bem plausível na passagem de sua ocorrência. No entanto, a escolha tem a desvantagem de diluir a polissemia da palavra em grego, que certamente não passaria despercebida à audiência na *performance*. Os encantos de Asclépio aqui ecoam a função mágica, e curativa, das canções no imaginário grego, atestado, por exemplo, nas canções-preces<sup>6</sup>, cujo objetivo é realizar uma alteração no mundo por meio de uma invocação divina. E, assim, a *persona* do poema de Píndaro associa, por sugestão, cura e música.

Já na terceira antístrofe, encerra-se a narração mítica de Asclépio, da qual a *persona* ainda valer-se-á para fazer nova crítica às transgressões de costumes e da ordem cósmica: “mas o lucro se ata até à *sophía*, a sabedoria” (ἀλλὰ κέρδει καὶ σοφία δέδεται., v. 54), e o ouro, reluzindo nas mãos do herói como paga, fê-lo trazer um homem já levado pela morte de volta à vida (ἄνδρ’ ἐκ θανάτου κομίσει / ἤδη ἀλωκότα, vv. 56-57). Como consequência, prontamente Zeus, mantenedor da ordem cósmica<sup>7</sup>, age para punir essa transgressão e fulmina Asclépio e o resuscitado, evento para o qual a *persona* tece nova sentença gnômica: “é necessário procurar aquilo que é razoável da parte dos deuses, fazendo

<sup>5</sup> Race (1997), Ferrari (2008), Nisetich (1980), Souza (1999).

<sup>6</sup> Ver Ragusa e Reishtatter (2020, pp. 74-77).

<sup>7</sup> Ver Torrano (2016, p. 16).

uso de nossas mentes mortais; cientes do que é possível, de que tipo é nosso quinhão” (χρῆ τὰ εὐκίτα παρ δαιμόνων μαστευέμεν θναταῖς φρασίν, / γνόντα τὸ παρ ποδός, οἴας εἰμὲν αἴσας, vv. 59-60).

O terceiro epodo, por sua vez, ocupa lugar central no poema, pois marca, novamente em composição circular, o fim da narrativa sobre Quíron, Coronis e Asclépio, cuja síntese parece ser dada logo em seu início num novo dito gnômico, das mais poderosas do *corpus* pindárico e de toda poesia grega: “Querid’alma, não anseies uma vida imortal, mas desfruta do que te for possível” (μή, φίλα ψυχά, βίον ἀθάνατον / σπεῦδε, τὰν δ’ ἔμπρακτον ἄντλει μαχανάν, vv. 61-62). É importante frisar que, embora traduzida por “alma”, *psykhá* não deve se confundir com o conceito cristão da palavra. Na passagem, é melhor compreendida como um monólogo entre a *persona* e sua consciência (*conscious self*; Liddel-Scott, 1883, p. 1760), dramatizado na forma de diálogo com a parte de seu corpo que sustém a vida.

Na sequência, a *persona* inicia outra oração condicional de nuance irrealizável, afirmando que, se Quíron ainda vivesse, suas doces canções (*meligárues hýmnoi*, v. 64) botariam um filtro mágico no peito do centauro, e o convenceria a fornecer um médico para as febres de nobres homens (*esloísi andrásin*, v. 66).

Os nobres homens que precisam de cura para suas doenças, conforme revelará a sequência, é alusão a Hierão de Siracusa. Contudo, antes de avançarmos na análise, é necessário se deter ainda neste epodo e recapitular os elementos cerradamente articulados nesta complexa cadeia de composições anelares e paratáticas de narrativas e sentenças gnômicas. O que a *persona* compreende na síntese ‘desfruta do que te for possível’, destinada à sua própria *psykhá*? Como o poder encantatório da música, aludido entre as ferramentas de cura de Asclépio, mas dito de modo explícito no encanto de Quíron, que a *persona* faria se este estivesse vivo; a transgressão de Coronis e a sentença sobre as buscas vãs ao que é estrangeiro; as vidas que pagaram pelo crime de Coronis e a salvação de Asclépio da pira por Apolo; e o sucesso do herói-médico, sua corrupção pelo lucro, a transgressão à ordem da natureza e sua restauração estão relacionados? Para navegarmos por essas imagens poéticas, voltemos às bases – às metáforas da doença e da saúde, e ao contexto de instabilidade.

Do ponto de vista das narrativas, as três transgressões até agora analisadas são em relação à ordem social e da natureza: o desrespeito às núpcias, a corrupção pelo salário e, por fim, a ressurreição de um homem morto. Já as sentenças gnômicas são dadas em relação à vã procura pelo que é alheio aos costumes da terra e uma advertência sobre a necessidade de buscar aquilo que é razoável aos deuses, sendo os mortais conscientes de seu quinhão na existência. Uma e outra concorrem para um apelo da manutenção das estruturas sociais, para o desencorajamento pelo que não é costume assentado desde os tempos míticos, e para frear a transgressão do lugar destinado aos homens no cosmos, o da mortalidade. Pela perspectiva do contexto da instabilidade, parece notável que a canção se mobiliza de todas as maneiras para condenar o que poderia levar à desestruturação da sociedade e, por consequência, da própria ordem da natureza.

Quanto às personagens, lembremo-nos de que o repositório mítico tem dezenas de narrativas de heróis que transgrediram as ordens divinas e foram punidos; a escolha do deus Apolo e do herói médico não parecem fortuitas. Dentre as qualidades daquele, duas parecem marcantes na *Pítica 3*: a qualidade de deus da doença e da cura, sendo aquela exercida ao enviar sua irmã, Ártemis, para arruinar Coronis e, esta, salvando Asclépio das chamas; e a qualidade de deus da música, estando a narrativa emoldurada numa canção. Da parte do herói, a sua qualidade de ícone associado à medicina fornece ao poema a possibilidade de discutir os limites da arte curativa e de, engenhosamente pelas orações condicionais expressando o irrealizável, conectar duas narrativas de transgressão com o presente, uma vez que esta canção é executada para um tirano doente. Ambas, juntas, constroem um delicado equilíbrio entre expressão de um desejo de que o tirano recupere sua saúde, e uma advertência contra as transgressões da ordem social que levariam à ruína. Dessa forma, reforçam a ideia da instabilidade que a tudo permeia.

Contudo, tais revelações ainda não ajudam a explicar suficientemente bem a última sentença gnômica que a *persona* dirigiu à sua *psykhá*. Na tentativa de compreendê-la, voltemos a Apolo e Asclépio. Este, com a sua arte medicinal, foi incapaz de sustentar a ordem do cosmos, o que lhe custou a fulminação de Zeus. Assim, a medicina aparece retratada como uma arte ineficaz para curar o mal de fato importante da vida,

aquele de que a canção com tanta insistência tratou: a desobediência ao *nómos*, cuja consequência é sempre paga pela comunidade, como no caso de Coronis. É contra essa doença que Asclépio falha em intervir. Apolo, por outro lado, consegue salvar o bebê Asclépio das chamas, trazê-lo de uma situação em que, de forma paradoxal, ele encontrava-se vivo e morto ao mesmo tempo. O que resta saber ainda é: qual dimensão de Apolo resgatou o bebê? O das artes medicinais, ou o da música?

A julgar pela ênfase negativa que recai sob a atuação de Asclépio, e pelas alusões ao poder encantatório da música, efetivo contra as doenças, parece-nos razoável compreender que a *persona* opta pelo das artes musicais. Em última instância, metapoeticamente, o resgate do bebê, do qual frisamos a qualidade plástica e, portanto, evocativa, se dá dentro de uma canção. Na medida em que o poema discute o poder curativo da música e demonstra a compaixão do deus da música, ele está, num *mise en abîme*, curando aqueles que o ouvem a retratar Apolo salvando o bebê das chamas, causadas pelas transgressões à ordem social. É nesse sentido que compreendemos a sentença gnômica exortativa à *psykhá*: ela está purificando aqueles que a ouvem de ansiar pelo impossível, a vida imortal, exortando-os a aproveitar o que é possível, isto é, a própria fruição da música que ora se encontra tomando os saguões do tirano.

Em suma, a *persona* compreende sua canção não apenas como um ornamento, mas como o próprio unguento contra a instabilidade que perpassa seu tempo. Sua canção é, então, a cura, a estabilidade de que os tempos carecem. É a partir desta perspectiva que compreendemos também a continuação do poema, do final do terceiro epodo até o início do quarto epodo. Vejamos como estes são desenvolvidos.

Ao final do terceiro epodo, a *persona* completa sua aventura ir-realizável, dizendo que viria junto ao médico fornecido pelo encantado Quíron, para trazê-lo ao seu anfitrião em Etna. Outro dado da instabilidade surge nesta passagem, com a menção de que eles iriam de barco, cortando o mar Jônico (ἐν ναυσὶν μόλον Ἰονίαν τάμνων θάλασσαν, v. 68). Como fica evidente no discurso de Nícias – general ateniense durante a guerra do Peloponeso, século V a. C. – acerca da expedição à Sicília<sup>8</sup>, posterior quase em meio século à vida de Píndaro, as viagens até

<sup>8</sup> Ver Tucídides (6.9-14, 6.20-3, 6.16-18).

ela eram consideradas difícilimas e perigosas, o que nos leva à sugestão de que esta menção à viagem, se não é de grande impacto para nós, para a audiência da canção reverberaria um mundo de perigos pelos quais a *persona* passaria para cumprir essa jornada imaginária.

Na quarta estrofe, embora Hierão ainda não tenha sido nomeado expressamente no poema, o acúmulo de sugestões – a doença que acomete os homens bons, o anfitrião do Etna (Αἰτναῖον ξένον, v. 69) –, somado à abertura desta estrofe – “Ele que governa como rei em Siracusa” (ὄς Συρακόσσαισι νέμει βασιλεύς, v. 70) – tornam óbvio para audiência de que o referente ora tratado é Hierão, o qual a *persona* descreverá como “gentil para os cidadãos” (πραῦς ἀστοῖς, v. 71), “não causador de inveja para os [homens] nobres” (οὐ φθονέων ἀγαθοῖς, v. 71) e “admirável pai para os estrangeiros” (ξείνοις δὲ θαυμαστὸς πατήρ, v. 71). Essa série de elogios funciona, a partir do que foi construído na primeira parte do poema, como a própria cura para a instabilidade social: Hierão é tratado como rei (*basileús*), figura tradicional de governo, não como tirano; sendo gentil e não invejado, é um líder desejável e não ameaçado de ser destronado; e, sendo zeloso para com os estrangeiros, tais como a própria *persona* do poeta, está cumprindo com o código de *xenia* (hospitalidade) e promovendo estabilidade para a *persona*, que também vive situações instáveis neste mundo.

Na sequência, completa, por fim, sua aventura imaginária, numa nova condicional de caráter irrealizável, ao dizer que, se tivesse vindo trazendo duas graças (διδύμας χάριτας, v. 72) – a dourada saúde (*hygieian khrysean*, v. 73) e uma canção de vitória (um epinício), a fim de iluminar (αἴγλαν, v. 73) os louros da vitória nos Jogos Pítios que o cavalo de Hierão, Ferenico, outrora ganhou –, seria a ele, tendo cruzado o oceano profundo, “luz que brilharia mais distante do que qualquer astro” (τηλανγέστερον κείνω φάος / ἐξικόμαν κε, vv. 75-76). Mais uma vez estamos diante de uma luminosa mostra de consciência poética: se, no plano pragmático, a *persona* não pode realizar tal jornada, ela o faz no plano poético; sua música recupera a saúde dourada e retorna ao espírito dos ouvintes as glórias conquistadas por Ferenico no passado. Tratando a jornada como irrealizável, a *persona* a realizou, e seus ouvintes a acompanharam.

Contudo, uma vez medicados os anseios impossíveis e afirmada a estabilidade do reino de Hierão, a *persona* agora tem necessidade de

também tratar pragmaticamente da vida, dado que a mélica é um gênero de poesia de *performance* por excelência, que não se descola de todo da realidade. É o que será feito a partir da quarta antístrofe, após a invocação da Mãe dos deuses e de Pá<sup>9</sup>. Neste ponto, pela primeira vez Hierão é endereçado pelo nome, e o é quando a *persona* justamente exorta-o a lembrar da sabedoria dos antigos: “os imortais concedem aos mortais dois males para cada bem” (ἐν παρ’ ἑσλὸν πῆματα σύνδυο δαίονται βροτοῖς, v. 81); e de que os néscios não conseguem suportar isso bem, à diferença dos bons, que “tornam os bens proeminentes” (τὰ καλὰ τρέψαντες ἔξω, v. 83). Acompanhamos aqui a interpretação de William H. Race, em *Pindar* (1997, p. 253), que compreende que a *persona* está exortando Hierão a tornar visíveis os bens de sua vida, dos quais, no início do quarto epodo, irá mencionar o maior deles: ser o comandante absoluto do povo (λαγέταν τύραννον, v. 85).

A comparação que levará ao fim do poema começa na sequência, a partir da constatação de que uma vida completamente estável, livre de perigos (ἀσφαλῆς, v. 86), nem Peleu, nem Cadmo tiveram, apesar de eles terem alcançado a maior felicidade dentre os mortais (βροτῶν / ὄλβιον ὑπέρτατον, vv. 89-89): ouvir as Musas cantando, tal como podemos imaginar que a audiência da canção estaria fazendo ao ouvir o poeta, e banquetear com os deuses.

Contudo, após a descrição luminosa de suas bem-aventuranças, as quais vão até a metade da quinta estrofe, a *persona* dedica toda a segunda metade dela e a primeira metade da quinta antístrofe a mencionar os males sofridos pelas respectivas descendências deles: as filhas de Cadmo – Ino, que se suicida no mar, após o marido matar seu filho; Autônoe, assassinada por Ártemis; e Sêmele, fulminada por Zeus<sup>10</sup> – e o filho de Peleu, Aquiles. A essas histórias, a *persona* concatena uma profusão de sentenças gnômicas, da quinta estrofe até a metade do último epodo (vv. 103-111):

<sup>9</sup> A invocação é enigmática e suas explicações na antiguidade são apenas de caráter bibliográfico, portanto de pouca validade para a esclarecer (Race, 1997, p. 252)

<sup>10</sup> Ver Race (1997, p. 255).

“Se, com a mente, algum dentre os mortais compreende a via da verdade, é-lhe necessário fruir quando estiver em bem-aventurança. Cada tempo tem seu vento. A felicidade dos homens não percorre [segura] longamente, quando os acompanha de perto”.

“Pequeno entre pequenos, grande entre grandes serei. Com minha mente, sempre hei de reverenciar a fortuna que me ocorre, servindo como for possível. Se o deus me fornecer esplêndida prosperidade, espero encontrar sublime glória no porvir.”

Tanto as primeiras sentenças (vv. 103-106), de caráter impessoal, quanto as últimas (vv. 106-111), nas quais a *persona* fala da própria experiência dentro da dinâmica por ela costurada, remetem a um mesmo sentido desenhado na sentença do terceiro epodo: o do desfrutar da vida possível, da que existe e é lícita aos homens desejarem, mesmo que entremeada por males, e dar proeminência para os bens que nela se encontram.

Lidas parataticamente aos ditos gnômicos da primeira metade da canção, os da segunda concorrem para a interpretação de que a *persona* está, por meio de sua arte, reestabelecendo a saúde da corte na qual canta: são expurgados os desejos por vaidades alheias; chama-se a atenção à compreensão dos deuses; exorta-se a aproveitar a vida que for possível a cada um; canta-se as qualidades do reinado de Hierão e a ele relembra os bons quinhões de sua vida; e, por fim, dá-se o exemplo de como trilhar essa via da verdade, de como fruir do possível da vida. Tais elementos, juntos, expõem a doença da instabilidade e abrem caminho para a glória (*kléos*<sup>11</sup>, v. 111) e para a virtude (*aretà*, v. ?), que só se torna longeva pela força das canções renomadas (*κλειναῖς ἀοιδαῖς χρονία τέλεθει*, v. 114). É esta a única forma lícita de imortalidade aos homens, é apenas por meio dela que Nestor e Sárpedon são conhecidos por tempos imemoriáveis.

<sup>11</sup> Ver Segal (1994, pp. 85-86).

Resta lembrar, por fim, que o momento *sub specie aeternitatis* para a *persona* pindárica é, então, o exato momento em que Hierão está fruindo das melodias e voltas do coro, viajando pelas histórias de Asclépio (vv. 1-60) e ouvindo seu reino erigido pela voz em harmonia dos cantores (vv. 63-76). Este é o unguento que Píndaro lhe proporcionou contra os males de sua doença: o momento que se eterniza pela fruição da música.

#### 4. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, pela análise dos sentidos possíveis da doença e da saúde no imaginário grego arcaico, e pela investigação do contexto no qual estavam inseridos audiência e poetas durante o período tardo-arcaico, pudemos expandir os entendimentos sobre a saúde para além da clássica dicotomia fisiológica-ética. Valendo-nos dessa excursão, foi-nos possível também alargar a compreensão de importantes fragmentos de Simônides, como o 542, e propor uma renovada leitura para a *Pítica 3*, a qual reitera temas clássicos da metapoética pindárica, mas busca, nesta ode tão *sui generis*, compreender a complexa costura entre morte, saúde e poesia à luz das discussões sobre a metáfora da saúde.

Assim, seja pelos fragmentos mais reflexivos de Simônides, ou pela música restauradora em ação, de Píndaro, compreendemos que ambos se inserem numa longa tradição poética, a qual temos por ponto de partido Hesíodo<sup>12</sup>, passando pelo teatro, segundo a concepção de Aristóteles<sup>13</sup>, alcançando Teócrito<sup>14</sup> e que, surpreendentemente, encontra cultores na modernidade, como nos versos de Walt Whitman<sup>15</sup>: a do poeta que, com seu canto, cura a si, a sua audiência, e reestabelece a saúde de sua comunidade.

---

<sup>12</sup> Ver *Teogonia*, 98-103.

<sup>13</sup> Ver Aristóteles, 1449b28.

<sup>14</sup> Ver *Idílio XI*.

<sup>15</sup> Ver *Song of myself* (1855), 1-11.

## BIBLIOGRAFIA

ACHCAR, Francisco. *Lírica e Lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ANDREWES, Anthony. “The Greek tyrants”. Nova York: Harper & Row, 1963.

BLICKMAN, Daniel R. “The role of the plague in the ‘Iliad’”. *CLAnt* 1, 1987, pp. 1-10.

BOWRA, Cecil M. *Greek lyric poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1936.

BUDELMANN, Felix; PHILLIPS, Tom (eds.). *Textual events*. Performance and the lyric in early Greece. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BURKERT, Walter. *Mito e mitologia*. Lisboa: Edições 70, 1991.

\_\_\_\_\_. *Greek religion*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2002.

CAMPBELL, David. A. (ed. e trad.). *Greek Lyric*, v. III. *Stesichorus, Ibycus, Simonides, and others*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

CALAME, Claude. “Réflexions sur les genres littéraires en Grèce archaïque”. *QUCC* 17, 1974, pp. 113-128.

CAIRNS, Francis. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Ann Harbor: Michigan Classical Press, 1972.

CAIRUS, Henrique. “*Corpus hippocraticum* e a epistemologia da *tékhnē*” IN: SANTOS, Marcos Martinho de; *et alii* (org.). *2º Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. São Paulo. Editora Humanitas, 2008.

CORRÊA, Paula da Cunha. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Trad: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

DODDS, Eric R. *The Greeks and the irrational*, California: University of California Press, 1951.

FERRARI, Franco. *Pitiche*. Bolonha: BUR Biblioteca Univ. Rizzoli, 2008.

FERREIRA, Luísa de Nazaré da S. *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides*. Dissertação de doutoramento – Universidade de Coimbra. Coimbra, 2005.

FRÄNKEL, Hermann. *Early Greek poetry and philosophy. A history of Greek epic, lyric, and prose to the middle of the fifth century*. Trad. Moses Hadas e James Willis. Oxford: Alden Press, 1973.

GERBER, Douglas E. “General Introduction”. In: \_\_\_\_\_ (ed.). *A companion to Greek lyrics poets*. New York; Köln: Brill, 1997.

GIRARD, René. “The plague in literature and myth”. *Texas studies in literature and language* 5, 1974, pp. 833-850.

HARDEN, Sarah. “Embedded song and poetic authority in Pindar and Bacchylides”. In:

Bakker, Egbert J. (ed.). *Authorship and Greek songs: authority, authenticity, and performance*. Boston: Brill, 2017, pp. 139-160.

HARVEY, Anthony E. “The classification of Greek lyric poetry”. *CQ* 3/4, 1955, pp. 157-175.

HERINGTON, C. John. *Poetry into drama. Early tragedy and the Greek poetic tradition*. Berkeley: University of California Press, 1985.

JEFFERY, Lilian H. *Archaic Greece. The city-states c. 700-500 b.C.* Londres: Methuen, 1978.

JOHNSON, Walter R. *The idea of lyric. Lyric modes in ancient and modern poetry*. Los Angeles: University of California Press, 1982.

KURKE, Leslie. “Archaic Greek poetry” in: SHAPIRO, Alan H. (ed.). *The Cambridge companion to archaic Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 141-168.

NAGY, Gregory. *Pindar’s Homer. The lyric possession of an epic past*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1994.

NISETICH, Frank. *Pindar’s victory odes*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1980.

MARINCOLA, John. “Herodotus and the poetry of the past”. In:

\_\_\_\_\_ (ed.). *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MICHELAKIS, Pantelis. “Naming the plague in Homer, Sophocles, and Thucydides”. *AJPh* 3, 2019, pp. 381-414.

MITCHELL-BOYASK, Robin. *Plague and Athenian imagination*. Drama, history, and cult of Asclepius. Cambridge: Cambridge university press, 2008.

MOST, Glenn W. "Greek lyric poets". In: LUCE, James T. (ed.). *Ancient writers: Greece and Rome*. New York: 1982, pp. 75-98.

MULROY, David. *Early Greek lyric poetry*. Michigan: The University of Michigan Press, 1992.

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

PAGE, Denys L. (ed.). *Poetae melici graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

PARKER, Victor. "τύραννος. The Semantics of a Political Concept from Archilochus to Aristotle", *Hermes*, v. 126, n 2, 1998.

RACE, William H. *Olympian odes. Pythian odes*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

RAGUSA Giuliana; REISHTATTER, Raphael Q. "Canções-precas na poesia mélica grega arcaica". *Codex* 8, 2020, pp. 71-98.

\_\_\_\_\_. *Lira, mito e erotismo. Afrodite na poesia mélica grega arcaica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. (org. e trad.). *Lira grega. Antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

RAWLES, Richard. *Simonides the poet. Intertextuality and reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

RIJKSBARON, Albert *et alii*. *The Cambridge grammar of classical Greek*. Cambridge: Cambridge university press, 2019.

ROSSI, Luigi E. "I generi letterari e le loro scritte e non scritte nelle lettere classiche". *BICS* 18, 1971, pp. 69-94.

RUSSO, Joseph. "The meaning of oral poetry". *QUCC* 12, 1971, pp. 27-39.

SEGAL, Charles. "Poetry, performance, and society in early Greek literature". *Lexis* 2, 1988, pp. 123-44.

\_\_\_\_\_. "Kleos and its ironies". In: *Singers, heroes, and gods in the Odyssey*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, pp. 85-109.

\_\_\_\_\_. "Choral lyric in fifth century" In: EASTERLING, Patricia E.; KNOX, B. (eds.). *The Cambridge history of classical literature, volume 1*

part 1: early Greek poetry. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, pp. 165-201.

SNELL, Bruno; MAEHLER, Herwig. *Pindari carmina cum fragmentatis. Pars I. Epinicia*. Berlin: Vieweg, Teubner Verlag, 1984.

STEHLE, Eva. "The construction of authority in Pindar's Isthmian 2 in performance". In: Bakker, Egbert J. (ed.). *Authorship and Greek songs: authority, authenticity, and performance*. Boston: Brill, 2017, pp. 8-33.

SOUZA, José Cavalcante de. "Píndaro. Pítica III". *Revista USP* 43, 1999, pp. 188-201.

TORRANO, Jaa. "Mitos e imagens míticas" In: LIMA, Alessandra et alii (org.). *Os outros, os mesmos: a alteridade no mundo antigo*. São Paulo: Editora da Faculdade de Educação da USP, 2016, pp. 11-23.

\_\_\_\_\_. "A noção mítica de justiça em Eurípidés e Platão". *Archai* 13, 2014, pp. 17-23.

SWIFT, Laura. *The hidden chorus. Echoes of genre in tragic lyric*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WEST, Martin L. "Greek poetry 2000-700 B. C.". *CQ* 23, 1973, pp. 179-192.

WOODBURY, Leonard. "Simonides on areth" *TAPhA* 84, 1953, pp. 135-163.

*“Em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas...”<sup>1</sup>*

*Mariana Rodrigues de Vita*

**RESUMO:** O objetivo desta iniciação científica é compreender conceitos de memória, história e silenciamento, assim como metodologias históricas, a partir de uma perspectiva feminista sobre a História das Mulheres através da documentação catalogada pelo Projeto Mulheres na América Portuguesa; que é um catálogo online de livre acesso que contém documentos selecionados e transcritos parcialmente referentes ao período brasileiro de 1500 até 1822 que abarquem o protagonismo direto ou indireto de mulheres. A partir disso, intenta-se localizar o próprio Projeto dentro da historiografia brasileira, já que mesmo que o M.A.P. seja uma pesquisa centralmente filológica, há interdisciplinaridade com outras áreas como a História Social, especialmente História do cotidiano, segundo uma perspectiva marxista.

**PALAVRAS-CHAVE:** História das Mulheres; catálogo; documentação; violência histórica.

---

<sup>1</sup> Escritos de mulheres e escritos sobre mulheres na América Portuguesa.

## **INTRODUÇÃO: NAVEGANDO NAS ÁGUAS ÁRIDAS DOS FÓLIOS ENVELHECIDOS**

Esta iniciação científica foi o resultado de minha participação dentro do Projeto Mulheres na América Portuguesa (Projeto M.A.P.) desde 2018, sendo esta IC uma análise historiográfica da temática, mulheres no contexto colonial; e de como mesmo o M.A.P. sendo um projeto majoritariamente filológico produz resultados bastante relevantes para outras áreas, ao mesmo tempo em que se insere na história da pesquisa brasileira sobre temáticas feministas e história das mulheres.

Antes de adentrar nas minhas reflexões, que pouco são minhas, já que a coletividade é uma essência tanto da proposta do Projeto M.A.P. como da execução dele, é preciso contextualizar o próprio Projeto Mulheres na América Portuguesa. Em meados de 2017, as coordenadoras Dr<sup>a</sup> Maria Clara Paixão de Souza e Dr<sup>a</sup> Vanessa Martins do Monte indagaram sobre a escassez da presença de mulheres nos documentos escritos. Seu contato direto com a documentação criminal que tinha como protagonista uma mulher sugeria que poderiam haver muitos outros documentos como aquele.

A ausência de documentos nos quais as mulheres configuram uma agência significativa é um resultado inerente à difícil resistência dos documentos frente à força devastadora do tempo, que são agrupados por arquivos conforme a capacidade e investimento; mas também são produtos de uma sociedade colonial misógina que monopolizava as fontes de conhecimento escritas aos homens abastados, dessa forma o mais próximo que as canetas penas chegavam de representar as vozes das mulheres eram através dos escrivães.

De fato, há casos excepcionais, mas são nos autos criminais, nos requerimentos, ou seja, através do crime e violência que as histórias das mulheres que habitaram a América Portuguesa, sobrevivem. Quantitativamente, esses documentos existem em menor número se comparados aos documentos nos quais homens são os escritores diretos ou o objeto do texto, no entanto a escassez é mais complexa do que o cenário numérico poderia exemplificar. A questão não mora exclusivamente no fato dos documentos não existirem, mas na sua fragmentação que os distancia das mãos de pesquisadores e pesquisadoras.

Este trabalho de pesquisa, por sua própria natureza cumulativa, é um começo que, espero, produzirá frutos com o passar do tempo; a documentação é especialmente difícil pela natureza dispersa das fontes e também por estarem, em geral, como toda fonte escrita, comprometidas com valores outros, de dominação e poder e muito reticentes com relação ao cotidiano de mulheres pobres, analfabetas. É uma história do implícito resgatada das entrelinhas dos documentos, beirando o impossível, de uma história sem fonte... (SILVA, p.10)

Difícilmente há filtros nos arquivos que diferem documentos por gênero, sendo assim, mesmo que a documentação esteja protegida dos intempéries externos que as desgastam e alocada em uma instituição cujo propósito inicial e central é um reduto de documentos, é possível se questionar o quanto de fato ela está protegida se não alcança os especialistas pesquisadores. A ideia de guardião da memória não é exclusivamente um papel dos arquivos, mas só acontece de fato quando o valor documental daquele texto é compreendido e revelado, exposto e ostentado.

Portanto, as dificuldades da documentação espalhada distanciam a comunidade acadêmica de seu acesso. O esquecimento passa a ser um paradoxo, já que a preservação material do documento não necessariamente implica na sua inclusão dentro da memória coletiva. O silenciamento denota aquele que pratica a ação e o objeto que sofre, provém da sistematização do esquecimento, que seleciona os fenômenos e personagens históricos que serão perpetuados, e secundariza os demais.

Em se tratando de história das mulheres, temos a desvalorização pela historiografia, das mulheres enquanto sujeitos e agentes, e de sua relevância no sistema político, econômico e social, um quadro que só foi revertido a partir 1970. (IZILDA, 1998, p.67) Como já foi reforçado anteriormente, espaços de poder oficial eram renegados às mulheres, e mesmo o poder sendo uma balança flexível, ele é assimétrico. Uma historiografia erigida em meio a sociedades e culturas que perpetuam o ódio contra as mulheres, e hiperdimensionam datas e fatos, tem uma análise incompleta da dinâmica da sociedade, assim como da conjuntura enquanto ocorrência da longa duração.

Dentro dessa problemática nasce o Projeto Mulheres na América Portuguesa que se preocupa em estancar um problema histórico que exige esforços comprometidos e de várias frentes, democratizando a aproxima-

ção com documentos em que existe uma presença concisa de mulheres, seja pela voz direta ou pela direção intelectual do texto, apontando para as limitações acadêmicas e institucionais perante a memória das milhões de mulheres anônimas, enquanto propõe uma solução prática: um catálogo online.

É importante mencionar que histórias de mulheres excepcionais são um símbolo relevante, sendo até usadas em movimentos sociais contemporâneos diversos, mas se concentrar na vida de mulheres que não adentraram de nenhuma forma os livros didáticos é consideravelmente relevante para todos aqueles que desejam esmiuçar o cotidiano colonial.

É interessante refletir, portanto, que na escala em que o investimento público torna possível, o Projeto é altamente comprometido com a divulgação científica, com a coletivização do trabalho acadêmico, democracia da informação, combate à violência histórica de gênero, e construção de uma memória coletiva menos desigual. Em cada vestígio da presença de mulheres contidas nos fólhos, cada fragmento de informação é um tesouro muito bem guardado e repensado em diversas categorias que fazem parte do processo de transcrição parcial. Nomes, idades, estado civil, caracterização social, região, raça são dados que enriquecem a descrição, mas também estabelece ares de humanidade frente a materialidade de um objeto, que são os textos.

Localizar, portanto, as mulheres anônimas é querer dar um rosto para suas dores sistematicamente secundarizadas pela História. Tendo a micro história como metodologia fundamental, o cotidiano é como uma peça chave e em dialética com as grandes estruturas e sistemas. A importância de se fazer pesquisa em arquivos, e basear hipóteses nas documentações é primordial no Projeto Mulheres na América Portuguesa.

## **CONCEITUALIZAÇÃO E HISTORIOGRAFIA**

Durante a primeira fase desta iniciação científica (desde seu início até o relatório parcial) o objetivo central era localizar o Projeto M.A.P. no âmbito das teorias da História e da historiografia. Entender a partir das metodologias historiográficas e postular quais conceitos eram usados e de quais formas. Sendo assim, nos seis meses iniciais da pesquisa, após já estar

envolvida há um ano no Projeto, e já tendo feito um PUB 2018-2019 na modalidade pesquisa, aprofundo-me nos conceitos ligados à memória.

A lembrança é um desejo de fixar o passado, mas também um esquecimento. Em um exemplo individual, lembramos o que selecionamos, e conseqüentemente nesse filtro esquecemos por exclusão. A própria memória individual não se limita ao ser, mas é também mergulhada em uma cultura (ARAUJO; SANTOS, 2007, p.2) cujo produto é uma herança viva, que se transforma constantemente, ora apagando por força bruta de um trauma, ora pelo tempo. Algo parecido ocorre com a memória coletiva. Ela é um organismo cuja existência não é fixada em determinados conteúdos, mas reside na vivência humana, ou seja, assim como a memória individual ela depende em parte de seu detentor, em se tratando do coletivo podemos falar em grupos ou povos, mas em parte na sua materialização na História.

A História é uma ciência cujo método pode ou não agregar a memória como fonte. Sendo assim, não raro temos conflitos mediados entre o poder da elite que monopoliza uma “história oficial” versus a resistência da memória alternativa. A História que se concretizou em manuais, livros didáticos, museus, etc. relegou às mulheres um papel de sombra. Nas telas do cotidiano elas aparecem como figurantes, e assim são lembradas. E isso quando sequer são mencionadas. Esse apagamento sistemático é uma violência histórica de gênero.

O Projeto M.A.P. atua, portanto, na fomentação de narrativas históricas nas quais as mulheres não só são incluídas, como suas agências e opressões em recortes são centrais. É justamente através da documentação que reafirmamos as mulheres enquanto sujeitos. Mesmo na contemporaneidade, mulheres que procuraram a justiça institucional como um amparo, são duplamente oprimidas e muitas vezes não têm suas demandas atendidas. Pensar que desde antes do nascimento do Brasil enquanto nação ou Estado, mulheres buscavam justiça através da lei que nem sequer as considerava como cidadãs, é de fato notável.

Para entender o contexto do Brasil colonial, e mais especificamente o recorte de mulheres do mesmo período é necessário retomar a historiografia. Como debatido em reuniões, Gilberto Freyre que se consagrou como um autor que compreendia o Brasil colônia é problemático em relação às mulheres e a raça no seu entendimento de estupro e miscige-

nação, portanto optamos por constituir nossa base teórica com autores cujos trabalhos são mais recentes, mas nos contemplam no recorte de gênero e subsequentemente nos debates.

Dentre elas temos Mary Del Priore, que além de tratar centralmente as mulheres do Brasil, é uma divulgadora científica (tema que nos é de muito interesse), suas obras são abrangentes em relação a temas como o de crianças do Brasil colônia, e também aos diferentes grupos sociais, como as indígenas. Para além dela, o Projeto também utiliza as pesquisas de Marina Basso Lacerda, cujo caráter reflexivo é utilizado para que os documentos selecionados sejam analisados e situados em um contexto social, levando em consideração a conjuntura e o sistema. Lacerda disserta principalmente sobre a dualidade do público e do privado em se tratando de mulheres, e como as lógicas europeias relacionadas aos espaços não necessariamente ocorrem na América. Uma ideia que será também explorada por Maria Odila nos anos 90 como veremos adiante.

Algumas outras autoras que estudei mais a fundo na primeira fase dessa iniciação científica são Maria Odila Leite da Silva Dias, Maria Izilda de Matos e Margareth Rago. A primeira, cujo livro *Quotidiano e Poder* é a obra de mais destaque para essa pesquisa, trabalha com documentação de censo demográfico para focalizar o cotidiano como um espaço importante para o estudo da História. Para o grupo social de mulheres, praticamente só é possível enxergá-las através da pesquisa no cotidiano, já que os espaços institucionais e oficiais de poder lhes são categoricamente negados.

Já Maria Izilda pesquisa centralmente a questão das mulheres e do trabalho, porém em um recorte mais contemporâneo que o nosso. No entanto, possui reflexões sobre documentação que são interessantíssimas. Tal como Maria Odila, Izilda postula que os documentos de mulheres não são escassos por si só, mas são secundarizados. Por não estarem reunidos em um só espaço, como um arquivo digital ou um catálogo, apenas a tarefa de procurá-los já se torna uma pesquisa independente e grandiosa.

Da mesma forma que Maria Izilda nos é conveniente não pela convergência temporal, mas por suas reflexões de âmbito da teoria da História e da revisão conceitual, Margareth Rago traz a partir de uma perspectiva marxista a história das mulheres, e principalmente a história da prostituição. Um tema que acredito que nós trataremos de forma mais

centralizada no futuro, devido às suas implicações e importância. Rago é uma historiadora da Cultura, e traz diversas críticas à História Social, que é a metodologia usada durante toda essa iniciação científica, sendo assim seu debate é extremamente importante para nos fazer refletir sobre possíveis limites e contradições.

Por fim, temos a influência teórica de Silvia Federici. Seu poder textual e combativo dentro da academia possui capilaridades e ativismos que ultrapassam as universidades. Sua pesquisa se volta cada vez mais aos arquivos, o que para nós é fundamentalmente importante. No entanto, sua perspectiva marxista e foucaultiana de análise da origem e opressão das mulheres é o que mais chama atenção. Para a autora, a reprodução social e trabalho doméstico não remunerado estão no âmago da acumulação primitiva. O primeiro conceito disserta sobre o vínculo essencialista que é construído em torno das mulheres que as coloca unicamente como fábrica de força de trabalho alienante, ou seja, é atribuída uma função social de parir pessoas que futuramente serão proletários consumidos pelo capitalismo inconscientes da opressão e da luta de classes, sendo que “o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência.” (FEDERICI, 2018, p.34)

O segundo conceito, o de trabalho doméstico não remunerado, é quase autoexplicativo em sua nomenclatura. Mulheres, que até hoje são a maioria esmagadora nos serviços domésticos, além de não terem salários, não possuem o reconhecimento de que esse tipo de serviço é de fato um trabalho. Muito mais do que um trabalho, ele é essencial para a produção. Por mais que o recorte temporal da pesquisa de Federici tenha sido a Europa Moderna, o conceito é aplicável também ao Brasil Colonial, com ressalvas.

A escravidão e colonialidade impuseram o que hoje chamamos de empregadas domésticas. São mulheres e são negras. Colocar as mulheres como um grupo homogêneo é apagar a luta de classes e a raça. O Brasil foi um país escravista, e assustadoramente nos perguntamos se ainda é. As empregadas domésticas descendem do sofrimento já conhecido por mulheres coloniais. A própria arquitetura dos “quartinhos de empregada” é escancaradamente a senzala contemporânea. Trabalham em condições tão precarizadas e com remuneração indignas que se pode

dizer que há um escravismo tanto nas condições de trabalho quanto nas relações com as proto-senhoras de escravas, ou patroas. Um desafio para o Projeto M.A.P. é incorporar de alguma forma as mulheres domésticas no processo de produção intelectual da pesquisa.

Federici pesquisa, também, as caças às bruxas, que se deram no início da Idade Moderna na Europa, e segundo a mesma, não é uma coincidência ocorrerem no mesmo período de formação do capitalismo. Por mais que as mulheres também fossem exploradas muito antes do capitalismo, esse deu uma nova forma à opressão. Primeiramente, foi necessário um genocídio. As caças às bruxas consistem no assassinato em massa, feito pela Igreja Católica e pelos Estados, visando mulheres que tinham respeitabilidade e eram o pilar da comunidade, como curandeiras. Criaram a figura da bruxa para poderem matar a figura da mulher. O capitalismo demanda uma subserviência que essas mulheres não continham. O terror é espalhado dessa forma, e a inquisição prende, tortura e mata de forma dolorosa.

Em seu livro intitulado "Necropolítica", Mbembe parte do conceito de biopoder de Foucault, mas vai além. Ao se perguntar como na prática o biopoder atua, o autor disserta que um Estado tem sua Soberania ditada pelo poder de escolher quem morre e quem vive (MBEMBE, 2018, p.5). Sua colocação se liga estreitamente à raça, mas devido ao devir-negro, Achille diz que essa lógica é aplicável à outros grupos sociais como imigrantes, indígenas, mulheres, etc. Sendo assim, a relação de Silvia Federici e Achille Mbembe é plausível. Em relação à história brasileira desde o período de colônia, se refletirmos a partir da obra filosófica de Mbembe podemos colocar que a Soberania nesse caso era transpassada pela colonialidade. Suas táticas de genocídio eram ligadas à ocupação, extração e inferiorização de um território como sua colônia.

## **DESAFIOS DO HOJE E DO AMANHÃ**

Teorizar sobre o Brasil Colonial, exige racializar todas as discussões. Analisar o Brasil sem que a raça seja uma questão fundante, e não apenas um adereço é como querer que a água não seja molhada. Tal como priorizamos a questão de gênero como método, é preciso que seja feito o mesmo com a raça.

No entanto, existem diversos obstáculos e implicações em categorizar a raça das mulheres presentes nos documentos, já que essa informação nem sempre está escrita e pode apresentar nomenclaturas diferentes das utilizadas atualmente.

Porém, a dificuldade de definir não exige da importância de contemplar o debate. Para isso, utilizo principalmente o conceito de Lélia Gonzalez: “amefricanizar o feminismo”. A África e a América têm uma ligação substancial provocada pela diáspora, e entender as condições de existência, vivência e cultura das mulheres é olhar para a sociedade escravista da América Portuguesa ao mesmo tempo em que para a África. (GONZALES, 1984, p.236) Um desafio que ainda está sendo contemplado pelo Projeto, e encontra dificuldades de ser substanciado devido a falta de investimento na ciência brasileira.

Tanto os identificadores de raça, classe, gênero, sexualidade, regionalidade dentre outros estão em uma relação dialética temporal; dessa forma o passado e o presente conversam de forma não linear e inacabada. As instituições opressivas que foram estruturais para a sociedade colonial, tem ligações com a atualidade, pois a atravessam pelo prisma da longa duração. Por isso, as histórias encontradas nas documentações geram identificações muito fortes com histórias que acontecem hoje como por exemplo as de violência sexual e resistência ao sistema e relações hierarquizadas.

O tempo é uma construção social, não um dado natural, que é analisado a partir da ótica daquele que faz a pesquisa. Sendo assim, na História enquanto ciência, a relação aparentemente linear entre passado, presente e futuro é ilusória. Há o presente, que modula o passado em suas perguntas e novos questionamentos, já que é dessa forma que se renova a historiografia, sendo esse o significado de Ciência – o trabalho coletivo que tem como método indagar o desconhecido. Como diria Margareth Rago, a História não descreve ou narra o passado, mas constrói um discurso sobre ele (RAGO, 1995 p.84). E a partir dos temores e questões do presente que revisitam o passado, projetamos o futuro. Controlar a narrativa do passado é um importante passo para ser dono do amanhã, como pretendem os regimes fascistas, por exemplo. Não à toa, o nazismo possuía um discurso mitológico sobre o arianismo que via a eugenia como forma para a utopia.

Sendo assim, pesquisar sobre algo que ocorreu é tomar como necessário o ativismo. Quando a academia descolou política da ciência? Quando optou pela renovação cerceada? O debate sobre os limites de atuação e deveres da intelectualidade na política, e principalmente na gestão pública, no cenário brasileiro podem ser encontrados na Era Vargas, na qual a expressão “torre de marfim” é preocupante. A partir dos anos 1960 a explosão pela luta de direitos civis dos negros nos Estados Unidos e sua forte reverberação na academia, e claro, a ditadura militar brasileira e seus longos 21 anos tornou a querela muito mais urgente.

Entretanto, ainda hoje a essência da separação sociedade civil e intelectualidade é vivida na necessidade de distinção entre esses dois grupos, mas a sala dos professores é um refúgio permeável e momentâneo no qual os acadêmicos não podem mais se camuflar. A ciência e a pesquisa acadêmica são sufocadas pela fome de verba, desmontadas pela ideologia em vigor. Sendo assim, fazer ou não parte da política não é uma escolha quando sua própria existência está ameaçada.

Situando-se em um cenário de ataque e constrangimento à democracia, no ano de 2019, a equipe da Frente de Extroversão optou por adentrar mais na relação entre pesquisa acadêmica e divulgação por meio da internet. O próprio catálogo ser disponibilizado online sem nenhum pré-requisito ou cobrança financeira já demonstra o entendimento de que as ciências humanas precisam usar os recursos tecnológicos disponíveis, sendo as humanidades digitais um tipo de ferramenta imprescindível para o Projeto M.A.P. Dessa forma, concluímos que utilizar as redes sociais é uma forma cabível de divulgação do catálogo para aqueles que não necessariamente estão ligados à universidade, além de ser um espaço acolhedor para a disseminação de informações científicas críveis.

Desde o ano de 2020 até o momento atual, gerencio as redes sociais do M.A.P., sendo elas *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*. O algoritmo interno de cada uma dessas empresas é um desafio para a comunidade acadêmica, pois é preciso se situar no mesmo espaço em que diversas informações falsas e discursos de ódio são propagados em velocidades preocupantes, além de produzir um conteúdo visualmente atraente e com embasamento bibliográfico constantemente. O tempo da pesquisa, no entanto, é bastante diferente do tempo das postagens, o que novamente

leva o algoritmo a não priorizar perfis que interagem esporadicamente. No entanto, todas essas questões são parte de um caminho que devemos adentrar cada vez mais.

## RESULTADOS

O Projeto M.A.P. apenas iniciou a sua vida, e ainda há muito trabalho a ser feito. Dezenas de documentos que estão sendo transcritos e revisados; somos atualmente mais de 20 pesquisadoras que atuam em diferentes frentes que são a de Extroversão, Computacional, Filológica e de Ensino; pessoalmente atuou na Frente de Extroversão, na qual trabalhei com divulgação científica em mídias sociais no período de abril de 2019 até novembro de 2019, retornando em maio de 2020, e na Frente Filologia, que é responsável por trabalhar mais diretamente com os documentos.

Já havia concluído um PUB na modalidade pesquisa em 2018-2019, quando conheci de fato o projeto e apresentei no SIICUSP junto de três outras colegas. Assim como participei de uma apresentação coletiva sobre o Projeto M.A.P. e sua relação com a memória em 2019 no VIII Seminário Hispano-brasileño Investigación en información, documentación y sociedad, e no ano de 2020 apresentei esta iniciação científica no SIICUSP.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, M.; SANTOS, M. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79. 2007, pp.95-111.

BACELLAR, C. *A mulher em São Paulo colonial*. Espado, Tiempo y Forma, Serie IV, Hf Moderna, t. 3, 1990, pp. 367-386.

DIAS, Maria Odila da Silva. Mulheres sem história. *Revista de história*, 1983, p. 33.

\_\_\_\_\_. *Quotidiano e Poder Em São Paulo no Século XIX*. Brasiliense, 1995.

DURAN, M.; BENTIVOGLIO, J. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. *Dimensões*, v. 30, 2013, pp. 213-244.

FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa*. Editora Elefante. São Paulo, 2017.

FERREIRA, M. Dicionário de ensino de História. FGV Editora. São Paulo, 2019, pp.155-161.

FREITAS, P. A mulher é o seu útero. A criação da moderna medicina feminina no Brasil. *Antíteses*, v.1, n. 1, jan-jun de 2008. pp.174-187.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LACERDA, M. Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2010.

MACHADO, M.. Verbete "Mulher, Corpo e Maternidade. In: SCHWARCZ, L; GOMES, F. *Dicionário da Escravidão e da Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 334-342.

MATOS, M. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu* (11) 1998. pp.67-75.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. N-1 edições, 2018.

MELO, E. Feminismo: velhos e novos dilemas uma contribuição de Joan Scott. *Cadernos Pagu* (31), julho-dezembro de 2008.

MENDONÇA, J.; RIBEIRO, P. Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX. *Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara. v. 5, n.1 (2010).

OLIVEIRA, L.; JACÓ-VILELA, A. A mulher nas narrativas do saber médico na transição entre os séculos XIX e XX. *Quaderns de Psicologia* | 2017, v. 19, n. 3, 241-251.

OLIVEIRA, E. Resenha A mulher na História do Brasil de Mary del Priore. *Cad. Pesq.* (70) agosto de 1989.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp; 2004.

RAGO, M. In: SILVA, Z. *Cultura Histórica em Debate*. As mulheres na historiografia brasileira. São Paulo: UNESP, 1995.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Companhia das letras. São Paulo, 2007.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Educação & Realidade. v. 20, n. 2 (1995).

SCHWARTZ, S. Mentalidades e estruturas sociais no Brasil colonial: uma resenha coletiva. *Economia e Sociedade*. Campinas, dez 1999: 129-132.

TILLY, L. Gênero, História das mulheres e História Social. *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 29-62.

# Fome e Abastecimento em Portugal no Final da Idade Média (1270-1496)

*Rudyard Rezende Vera*

**RESUMO:** Parte da historiografia sobre os séculos XIV e XV caracteriza o período como uma época de fome generalizada, fator que, somado a pestilências e guerras, recebeu a denominação de “Crise do Século XIV” ou “Crise do Feudalismo”. No tocante à fome, aspecto abordado neste projeto, interpretações mais recentes nos revelam que este fenômeno não atingiu toda a Europa medieval ao mesmo tempo e da mesma maneira. Este projeto visa realizar um levantamento das menções à carestia nas fontes portuguesas de 1270 ao final do século XV, utilizando desde crônicas reais, como as Crônicas de D. Fernando e as Crônicas de D. João, passando por crônicas de cunho religioso, como as Crônicas dos Carmelitas, e até coletâneas de documentos, como as Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481. A partir dessa coleta de dados, buscamos entender como se deu a “conjuntura de 1300” em Portugal, ou seja, compreender de que maneira as situações de fome, peste e fenômenos climáticos se articulavam. Dessa forma, realizando uma análise pautada no levantamento do campo semântico das fontes e considerando a retórica existente nestas, reuniremos mais informações sobre o contexto português na Baixa Idade Média, algo ainda não explorado pela historiografia recente.

As informações obtidas nesse levantamento serão organizadas em fichas digitais que, por sua vez, serão inseridas em uma plataforma digital do projeto QFAME, fruto de uma colaboração entre a Universidade de São Paulo, a Université Libre de Bruxelles e a Universitat de Barcelona.

**PALAVRAS-CHAVE:** Portugal; Baixa Idade Média; Fome.

## O ABASTECIMENTO E A GUERRA NAS FONTES PORTUGUESAS

Ao longo de nossa pesquisa, ficou claro que a análise das menções à fome e à carestia nas fontes portuguesas da Baixa Idade Média nos permitia relacionar as guerras com os fenômenos de abastecimento. A recente historiografia portuguesa (como, por exemplo, André Bertoli<sup>1</sup> e Leandro Ferreira<sup>2</sup>) afirma que as estratégias de guerra enxergavam os não combatentes como alvos que importava anular, e não meros colaterais.<sup>3</sup> Em nossas fontes, podemos visualizar esses momentos em algumas ocasiões.

Discorrendo sobre a trajetória das forças de D. João de Castela até Lisboa, às vésperas do famoso cerco de Lisboa de 1384, Fernão Lopes narra como as tropas castelhanas, estabelecidas na região de Monte Olivete (atual Espanha), passaram boa parte do dia “cortando árvores e vinhas, e fazendo todo dano que podiam” no território inimigo.<sup>4</sup> Em sua Crônica de D. Pedro I, o cronista também descreve uma passagem envolvendo a destruição do território durante conflitos militares, mas com ênfase nas cidades: quebrada a trégua de um ano entre o rei D. Pedro de Castela e o rei de Aragão, imposta em 10 de maio de 1357, o segundo juntou suas forças e, juntamente com o infante D. Fernando, marquês de Tortosa, fizeram muitos danos às terras castelhanas. Nas palavras do cronista:

<sup>1</sup> BERTOLI, André Luiz. *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367-1481*. Tese de Doutorado em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016.

<sup>2</sup> FERREIRA, Leandro R. Recrutar. *Produzir. Abastecer: repensar a produção e o comércio agrícolas em tempo de guerras (1369-1400)*. Porto: Medievalista online, n. 18, dezembro de 2015, pp. 1-44.

<sup>3</sup> BERTOLI, André Luiz. *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367-1481*. Tese de Doutorado em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016, pp. 75-76.

<sup>4</sup> LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*, v. 1. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p. 217.

Onde sabeis, que por este aso não embargando que ainda durasse a tregua de um anno, que o cardeal puzera entre el-rei Dom Pedro e el-rei de Aragão, que tanto que o conde Dom Henrique soube como Dom Fradarique, ser irmão, era morto, e isso mesmo disseram ao infante Dom Fernando, marquez de Tortosa, da morte do infante Dom João, seu irmão, juntaram logo suas gentes e entraram por Castella. E o conde entrou por terra de Soria, e chegou á villa de Seiron, e a rombou, e combateu o castello e alcaçar cuidando de o tomar, e tornou-se para Aragão; e o infante Dom Fernando entrou pelo reino de Murcia, e fez muito damno n'aquella terra.<sup>5</sup>

Outra ocasião durante as guerras que comprometia o abastecimento das localidades portuguesas na Baixa Idade Média e que se mostra presente nas crônicas analisadas são as cavalgadas. Na Crônica de D. João, Fernão Lopes relata a cavalgada do guerreiro português Antão Vasques, em outubro de 1385. De acordo com o cronista, Vasques teria reunido aproximadamente 500 homens e comandou, desde Serpa para uma incursão em terras castelhanas, uma cavalgada que resultou no saque de 5000 ovelhas, 4000 vacas e 1000 porcos, além de capturar 10 cativos castelhanos<sup>6</sup>, dentre os quais estava o lavrador Ascenso Martins de Arouche. A presença do lavrador entre os cativos reforça a importância de capturar os “não combatentes”, como exposto anteriormente.

Rui de Pina, em sua Crônica de D. Afonso V, também relata um episódio de pilhagem semelhante ao narrado por Fernão Lopes. Durante as disputas regenciais entre Leonor de Aragão, mãe de D. Afonso V, e o Duque de Coimbra, Dom Pedro, a regente D. Leonor foi afugentada na região do Crato e encontrou refúgio com o prior do local. Com o comprometimento do abastecimento do castelo que a abrigava – graças

---

<sup>5</sup> LOPES, Fernão. *Chronica de El-Rei D. Pedro I*. Lisboa: Escripório, 1895, pp. 92-93.

<sup>6</sup> “e com o prazer desta boa andança se vieram a Serpa, de onde haviam partido, com toda a cavalgada que traziam, que eram quatro mil vacas, e cinco vil ovelhas, e até mil porcos, e dez prisioneiros, entre os quais vinha Ascenso Martins de Arouche, lavrador, que deu por si a rendição de cem mil réis de prata; e ali partiram todo com grande sabor e ledice, e tornaram-se bem contentes para os lugares de onde eram.” In: LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*, v. 2. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, pp. 144-149.

às tropas de D. Pedro – D. Leonor e o Prior do Crato tiveram de recorrer às forças de Castela para garantir sua sobrevivência<sup>7</sup>. Assim, mediante pagamento, os refugiados conseguiram o socorro de Dom Afonso Anriquez, que estava em Castela na Vila de Alconchel com 160 homens. Entre dezembro de 1440 e fevereiro de 1441 (a crônica não menciona uma data exata), Afonso Anriquez marchou para Crato e abasteceu seu arraial pelo caminho, tomando à força trigo, cevada e gado, chegando até mesmo a matar alguns dos que se opunham à pilhagem e tentavam proteger seus bens.<sup>8</sup>

Outro aspecto da guerra que também comprometia o abastecimento de localidades portuguesas era a guerra naval. Fosse através de práticas de pirataria ou corso, por bloqueios navais ou pelo desvio de navios mercantes para a guerra<sup>9</sup>, algumas rotas de abastecimento eram comprometidas em tempos de conflito.

---

<sup>7</sup> “Sendo a Raynha e o Prior atalhados, pera dos lugares vezinhos, nem do Reino já nom averem mantimentos, e assy sentyndo já o engano que de seus aliados em seu movimento receberam, nom fycou aberta outra porta d’esperança, de socorro e provysam senam a de Castella.” In: PINA, Rui de. *Crônicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão editores, 1977, pp. 672-673.

<sup>8</sup> “Pello qual a peso de suas joyas e baixellas, mandaram pera soldo vir ao Crato hum Dom Afonso Anriquez, que estava em Castella na Vylla d’Alconchel, com atée sessenta de cavallo e cento homens de pé, com os quaaes, e com os do Crato antes de receberem mais ympedimentos e affrontas, trabalharam de per força se bastecer de trygo, cevada, e gados pellos lugares d’arredor, antre os quães foy cabeça da Vyde, que Dom Afonso foy barrear, e roubar com cento e LXXX. de cavallo e duzentos de pé, e recolheo o despojo ao Crato, sem aver no lugar nem no camynho outra registencia, salvo a que os d’Alter do Chaaó lhe quyseram fazer, que por nom serem cautelosos no auto da guerra, foram tambem de Dom Affonso desbaratados, e alguns de huma parte e da outra mortos, e muytos feridos, com que todo ho Reino e pryncipalmente os daquella Comarca, foram pera os do Crato muy yndinados, e da Raynha muy descontentes.” In: PINA, Rui de. *Crônicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão editores, 1977, p. 673.

<sup>9</sup> Sobre o assunto: DUARTE, Luís Miguel. A Marinha de Guerra. A Pólvora. O Norte de África. in BARATA, Manuel Themudo e TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.) – *Nova História Militar de Portugal*. v. I. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004, pp. 290-442.

É possível analisar um exemplo desses bloqueios navais no volume II da Crônica de D. João I. Fernão Lopes conta como, durante os acontecimentos da Revolução de Avis, mais especificamente em 1385, as forças do então Mestre de Avis e futuro rei de Portugal, D. João I, conseguiram controlar os portos de Lisboa e instaurar um bloqueio marítimo que impossibilitava toda ajuda e chegada de mantimentos para a cidade. Chegou ao conhecimento do Mestre de Avis que, como consequência de tal bloqueio, “a çidade de Lixboa estava muy aficada, assy de mimguoa de mamtimentos que no tinha, como da guerra que lhe faziaõ os logares darredor que sua voóz tinhaõ”<sup>10</sup>, e, assim, dois caminhos se dariam: a cidade se renderia perante suas tropas, ou ele a tomaria pela força, aproveitando-se da fragilidade decorrente da falta de recursos.

Além de tais bloqueios marítimos, os exércitos podiam também recorrer a táticas de cerco para superar seus inimigos. Podendo ou não ser precedidos pelas já mencionadas cavalgadas, os cercos tinham o objetivo de isolar o inimigo, buscando vencê-lo pelo desgaste ao entregar-lhe à fome, à sede, às doenças e ao moral baixo.

Os bloqueios das rotas de abastecimento dos sitiados era uma ação fundamental no início do estabelecimento do cerco, e tinha por objetivo provocar uma escassez de mantimentos que levasse os defensores à rendição e entrega do local. É possível visualizar um exemplo dessa falta de mantimentos em decorrência de cercos na Crônica de D. Fernando. Fernão Lopes nos conta como, durante as guerras entre D. Henrique e D. Pedro, o primeiro decidiu cercar a cidade de Toledo, que tinha voz por D. Pedro. D. Henrique, então, juntou seus aproximadamente mil homens e cercou todo o arraial de Toledo, fazendo também uma ponte de madeira no rio Tejo e estabelecendo uma pequena base militar ali, para interceptar possíveis mantimentos. Esse cerco foi iniciado no dia 30 de abril de 1368<sup>11</sup>. Dez meses e meio depois, o cronista descreve um cenário negativo dentro das muralhas de Toledo: “era já o logar mui minguido de gentes e de mantimentos, em guisa que comiam cavalos e

<sup>10</sup> LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*, v. 2. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, pp. 59-60.

<sup>11</sup> LOPES, Fernão. *Chronica de El-Rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escripório, 1895, p. 64.

mulas e valia a fanga de trigo mil e duzentos maravedis.” O rei D. Pedro, ciente da situação, percebeu que os sitiados não aguentariam muito mais e reuniu suas tropas para avançar contra as forças de D. Henrique e libertar a cidade.<sup>12</sup>

Outro relato de cercos que buscavam interceptar os mantimentos dos sitiados aparece na Crônica de D. Afonso V, de Rui de Pina. O cronista narra como, durante os conflitos regenciais entre D. Leonor e D. Pedro, organizaram um cerco sobre o castelo de Lisboa, que abrigava Dom Afonso, senhor de Cascais, e seu filho D. Fernando, ambos apoia-dores da regente D. Leonor de Aragão. Sentindo que a cidade tomava o lado de D. Pedro, Duque de Coimbra, os dois se refugiaram no castelo, que logo foi sitiado:

Os da cidade vendo a contumacia, e ousadia de Dom Afonso, receosos de poder ser com algum fundamento, que a elles podesse ao diante trazer dano, e perigo, per acordo geeral que sobr'ysso ouveram, foram cercar o Catello, e o vallaram d'arredor, e lhe posaram estancias e guardas, pera que de noite nem de dia nom entrasse nem sahisse delle alguma pessoa, nem os de dentro podessem receber socorro, aviso, nem mantimentos.<sup>13</sup>

Pina relata que, como D. Afonso e seu filho entraram no castelo rapidamente e sem preparo, ficaram sem mantimentos em um curto espaço de tempo e, após a escassez, abandonaram o castelo às mãos do infante D. João, que tinha voz pelo Duque de Coimbra.

Talvez o caso mais impactante de crise de abastecimento nas crônicas de Fernão Lopes seja o do já mencionado cerco de Lisboa de 1384, narrado no primeiro volume da Crônica de D. João. Em maio de 1384, durante as batalhas do Interregno, D. João I de Castela estabeleceu um eficaz bloqueio logístico à cidade de Lisboa, com frotas interceptando

<sup>12</sup> “El-rei D. Pedro, que havia novas do logar quanto havia mister seu acorro e que se não podia longamente ter, por azo da fome que n'elle havia, mandou chamar todos os que sua parte tinham, e tratou com el-rei de Granada que lhe desse ajuda d'algumas gentes (...) com intenção de acorrer a Toledo.” In: LOPES, Fernão. *Chronica de El-Rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escripório, 1895, p. 70.

<sup>13</sup> PINA, Rui de. *Crônicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão editores, 1977, p. 632.

mantimentos na região do Tejo e de Almada desde 26 de maio e com infantaria por terra desde o dia 29 do mesmo mês. A cidade, onde se encontrava o Mestre de Avis, futuro D. João de Portugal, ficou sitiada até o dia 4 de setembro, quando, graças a epidemia de peste que assolou o arraial inimigo, D. João de Castela decidiu retirar suas forças do cerco.<sup>14</sup> Contudo, apesar desse recuo das forças castelhanas, o bloqueio foi extremamente prejudicial para os lisboetas enquanto durou.

As consequências do cerco foram tamanhas, que Fernão Lopes dedicou um capítulo inteiro para as narrar. No capítulo “Das tribulações que Lixboa padeçia per mimgua de mantimentos”, o cronista descreve como, em um primeiro momento, a alta de preços dos alimentos acentuou as diferenças sociais, afetando somente aqueles que não tinham dinheiro para se alimentar. Contudo, com a continuidade do cerco, a escassez de mantimentos chegou a tal que também os nobres da cidade tiveram de recorrer a dietas alternativas, alimentando-se da carne dos cavalos e outros animais de carga:

Das carnes, isso meesmo, avia em ella grande mimgua; e see alguns criavam porcos, mantiinháse em elles; e pequena posta de porco, vallia çimquo e seis livras que era huua dobra castelláa; e a galinha, quarenta soldos; e dúzia de ovos, doze soldos; e se almogavares traziam alguns bois; valia cada huu sateemta livras, que eram quatorze dobras cruzadas, vallemdo emtom a dobra çimquo e seis livras; e a cabeça e as tripas, hua dobra; assi que os pobres per mimgua de dinheiro, nom comiam carne e padeçiam mal; e começaram de comer as carnes das bestas, e nom somente os pobres e mimguados, mas grâdes pessoas da çidade, lazerando nõ sabiam que fazer.<sup>15</sup>

Entretanto, as dificuldades de abastecimento não pararam por aí. Como consequência do aumento dos preços por conta da extrema falta de mantimentos dentro de Lisboa, os lisboetas optaram por expulsar os mais pobres e aqueles que não contribuía para a defesa da cidade: “e

<sup>14</sup> LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*, v. 1. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, pp. 274-276.

<sup>15</sup> LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*, v. 1. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, pp. 306-307.

veemdo a gram mingua dos mantiimentos, estabelleçerom deitar fora as gemtes mimguadas e nom perteeçemtes pera deffemssom; e esto foi feito duas ou três vezes, ataa lamçarem fora as mancebas mundairas e Judeus e outras semelhantes.”<sup>16</sup> Como salientado por Manuela Catarino, é possível perceber, nesse episódio narrado por Fernão Lopes, como o espaço citadino vai pouco a pouco perdendo os seus meios de sustento com decorrer dos dias.<sup>17</sup>

Por fim, os conflitos também podiam interferir no abastecimento das localidades ao atrair recursos financeiros que acabavam por comprometer o poder de compra de alguns grupos sociais através do aumento dos preços dos alimentos. Trazendo essa constatação para o universo português, e através da leitura das nossas fontes, temos como exemplo do aumento de preços em tempos de guerra uma passagem no volume I das Crônicas de D. Fernando, na qual D. Fernando estabeleceu a fixação dos preços em tempos de necessidade<sup>18</sup>. Além disso, o rei também tomou providências visando “impedir a exploração do consumidor pelo intermediário e para colocar cereais em mercado; todo o pão encovado teria de ser posto à venda pelos preços estabelecidos; esgotado este, seriam obrigados os lavradores a vender o cereal de suas novidades”<sup>19</sup>.

Antônio H. Oliveira Marques, no capítulo 11 de sua “Introdução à História da Agricultura em Portugal”, relata como essa conjuntura para a qual D. Fernando buscava soluções fora causada pelo próprio rei

<sup>16</sup> LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*, v. 1. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p. 306.

<sup>17</sup> CATARINO, Manuela. *A Fome e a Abundância. Lisboa cercada na prosa de Fernão Lopes*. 1 Congresso A Nova Lisboa Medieval, Lisboa: Colibri, 2005, p. 118.

<sup>18</sup> “E disse que, porquanto era direito escripto que cada um deve de ser constringido para vender as cousas que tiver para uso e mantimento dos homens por preço aguisado em tempos de necessidade, que porém mandava que todo o pão dos rendeiros e dos outros, que o tivessem em celeiros e encovado, fosse vendido primeiramente, e depois que este falecesse que então constringesse mos que tivessem de sua colheita, se mister fizesse.” In: *Chronica del-rei D. Fernando*, v. I, p. 179.

<sup>19</sup> OLIVEIRA MARQUES, Antonio R. *Introdução à História da Agricultura em Portugal: a questão cerealífera durante a Idade Média*, 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1968, p. 259.

português e suas “aventuras guerreiras”. De acordo com o historiador, “não apenas as requisições forçadas de viandas para o exército e para as galés, como também as devastações da guerra, originaram uma falta de todos os mantimentos e subida geral de preços, que a desvalorização ainda acentuava”<sup>20</sup>. Se recorrermos à fonte, Fernão Lopes conta como tal conjuntura foi fruto das medidas econômicas adotadas por D. Fernando que, durante a guerra com D. Henrique de Castela, “lhe conviera mandar fazer moedas de desvairadas leis e preços, por melhor poder pagar as contias e soldos e as outras despesas que lhe para tal guerra eram pertencentes”<sup>21</sup>. Em seguida, o cronista relata como D. Fernando, por “desencarregamento de sua consciência e em prol de seu povo”, reestruturou o sistema monetário português:

“Então mandou que as moedas que foram feitas em Lisboa e em Valença e no Porto valessem por esta guisa, a saber: os dinheiros que chamavam graves, que valiam quinze soldos dos dinheiros affonsis, que não valessem mais de sete, e as barbudas que valiam vinte soldos tornassem a valer quatorze; e os pilartes, que valiam cinco soldos, valessem três e meio; e os reaes de prata oito soltos”<sup>22</sup>

Contudo, mesmo após essa medida, as reclamações populares continuaram e levaram o rei a fixar o preço dos alimentos:

“E vendo el-rei que, não embargando este abaixamento das moedas, pelo costume que as gentes tinham de vender as cousas por preços desaguizados, olhando mais taes pessoas a própria prol que o bem comunal que todos devem desejar a querer, e que tarde ou nunca abaixariam d’elles, orneou almotaçaria em todas as cousas”<sup>23</sup>

<sup>20</sup> OLIVEIRA MARQUES, Antonio R. *Introdução à História da Agricultura em Portugal: a questão cerealífera durante a Idade Média*, 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1968, p. 259.

<sup>21</sup> LOPES, Fernão. *Chronica del-rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escriptório, 1895, p. 179.

<sup>22</sup> LOPES, Fernão. *Chronica del-rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escriptório, 1895, p. 178.

<sup>23</sup> LOPES, Fernão. *Chronica del-rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escriptório, 1895, pp. 178-179.

Procurei demonstrar neste tópico a intrínseca relação entre os conflitos militares e os fenômenos de abastecimento nas crônicas portuguesas da Baixa Idade Média que analisamos durante nossos meses de pesquisa. Fosse através de cavalgadas, pilhagens, bloqueios marítimos ou cercos, as guerras tinham papel importante na promoção de crises de abastecimento e episódios de fome nas localidades envolvidas. André Bertoli salienta, ainda, que, enquanto um dos lados era prejudicado pelos conflitos, sofrendo com a escassez de gêneros e a alta de preços, o gado, grãos e frutas roubados abasteciam outras regiões, alimentavam mercados e enriqueciam aqueles envolvidos nos saques e comércio desses produtos.<sup>24</sup> Uma passagem que nos permite uma reflexão nesse sentido está presente na Crônica de D. Afonso V: buscando socorrer D. Afonso V, seu pai, o príncipe D. João organizou suas tropas e marchou para Castella no início de 1476, entre janeiro e maio (a crônica não é precisa). Rumando até a cidade de Toro, onde estava o rei, D. João invadiu e saqueou a vila de São Felizes dos Galegos, que “combateo, e tomou per força, e foy toda roubada” e, em seguida, fez o mesmo com a vila de Ledesma, o que “deu ao arrayal dinheiro, mantimento e provysooes em abastança”.<sup>25</sup>

## O ABASTECIMENTO E OS FENÔMENOS CLIMÁTICOS NAS FONTES PORTUGUESAS

Como busquei expor até o momento, boa parte das menções aos fenômenos de abastecimento nas crônicas portuguesas têm vínculo, de fato, com situações bélicas e fiscais. Contudo, procurarei evidenciar agora algumas ocasiões em que fenômenos climáticos, como o inverno e tempestades, afetaram o abastecimento de algumas localidades portuguesas na Baixa Idade Média.

<sup>24</sup> BERTOLI, André Luiz. *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367-1481*. Tese de Doutorado em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016, p. 131.

<sup>25</sup> PINA, Rui de. *Crônicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão editores, 1977, p. 841.

Os fenômenos climáticos, por si só, nem sempre comprometiam o abastecimento das regiões portuguesas na Baixa Idade Média. Contudo, quando somados aos cercos militares e aos bloqueios marítimos, os invernos rigorosos e as tempestades potencializavam as dificuldades de abastecimento. No já mencionado trecho do volume I da Crônica de D. Fernando, Fernão Lopes evidencia essa potencialização: “El-rei D. Henrique, vendo que com tudo o que lhe feito havia não a podia tomar, desde ahi pelas grandes chuvas que estorvavam a vinda de mantimentos de que o arraial era já minguido, determinou de partir d’ali, havendo dois mezes e meio que jazia sobre ella.”<sup>26</sup> D. Henrique de Castela, em uma de suas guerras contra D. Fernando de Portugal, em 1370, cercou Ciudad Rodrigo por quase três meses, de janeiro a março. Ao fim desse período, como descreve Lopes, as chuvas e os bloqueios impediram a chegada de mantimentos a tal ponto que D. Henrique não sentia mais a necessidade de tomar a cidade, que estava em péssimas condições.

A Crônica de D. Fernando também nos oferece outro relato de como os fenômenos climáticos poderiam agravar as dificuldades de abastecimento provocadas pelas guerras. Ainda descrevendo as guerras fernandinas, Fernão Lopes relata as dificuldades enfrentadas pelas tropas portuguesas na região de Barrameda, em junho de 1370, durante o bloqueio do Rio Guadalquivir. Quando o inverno chegou, os soldados começaram a adoecer e os mantimentos tornaram-se escassos. D. Fernando, sabendo da situação de suas tropas, enviou biscoitos e outros mantimentos produzidos em Algarve e Lisboa para Barrameda, mas estes foram insuficientes para satisfazer as necessidades que se sentiam ali. O cronista escreve, então, que muitos desses indivíduos passaram a morrer de frio, fome e por ingerir alimentos com os quais não estavam acostumados. Infelizmente, Fernão Lopes não especifica que alimentos seriam estes. Por fim, o cronista afirma que tais dificuldades não impediram D. Fernando de manter seus homens ali por mais tempo.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> LOPES, Fernão. *Chronica de El-Rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escripório, 1895, p. 123.

<sup>27</sup> “Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de minguar, e morriam alguns e soterravam-n’os em terra, e d’ali os dessoterravam os lobos e comiam-n’os; e, posto que lhe el-rei mandasse navio com biscoito, que se fazia no Algarve e em Lisboa, e outros mantimentos e cou-

Nas crônicas reais analisadas em nossa pesquisa, estas foram as poucas menções que associavam fenômenos climáticos à fenômenos de abastecimento – há outras menções a tempestades e invernos rigorosos, mas elas não dizem respeito à escassez de mantimentos ou esterilidade do solo. Dessa forma, a partir da leitura das crônicas reais, torna-se evidente que, nesses documentos, as ocasiões de carestia e dificuldades de abastecimento tinham maiores ligações com as guerras e a distribuição de alimentos do que com os fenômenos climáticos. Assim sendo, é possível questionar a afirmação de Oliveira Marques sobre o “desfavor das condições naturais” como causa primeira na escassez de cereais em Portugal: “solos pobres ou pouco aptos às culturas arvenses e clima extremamente irregular estão na base de produções débeis, em manifesta insuficiência para abastecer o milhão de habitantes do Portugal medievo.”<sup>28</sup>

Partindo dos casos expostos, é possível refletir sobre o impacto dos fenômenos climáticos na agricultura portuguesa entre 1357 e 1433. Como proposto pelos autores do artigo “Cultural land use and vegetation dynamics in uplands of Portugal”, tais fenômenos podem ser considerados menos impactantes para a agricultura e o abastecimento se comparados às guerras do Interregno e suas consequências econômicas e sociais<sup>29</sup>. Alguns dos mapas confeccionados pelo projeto Portugal 1300<sup>30</sup> também permitem tal reflexão:

---

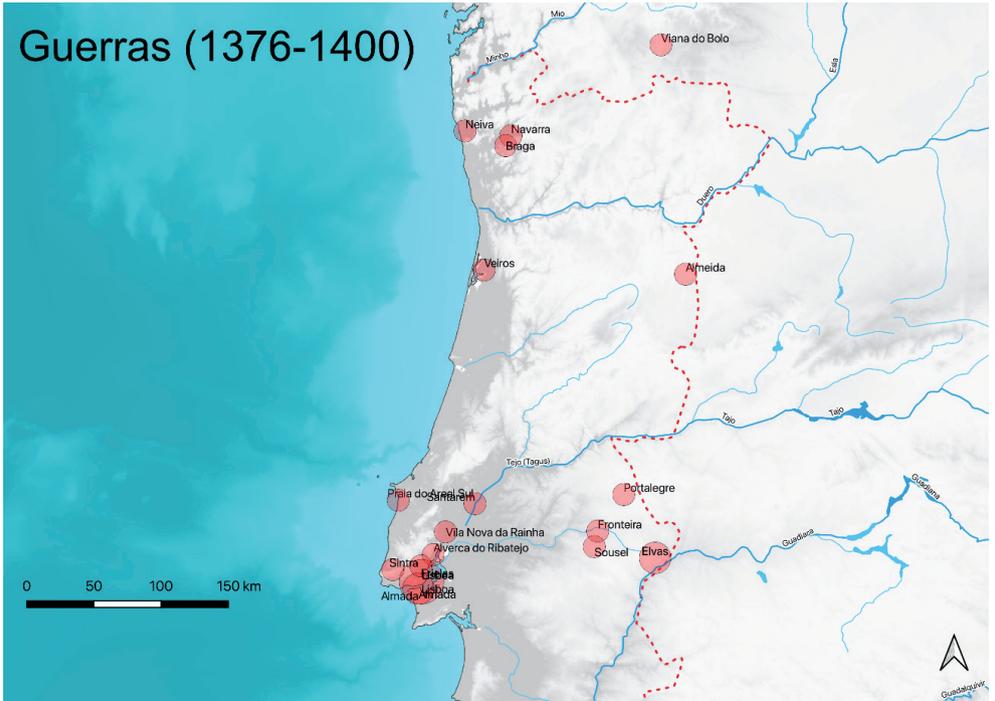
sas que lhe mister faziam, não era a abundancia tanta que lhe satisfazer podesse, em guisa que, por frio e fome e comer desacostumadas viandas, vieram muitos a morte e fraqueza e continuadas dores; e, se algum por morte ou fugimento falleciam da frota, logo era cumprido o conto d’outros tantos que novamente traziam a ella.” In: LOPES, Fernão. *Chronica de El-Rei D. Fernando*, v. I. Lisboa: Escripório, 1895, p. 128.

<sup>28</sup> OLIVEIRA MARQUES, Antonio R. *Introdução à História da Agricultura em Portugal: a questão cerealífera durante a Idade Média*, 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1968, p. 283.

<sup>29</sup> FERREIRA et al. “Cultural land use and vegetation dynamics in the uplands of Northern Portugal from the Middle Ages to the Modern period”, *Journal of Quaternary Science*, maio 2020, pp. 703-704.

<sup>30</sup> O projeto “Fome, clima e abastecimento em Portugal no Final da Idade Média” (Portugal 1300) é um grupo de pesquisa CNPq criado em julho de 2019, vinculado ao Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo (LEME-USP) e à cátedra Jaime Cortesão. Tal projeto é fruto de uma parceria

**Mapa 1: Menções aos conflitos catalogadas pelo projeto Portugal 1300. As menções neste mapa dizem respeito ao período entre os anos de 1376 e 1400.**



com a Université Libre de Bruxelles e busca, através da leitura das fontes portuguesas da Baixa Idade Média, alimentar uma plataforma virtual denominada QFame. Partindo do recenseamento de todas as menções à fome nas fontes escritas do Ocidente medieval, a plataforma tem como objetivo disponibilizar fichas digitais que servirão como ferramentas de pesquisa.



afetava o abastecimento de alguma forma. A hipótese defendida neste texto, dessa forma, é a de que a fome e as dificuldades de abastecimento aparecem como ações orquestradas nas crônicas de Fernão Lopes. Isto é, a culpa da carestia não seria das más qualidades da colheita, da agricultura, insuficientes para sustentar a população portuguesa na Baixa Idade Média. As dificuldades de abastecimento não são retratadas como problemas agrícolas. Pelo contrário, os cronistas parecem afirmar que a carestia, nos séculos XIV e XV, têm sua origem mais associada à ação humana e política, como na utilização da fome como arma de guerra<sup>31</sup> durante o cerco de Lisboa de 1384, ou no aumento dos preços de alimentos durante as Guerras Fernandinas, retratadas na Crônica de D. Fernando, forçando o rei a instaurar a fixação dos preços em tempos de necessidade.

## CONCLUSÕES DA PESQUISA

A seguir apresentarei os gráficos que resultaram do levantamento que fizemos em nossa pesquisa. É importante salientar que tais gráficos refletem os dados obtidos a partir desta pesquisa individual, e não aqueles apresentados pelo grupo Portugal 1300 na já mencionada Jornada Portugal 1300, que podem ser visualizados no YouTube, no canal da Cátedra Jaime Cortesão<sup>32</sup>. Sendo assim, a quantidade de menções que abordarei agora é ligeiramente menor do que aquelas tratadas nas exposições do grupo de pesquisa.

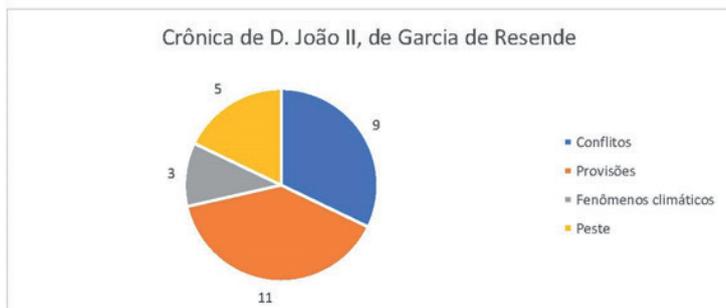
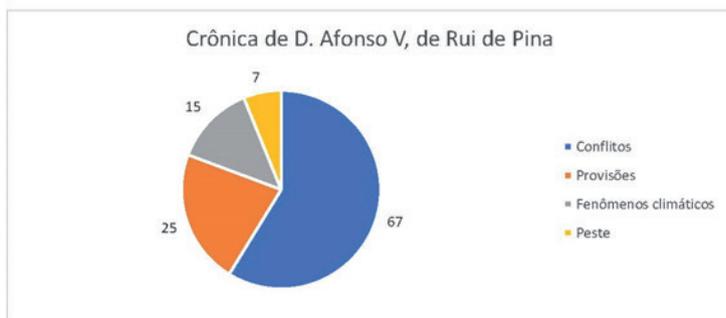
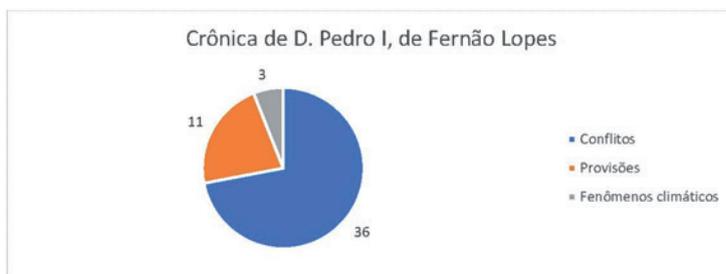
Os três primeiros gráficos que apresentarei dizem respeito às três primeiras crônicas que analisamos, são elas: Crônica de D. Fernando, Crônica de D. João I e Crônica dos Carmelitas. Como afirmei anteriormente, ao longo da pesquisa adaptamos nossa metodologia para abarcar todas as menções de conflitos, tendo em vista a importância atribuída a estas pelos cronistas. Assim sendo, será possível notar uma grande dis-

<sup>31</sup> BERTOLI, André Luiz. *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367-1481*. Tese de Doutorado em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016, pp. 75-76.

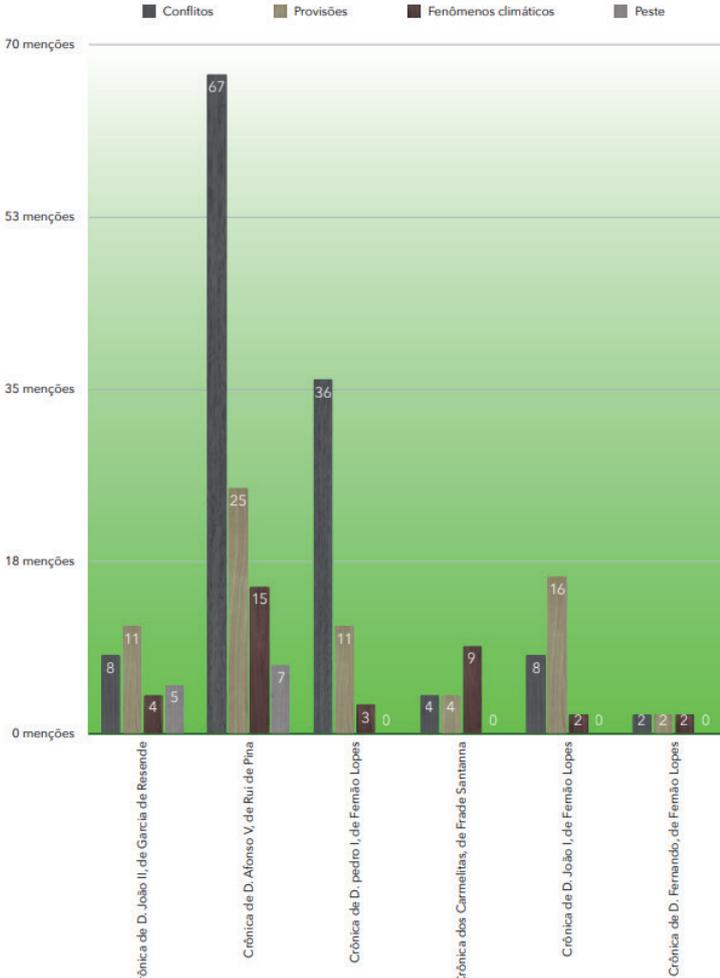
<sup>32</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=eenXI2EkqS8&t=1806s/>>

crepância na quantidade de menções aos conflitos nessas três primeiras crônicas, se comparadas às demais. Além disso, também é possível perceber como, dentre todas as crônicas analisadas, a Crônica dos Carmelitas é aquela que apresenta mais menções aos fenômenos climáticos.

Os três próximos gráficos dizem respeito às três últimas crônicas que analisamos: a Crônica de D. Pedro I, a Crônica de D. Afonso V e a Crônica de D. João II. Neles, a quantidade de menções à conflitos aumenta significativamente, tendo em vista que passamos a catalogá-los pensando na intrínseca relação entre guerras e abastecimento em nosso corpo documental.



Em sua totalidade, ao longo dos meses de pesquisa, chegamos nos seguintes dados: 125 fichas catalogando conflitos, 69 fichas dizendo respeito a provisões, 32 fichas relacionadas à fenômenos climáticos e 12 fichas sobre a peste. Tais dados podem ser visualizados no gráfico a seguir.

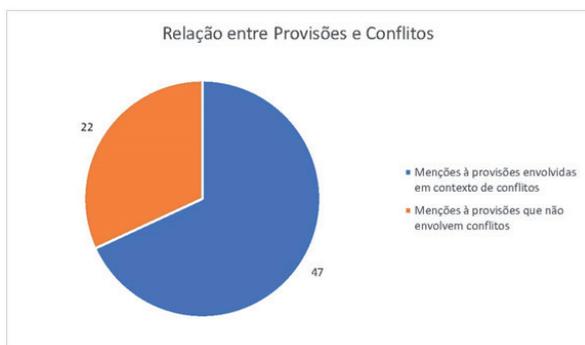


Número absoluto de menções a conflitos, pestes, provisões e fenômenos climáticos nas crônicas estudadas pela pesquisa.

Como mencionado anteriormente, o desenvolvimento da pesquisa nos levou a considerar necessária a catalogação de conflitos, mesmo

tendo como objeto de estudo principal às menções aos fenômenos de abastecimento.

É importante salientar que a grande maioria dos documentos que analisamos são crônicas reais, corpo documental que carrega um discurso favorável à monarquia portuguesa, independentemente de seu autor. Como procurei demonstrar no meu artigo “Portugal 1300: poder e escassez no final da Idade Média”<sup>33</sup>, os cronistas pertenciam à aristocracia, frequentavam a corte e participavam dos conflitos políticos do período. Dessa forma, tais indivíduos faziam da coroa e do rei o fio condutor e a centralidade de suas respectivas narrativas, entrelaçando as situações de conflito e abastecimento à suas figuras. Tal percepção nos levou a reorientar parcialmente nosso objeto: continuamos catalogando os eventos relacionados ao abastecimento português na Baixa Idade Média, mas se tornou impossível deixar de catalogar conflitos e eventos militares. O próximo e último gráfico evidencia a relação entre esses dois tipos de menção nos documentos analisados:



Partindo desses dados obtidos, acreditamos que, no corpo documental de nossa pesquisa, a fome e o abastecimento surgem como ação orquestrada. Isto é, a culpa da carestia não seria das más qualidades da colheita, da agricultura, insuficientes para sustentar a população portuguesa na Baixa Idade Média. O abastecimento não é retratado como

<sup>33</sup> VERA, R. R. Portugal 1300: poder e escassez no final da Idade Média. *Epígrafe*, 10(2), pp 751-776.

um problema agrícola. Os cronistas parecem afirmar que a carestia, nos séculos XIV e XV, pelo contrário, têm sua origem mais associada à ação humana e política, seja direta – como na utilização da fome como arma de guerra durante o cerco de Lisboa de 1384 – ou indiretamente, como no aumento dos preços de alimentos durante as Guerras Fernandinas, retratadas na Crônica de D. Fernando, forçando o rei a instaurar a fixação dos preços em tempos de necessidade.

Sendo assim, torna-se possível uma reinterpretação da história de Oliveira Marques, que, como mencionado anteriormente neste relatório, interpretava a carestia como resultado exclusivo da má qualidade do solo português e da improdutividade da agricultura em Portugal na Baixa Idade Média.<sup>34</sup> As crises agrícolas, nas crônicas reais portuguesas do período, são eventos bem localizados regional e temporalmente, diferentemente da paisagem alimentar portuguesa defendida por uma visão mais generalizadora que atribui ao século XIV um período de carestia geral sentida em todo o reino.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Primárias:

DE PINA, Rui. *Crônicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão – editores, 1977.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. Fernando*. 1 v. Porto: Civilização, 1979.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. Fernando*. 2 v. Porto: Civilização, 1979.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. Fernando*. 3 v. Porto: Civilização, 1979.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*. 1 v. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*. 2 v. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983.

<sup>34</sup> OLIVEIRA MARQUES, Antonio R. *Introdução à História da Agricultura em Portugal: a questão cerealífera durante a Idade Média*, 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1968, p. 283.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. Pedro I*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1895.

RESENDE, Garcia de. *Chronica de El-Rei D. João II*. Lisboa: Escriptorio, 1902.

PEREIRA DE S.<sup>ta</sup> ANA, Joseph. *Crônica dos Carmelitas da antiga e regular observância nestes reinos de Portugal, Algarves e seus Domínios*. 1 v. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM, 1745.

PEREIRA DE S.<sup>ta</sup> ANA, Joseph. *Crônica dos Carmelitas da antiga e regular observância nestes reinos de Portugal, Algarves e seus Domínios*. 2 v. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM, 1751.

## Historiografia

AMEAL, João. *História de Portugal*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1949.

BARATA, Manuel Themudo e TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*. v. I. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004.

BARLA, Nicolas. *Pour la necessitet du pouvre peuple*. La gestion des crises alimentaires dans les Pays-Bas méredionaux en periode d'affirmation des pouvoirs urbains et princiers (XI – XV siècle). FNRS: Université Libre de Bruxelles, 2019.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do Ano Mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BASTOS, Mario Jorges da Motta. Poder e Doença: Epidemias em tempos de centralização (Portugal – sécs. XIV/XVI). *Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Solis, 2005.

BERTOLI, André Luiz. *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367-1481*. Tese de Doutoramento em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016.

BOIS, Guy. *Crise du Féodalisme*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1981.

BOIS, Guy. *La Gran Depresión Medieval: siglos XIV-XV. El precedente de uma crisis sistémica*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2001.

BONNIVERT, Antoine. *La crosse, le glaive et le pain. Évêques et accès à la nourriture dans l'espace rhéno-mosan (XI-XV siècles)*. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, Faculté de Philosophie et Sciences sociales, 2020.

BRIDBURY, A. R. *The Black Death*. In: *The Economic History Review*, v. 26, n. 4 (1973), pp. 577-592.

BOURIN, Monique, DRENDEL, John et MENANT, François (org.) *Les Disettes dans la conjoncture de 1300 en Méditerranée Occidentale*. Collection de L'École Française de Rome, 450, Roma: École française de Rome, 2011.

BOURIN, Monique, MENANT, François et FIGUEIRAS, Lluís To (org.) *Dynamiques du Monde Rural dans la Conjoncture de 1300. Échanges, Prélèvements et Consommation en Méditerranée Occidentale*. Collection de L'École Française de Rome, 490, Roma: École française de Rome, 2014.

CAMPBELL, Bruce M. *Before the Black Death. Studies in the 'crisis' of the early fourteenth century*. Manchester: Manchester University Press, 1991.

CANDIDO DA SILVA, Marcelo. A Economia moral e o combate à fome na Alta Idade Média. *Anos 90*, v. 20, n. 38, pp. 43-74, 2013.

CATARINO, Maria Manuela S. C. *Na margem direita do Baixo Tejo: Paisagem Rural e Recursos Alimentares (séculos XIV e XV)*. Parede: Cascais, 2000.

COELHO, Maria Helena da Cruz. "O Estado e as sociedades urbanas", *A Génese do Estado Moderno no Portugal TardoMedieval (séculos XIII-XV)*. Ciclo de conferências, Lisboa: Universidade Autónoma, 1999, pp. 269-292.

COSTA, Leonor Freire, LAINS, Pedro e MIRANDA, Susana Münch. *História Económica de Portugal. 1143-2010*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.

DRENDEL, John. *Crisis in the Later Middle Ages. Beyond the Postan-Duby Paradigm*. Turnhout: Brepols Publishers, 2015.

DRESBECK, LeRoy. *Techne, Labor et Natura: Ideas and Active Life in the Medieval Winter*. In: *Studies in Medieval and Renaissance History, Volume II*. Committee for Medieval Studies, The University of British Columbia, 1978.

DUARTE, Luís Miguel. A História Económica do Portugal Medieval (Sugestões para uma recuperação). In: *VIII Congreso de la Asociación*

*Española de Historia Económica*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2005.

EDKINS, Jenny. *Whose Hunger? Concepts of famine, practices of aid*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

FERREIRA, Leandro R. Recrutar. Produzir. Abastecer: repensar a produção e o comércio agrícolas em tempo de guerras (1369-1400). Porto: *Medievalista online*, n. 18, dezembro de 2015, pp. 1-44.

FREITAS, Judith A. Gonçalves de. *O Estado em Portugal*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2011.

GENICOT, Léopold. *Comunidades Rurales en el occidente medieval*. Barcelona: Crítica, 1993.

GODINHO, Vitorino Magalhães. *Os descobrimentos e a economia mundial*. 2. ed. v. IV. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

GONÇALVES, Iria. À mesa, com o rei de Portugal (séculos XII-XIII). *História*: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n. 14, 2019.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Estudo das representações de monarca nas crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

JORDAN, Willian Chester. *The Great Famine: Northern Europe in the Early Fourteenth Century*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o dinheiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*. Niterói: Editora de Universidade Federal Fluminense, 2010.

MATTOSO, Antonio G. *História de Portugal* (2 volumes). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1938.

MATTOSO, José e SOUSA, Armindo de. *História de Portugal*, v. 2. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MONCLÚS, Pere Benito Y e OLIVA HERRER, H. R., ed.: *Crisis de subsistencia y crisis agrarias em la Edad Media*, Sevilla, 2007.

MONCLÚS, Pere i Benito. *El Rey frente a la Carestía. Polítiacas Frumentarias de Estado en la Europa medieval*. Lleida: Milenio, 2018.

MONCLÚS, Pere i Benito. *De Labrousse a Sen. Modelos de causalidad e paradigmas interpretativos de las crisis alimentarias preindustriales*. Lleida: Milenio, 2018.

Ó GRADA, Cormac. *Famine, a short story*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2009.

Ó GRADA, Cormac. *Eating People is Wrong: and other essays of famine, its past, and its future*. Oxford e Princeton: Princeton University Press, 2015.

OLIVEIRA MARQUES, Antonio R. *Introdução à História da Agricultura em Portugal: a questão cerealífera durante a Idade Média*, 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1968.

POSTAN, Michel M. *Essays on Medieval Agriculture and General Problems of the Medieval Economy*. Nova York: Cambridge University Press, 1973.

RAMOS, C., REIS, E. The floods in the South of Portugal in different kinds of drainage basins. *Finisterra*, XXXVI, n. 71, 2002.

REBELO, Luís de Sousa. *As Concepções de Poder em Fernão Lopes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

ROCHA, Ana Rita. “*Dar de comer a quem tem fome*”: a dieta alimentar dos pobres e doentes de Coimbra na Idade Média. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

SARAIVA, Antônio José. *O crepúsculo da idade média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal – estado, pátria e nação (1080-1415)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1979.

STONE, David. *Decision-making in Medieval Agriculture*. Nova York: Oxford University Press Inc., 2005.

SOUZA, Guilherme Queiroz de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). *Dicionário: cem fragmentos biográficos*. A idade média em trajetórias. Goiânia: Tempestiva, 2020.

UTTERSTRÖM, Gustav. Climatic Fluctuations and Population Problems in Early Modern History, *Scandinavian Economic History Review*, III. I. 1955.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O Sistema Mundial Moderno. v. 1 – A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

WILKIN, Alexis. *La gestion des avoirs de la cathédrale Saint-Lambert de Liège des origines à 1300*. Contribution à l'histoire économique et institutionnelle du pays mosan. Bruxelles: Académie Royale de Belgique, 2008. pp. 537-551.

WILKIN, Alexis. Time constraints on market activity and the balance of power in medieval Liège. *Continuity and Change*, v. 30, n. 3, 2015.

WOLFF, Phillippe. *Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZYLBERGELD, Léon. Le prix des céréales et du pain à Liège dans la première moitié du XIII siècle. *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 51, n. 2, 1973.